

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

MARIA DAS DORES MELO DE SOUZA

**PROPOSTA DIDÁTICA PARA O TRATAMENTO DO NEOLOGISMO SEMÂNTICO
POPULAR 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

RIO BRANCO – AC

2017

MARIA DAS DORES MELO DE SOUZA

**PROPOSTA DIDÁTICA PARA O TRATAMENTO DA NEOLOGIA SEMÂNTICA NO
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras, na Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Orientador: Dr. Alexandre Melo de Sousa

RIO BRANCO – AC

2017

MARIA DAS DORES MELO DE SOUZA

PROPOSTA DIDÁTICA PARA O TRATAMENTO DA NEOLOGIA SEMÂNTICA NO
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras, na Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa (orientador)

Rio Branco, _____ de _____ de 2018.

DEDICATÓRIA

Ao Otávio, meu pai; Maria Guimard, minha mãe; Maria Engraca, minha avó e ao Bruno e à Beatriz, meus dois filhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos meus familiares e amigos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa.

À Coordenação e aos professores do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Aos colegas da turma do PROFLETRAS.

RESUMO

A finalidade desta pesquisa é apresentar uma proposta didática para o tratamento da neologia semântica, direcionada ao nono ano do Ensino Fundamental II. Para isso, usamos como instrumento de trabalho as letras de música do cantor e compositor Gabriel O Pensador. Nessas letras são analisados os neologismos populares – gírias, com suas plurissignificações. Por intermédio deste trabalho é possível desmistificar o ensino da língua portuguesa com o foco unicamente na gramática e, além disso, mostrar que é principalmente na geração do léxico que ocorreram as evoluções na língua, já que é por meio dele que ela se renova. Enquanto diversas palavras caem em desuso, outras aparecem e, em algumas situações, o significante continua o mesmo, renovando-se o significado. Assim como objetos e valores mudam, a língua se renova/ inova por meio de transformações lexicais. O gênero textual letra de música e o gênero musical rap foram escolhidos para esta proposta por serem prestigiados pelos jovens e possibilitarem aulas dinâmicas, atraentes bem como aprendizagens significativas para os alunos, levando-os a refletir sobre o contexto sócio-histórico do Brasil. O trabalho fundamenta-se, principalmente, em Biderman (2001), Antunes (2007, 2009, 2012), Simões (2006), Alves (1994), Batista (2011), Bagno (2011), Preti (1984), Souza (2011) e Carvalho (2006). Como culminância da proposta de intervenção foi produzido pelos alunos um glossário das palavras e termos das letras das músicas: Chega, Rap do Mensalão, Pela paz a gente berra e Até quando, de Gabriel O Pensador, destacando os neologismos semânticos populares.

Palavras-chave: Léxico. Neologismo. Rap. Ensino.

ABSTRACT

The purpose of this research is to present a didactic proposal for the treatment of semantics neologism, directed to the ninth grade of elementary school II. For that, we use as a working instrument the lyrics of the singer-songwriter Gabriel O pensador. In those lyrics, the popular neologisms are analyzed – slang, with their pluri meanings. Through this work, it is possible to demystify the teaching of the Portuguese language with the focus solely on grammar and, Furthermore, it shows that it is primarily in the generation of the lexicon that has occurred the evolutions in the language, since it is the way, it renews itself. While several words fall into disuse, others appear and in some situations, the significance remains the same, renewing the meaning. As objects and values change, the language revamps/innovates through lexical transformations. The textual lyrics of music and the musical rap genre were chosen for this proposal by being prestigious by young people and enabling dynamic lessons, attractive as well as meaningful learning for students, leading them to reflect on the socio-historical context of Brazil. The work presented here is primarily based on Biderman (2001), Antunes (2007, 2009, 2012), Simões (2006), Alves (1994), Batista (2011), Bagno (2011), Preti (1984), Souza (2011) and Carvalho (2006). As culmination of the proposal for intervention, it was produced by pupils, a glossary of words and Terms of the lyrics: Chega, Mensalão Rap, Pela paz a gente berra and Até quando Gabrie O pensador's, highlighting the popular semantic neologisms.

Keywords: lexicon. Neologism. Rap. Teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo entre Lexicografia e Terminologia.....	17
Quadro 2: Critérios de classificação vocabular	19
Quadro 3: A função do verbete no dicionário de língua geral e no terminológico.....	24
Quadro 4: Seleção das composições, legenda e intérprete	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. AS CIÊNCIAS DO LÉXICO	11
1.1 LÉXICO	11
1.1.1 Lexicologia	13
1.1.2 Lexicografia	14
1.1.3 Terminologia	16
1.1.4 Palavra, vocábulo, termo e verbete	18
1.1.5 Dicionário, Glossário, Vocabulário	24
1.2 COMPETÊNCIA LEXICAL	26
1.2.1 O léxico e as relações de sentido	31
1.2.2 O léxico e o texto	34
1.2.3 Léxico e Gramática	38
1.2.4 Léxico e Variações Linguísticas	41
1.2.4.1 Variações de registro	41
1.2.4.2 Variações dialetais	43
2. NEOLOGIA E NEOLOGISMO	46
2.1 NEOLOGIA	46
2.2 NEOLOGISMO	47
2.2.1 Tipos de Neologismos	47
2.2.1.1 Neologismos Fonológicos	48
2.2.1.2 Neologismos Sintáticos	48
2.2.1.3 Outros processos	49
2.2.1.4 Neologismos por empréstimo	50
2.2.1.5 Neologismos por conversão	51
2.2.1.6 Neologismos semânticos	51
3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	62
3.1 METODOLOGIA	62
3.1.1 Por que o gênero música popular brasileira como instrumento	62
3.1.2 Por que o Rap como gênero musical?	64
3.1.3 Por que Gabriel O Pensador?	68
3.2 PROPOSTA DE ATIVIDADES	71
3.2.1 Objetivos	71
3.2.2 Conteúdos/Aprendizagens esperadas	72
3.2.3 Situação de ensino e aprendizagem	72
3.3 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE ATIVIDADES	80
3.3.1 Gênero musical Rap, Compositor e intérprete Gabriel O Pensador e Gíria	80

3.3.2	Leitura e análise da música Chega, de Gabriel O Pensador	82
3.3.3	Referencial teórico.....	84
3.3.4	Teoria e Prática	90
3.3.5	Interpretação das letras das músicas: <i>Pela paz a gente berra, Rap do mensalão e Até quando</i>	92
3.3.4	Glossário	97
CONCLUSÃO		101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		105

INTRODUÇÃO

A língua é o maior patrimônio cultural de um povo e se reinventa diariamente. No entanto, a maioria das escolas brasileiras não direciona seu ensino levando em consideração esse aspecto, ao contrário disso, fixa-se apenas na memorização de regras gramaticais ou exercícios de fixação, completamente descontextualizados e fora do cotidiano do aluno. Não leva em consideração os saberes adquiridos anteriormente e, muito menos, a evolução da língua que acontece por intermédio dos neologismos, deixando de lado o léxico, ou dando a ele uma importância mínima, diante da gama de contribuições que ele pode oferecer ao estudo da língua pátria. Nessa perspectiva, surgiu a necessidade da elaboração de uma proposta didática para o ensino de língua portuguesa, com o foco no tratamento do neologismo semântico popular.

Essa proposta foi realizada por meio do estudo do léxico, tendo como objeto de pesquisa as gírias encontradas nas letras de algumas músicas de Gabriel O Pensador, com o gênero musical Rap. A escolha desse gênero se justifica por fazer parte do cotidiano do aluno, servir como entretenimento, possuir informatividade e possibilidades múltiplas para se explorar a língua, principalmente, no que se refere à plurissignificação dos neologismos semânticos populares das palavras ou termos. Além dos neologismos semânticos populares, identificaremos, também, o contexto sócio-histórico do Brasil, temáticas abordadas, fatores que desencadeiam a temática e mensagem transmitida.

Outro aspecto do estudo da língua abordado nesta proposta é a leitura numa perspectiva crítica, de modo que os alunos possam refletir sobre a realidade da sociedade em que vivem e, a partir daí, possam interferir em seu meio social, posicionando-se como cidadão na busca de seus direitos e de uma vida digna.

Para estruturarmos este trabalho, o dividimos em quatro capítulos, assim distribuídos: O primeiro é a introdução. O segundo apresenta um estudo sobre as Ciências do Léxico. Para isso, iniciamos com a definição de léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia, palavra, vocábulo, termo, dicionário, glossário, vocabulário.

Dando continuidade ao segundo capítulo, discorreremos sobre competência lexical, na qual estão inseridos o léxico e as relações de sentido, o léxico e o texto, o

léxico e a gramática e, por último, o léxico e as variações linguísticas. Dentro deste último tema discorreremos sobre as variações de registro e as dialetais.

O terceiro capítulo é uma pesquisa sobre neologia e neologismo, que se iniciou com a diferença entre ambos, o conceito e a classificação de cada um. Na classificação dos neologismos, identificamos os fonológicos, sintáticos, através de cruzamento vocabular, reduplicação, derivação regressiva, por empréstimo, conversão e o semântico, no qual este trabalho está pautado. No neologismo semântico nos apropriamos do popular ou gíria, por se aproximarem da realidade dos alunos.

No quarto capítulo, apresentamos uma proposta de intervenção que se inicia com uma abordagem metodológica do trabalho, em seguida um breve levantamento sobre a importância do estudo de língua portuguesa por meio do gênero textual letra de música. Dentre os diversos gêneros musicais, optamos pelo rap, sobre o qual destacamos a origem, a retrospectiva histórica e as principais características.

Ainda nesse capítulo, relatamos a biografia do Gabriel O Pensador, intérprete das letras de música que trabalhamos. Em seguida, apresentamos uma proposta de intervenção, com as letras das músicas Chega, Rap do Mensalão, Pela paz a gente berra e Até quando, que culmina com a construção, pelos alunos, e exposição para a comunidade escolar, de um glossário com gírias populares, presentes nas letras das músicas

1. AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

1.1 LÉXICO

O que é léxico? Câmara Jr. (2004) o definiu no Dicionário de Linguística e Gramática como:

[...] sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado a parte do vocabulário correspondente às palavras, ou vocábulos providos de semantema, ou vocábulo que é lexema. Neste segundo sentido, o léxico se opõe à gramática, porque é a série dos semantemas da língua, vistos através da sua integração em palavras (CÂMARA JR., 2004, p. 157).

Câmara Jr. inicia o conceito de léxico comparando-o a vocabulário, não no âmbito geral, mas àquele correspondente às palavras que contêm sentido. Em seguida, opõe léxico à gramática, por considerá-lo como elemento de significado, com conteúdo e que pode transmitir mensagens, enquanto a gramática tem função apenas de fazer as conexões entre as palavras que formam o léxico. Welker (2005, p.15) descreveu a etimologia do léxico da seguinte maneira: “A palavra *léxico* vem do grego: “lexis” (palavra), “lexikós” (pertencente/concernente à(s) palavras e “lexikónn” (léxico/dicionário)”. Por essa descrição, entende-se léxico como palavras pertencentes a um dicionário. O autor não só concorda com o conceito de Léxico defendido por Câmara Jr. (1986), como também o amplia. Vejamos Welker (2005, p.15):

Na prática, o léxico é frequentemente considerado como conjunto de palavras com função não ‘gramatical’, isto é, dos nomes, verbos, adjetivos e da maioria dos advérbios; estão excluídos os morfemas presos [por exemplo, sufixos como *mente* e prefixos como *re*] e as chamadas palavras ‘gramaticais’, sendo que a fronteira é muito vaga (WELKER, 2005, p. 15).

Welker deixa claro que o léxico é formado por substantivos, adjetivos, verbos e alguns advérbios, classes de palavras responsáveis pela ampliação da língua portuguesa, já que é por meio delas que outras palavras são inseridas ao idioma.

Para Correia e Almeida (2012, p.11), “o léxico de uma língua é o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte”. Então, as autoras o definem como um vasto campo em que todas as palavras de uma língua estão inseridas. Biderman (2001, p.12), por sua vez, definiu léxico como

[...] um sistema aberto com permanentes possibilidades de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade linguística. (BIDERMAN, 2001, p.12).

Para a autora, léxico é um sistema aberto porque a língua portuguesa é viva e se transforma, enquanto algumas palavras caem em desuso, outras surgem e são incorporadas ao léxico existente, e é importante observar que essa ampliação acontece tanto no âmbito do indivíduo quanto no da comunidade na qual ele está inserido. Isso se dá devido à necessidade dos falantes de se expressarem dessa ou daquela forma, advindas de situações novas que ocorrem diariamente, provenientes de informações e situações que exigem essa ampliação e transformação.

Assim, o conhecimento científico baseia-se em pesquisas, observações e comprovações do objeto em estudo, para se fazer o estudo do léxico como ciência, foi necessário dividi-lo em partes, cada uma com sua especificidade. Segundo Oliveira e Isquierdo (2001, p. 09) “embora complementares entre si, essas áreas possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos”. Então, cada ciência preocupa-se com um aspecto do léxico e o estuda com todas as suas peculiaridades. São elas: lexicologia, lexicografia e terminologia. Trataremos a seguir de cada conceito separadamente.

1.1.1 Lexicologia

A Lexicologia é definida por Biderman (2001, p. 16) como “ciência antiga, que tem como objetos básicos de estudo e análise, a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”, é parte da Linguística que estuda o repertório geral de palavras existentes em uma língua sob diversas perspectivas – significados, classes e composições das palavras, classificações, evolução histórica, etc. Krieger e Finnato (2004, p. 43), por sua vez, definem a Lexicologia como “estudo científico do léxico, mais especificamente, das palavras de uma língua. Ocupa-se, portanto, do componente lexical geral, e não especializado, das línguas”. Isso significa que o repertório linguístico é ilimitado, o lexicólogo não pesquisa um ou outro aspecto do léxico, mas todos.

Para Biderman (2001), os princípios de análise linguística muito contribuíram para o estudo das redes semânticas lexicais. Segundo ela:

Ao nível do microcosmo lexical, cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que deve ser considerada segundo duas coordenadas básicas – o eixo paradigmático e o eixo sintagmático. Da conjugação dessas simples coordenadas resulta a grande complexidade das redes semânticas lexicais em que se estrutura o léxico, evidenciando como a palavra inserida numa cadeia paradigmática se articula em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto infinito de significações linguísticas (BIDERMAN, 2001, p.16).

Como Biderman (2001) cita, as redes semânticas lexicais proveem da escolha das palavras no eixo dos paradigmas e organizadas no eixo sintagmático. Dependendo da palavra selecionada, sua combinação e entrelaçamento com outras, adquire significações linguísticas diversas. As palavras não têm um único

significado, elas adquirem significação dependendo do contexto no qual estejam inseridas.

Krieger e Finnato (2004) complementam o pensamento de Biderman (2001), quando afirmam que, na criação da palavra, são levadas em consideração forma/conteúdo, significante e significado e acrescentam que a lexicologia relaciona-se com a gramática no processo de formação das palavras. Vejamos:

A Lexicologia relaciona-se intimamente com a gramática, em especial com a Morfologia, envolvendo a problemática da composição e derivação das palavras da categorização léxico-gramatical; bem como vincula-se aos enfoques sobre a estruturação dos sintagmas; além das relações com a Semântica. Por isso, diz-se que a Lexicologia se ocupa de aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua (KRIEGER; FINNATO, 2004, p. 45).

Conforme a citação das autoras, há uma distinção entre o estudo da Morfologia léxica e semântica. O primeiro preocupa-se com a forma, como as unidades lexicais são constituídas, que recursos a gramática oferece para que as palavras sejam produzidas. O segundo enfoca, também, as regularidades das palavras, mas no aspecto do conteúdo, da organização das unidades lexicais, que mensagem determinado conteúdo transmite nesse ou naquele contexto.

1.1.2 Lexicografia

Lexicografia é a atividade de elaboração de dicionários de língua geral. Biderman (2001, p. 17) a define como “ciência dos dicionários”. Assim, um lexicógrafo é um dicionarista. Ofício antigo, no entanto, na antiguidade não passava de um organizador de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos clássicos e da Bíblia. Biderman (2001) afirma que

A Lexicologia só começou de fato nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilingües. [...] quanto aos dicionários técnicos-científicos, no português, eles são obras do século vinte) (BIDERMAN, 2001, p. 17)

Constatamos, com Biderman, que a Lexicografia é uma ciência nova, ainda carece de muitas pesquisas, o que se tinha na antiguidade eram algumas listas com significados de palavras, num âmbito empírico, sem um estudo científico

aprofundado que desse realmente credibilidade ao que era listado. Ao contrário de antes, hoje, o objeto principal dessa ciência é a análise da significação das palavras.

Para Welker, o termo lexicografia tem dois sentidos:

Numa acepção – na qual se usa também a expressão *lexicografia prática* – ele designa a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionário. [...] Para outra acepção – a *lexicografia teórica*, ou *metalexigrafia*, é o estudo de problemas ligados a elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários (WELKER, 2005, p. 11).

Conforme o autor, a lexicografia prática estuda o processo de construção do dicionário, o fazer, o montar, estruturar e selecionar palavras com seus possíveis significados. Já a lexicografia teórica ou metalexigrafia preocupa-se em estudar os problemas que envolvem o dicionário após sua construção, tais como as críticas feitas a determinado dicionário, se ele está sendo usado, como e por quem é utilizado e, ainda, o processo histórico da construção do dicionário.

Krieger e Finatto (2004) descrevem a importante tarefa do dicionarista, que executa uma imensa pesquisa até chegar à estruturação dos verbetes. Segundo eles, o Lexicógrafo:

Necessita buscar as unidades lexicais e analisar sua frequência no interior dos discursos individuais e coletivos, do presente e do passado, para depois adentrar no mundo da significação. E então apreender os valores significativos nucleares e virtuais, explicitando-os por meio de definições, uma difícil e complexa equação semântica e construir uma rede de acepções que uma mesma palavra pode comportar, quando se realiza polissemicamente (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 49).

Percebemos, por meio dessa citação, que a tarefa do dicionarista é bem mais complexa do que se imagina, visto que, antes de definir qualquer significado à palavra, ele faz um estudo sobre a frequência de uso desta palavra, leva em consideração o tempo em que ela é utilizada pela comunidade, quem faz uso dessa palavra e, só então, preocupa-se em compreender os vários significados que a ela podem ser atribuídos.

1.1.3 Terminologia

A Terminologia analisa o conjunto de termos próprios de uma área técnico-científica (ex: a terminologia do direito, dos negócios, etc.), bem como o campo de estudos teóricos e metodológicos que se ocupa dos termos técnicos de uma determinada área. Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 145), terminologia “diz respeito ao estudo dos termos de uma dada linguagem, com vista à elaboração de dicionários, glossários e outros repertórios”. O léxico abrange todas as palavras de uma língua, cabe à terminologia separar os campos específicos de estudo de cada área, direcionando a análise de suas particularidades.

Para Biderman, a Terminologia constitui uma relação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico. Afirma que:

A teoria geral da Terminologia baseia-se [...] na natureza do conceito, nas relações conceituais, na relação termo-conceito e a atribuição de termos aos conceitos ocupam uma posição chave [nessa ciência]. [...] os terminógrafos têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam pois do conceito para o termo (processo onomasiológico) (BIDERMAN, 2001, p. 19).

Para a autora, os terminógrafos atuam da denominação para o conceito, do significante para o significado. O uso de um termo próprio em uma determinada área do conhecimento pressupõe algo relacionado àquela área, é o que se chama de termos técnicos de cada profissão, por exemplo. O advogado utiliza termos que pertencem ao universo jurídico, como o médico e vários outros profissionais. O entrave acontece quando uma palavra passa de monossêmia para polissêmica, deixa de pertencer a uma área específica do conhecimento e ganha outras conotações no uso geral da língua.

Krieger e Finatto fazem uma análise comparativa entre Lexicografia e Terminologia. Vejamos essa análise no quadro a seguir:

Quadro 1 - Comparativo entre Lexicografia e Terminologia

	Lexicografia	Terminologia
Vertentes	Prática e teoria	Prática e teoria
Origem	Tradição	Contemporaneidade
Objeto	Léxico geral/palavra	Léxico temático/termos
Produto	Dicionários de línguas mono, bi e multilíngues	Léxicos, glossários, dicionários terminológicos mono, bi e multilíngues, banco de dados terminológicos
Natureza	Linguístico-descritiva	Cognitiva-normatizada
Objetivos e funções	Repertoriar o léxico temático Oferecer informações terminológicas e conceituais de uma área de conhecimento especializado Delimitar conceitos de um sistema cognitivo específico (homonímia) Estabelecer padrões de designação e conceituação em áreas de especialidade (normatização)	Repertoriar o léxico geral Oferecer informações etimológicas, gramaticais, sociolinguísticas Oferecer informações semânticas gerais e especializadas de todas as unidades lexicais de um idioma (polissemia) Oferecer padrões de usos linguísticos Legitimar o léxico de uma língua
Usuário	Difuso	Específico
Fontes	Texto em geral	Textos de especialidades
Método	Semasiológico	Onomasiológico
Entradas		
Critério de seleção	Frequência	Pertinência do termo à área de conhecimento/frequência em menor escala
Tipologia	Verbal: palavras gramaticais lexicais	Verbal: termos simples, compostos, siglas e acrônimos Não-verbal: símbolos e fórmulas
Tratamento	Lematização, forma canônica	Manutenção da forma plena e recorrente

Fonte: Krieger; Finatto (2004, p. 54)

Analisando o Quadro 1, percebemos que há semelhanças e diferenças entre a Lexicografia e a Terminologia. Ambas abordam prática e teoria. No entanto, divergem quanto à origem, objeto, produto, natureza, objetivos e funções, usuários, fonte, métodos critérios de seleção, tipologia e tratamento. A primeira é mais antiga e mais abrangente, contempla todas as palavras da língua portuguesa, é aplicada apenas na linguagem verbal, pertence à natureza linguístico-descritiva. A segunda, no entanto, surgiu recentemente, estuda os termos levando em consideração a área de conhecimento que eles pertencem, por isso seu acervo é menor, é aplicada na linguagem verbal e não-verbal. Todavia, não possui um grau de importância menor que a primeira para o estudo da língua portuguesa, pois é a Terminologia que ancora a Lexicografia, dando o suporte necessário para que ela possa se expandir como ciência e estudar o maior número de palavras possíveis.

1.1.4 Palavra, vocábulo, termo e verbete

Para alguns autores, palavra, vocábulo e termo, são sinônimos. No entanto, quando se faz uma pesquisa mais aprofundada, percebe-se que essa informação não encontra respaldo em um estudo científico. Para Biderman, a palavra possui a função de nomear todas as coisas. Mas, então, o que é *palavra*? Segundo ela:

Ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na Bíblia, em que Deus incumbiu ao primeiro homem dar nome à toda criação e dominá-la. A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Segundo Biderman (2001), o léxico de uma língua é formado por palavras criadas pelos falantes para nomear seres e objetos. A autora exemplifica *palavra* com o processo da criação do mundo, em que o primeiro homem utilizou a palavra para nomear o que criou, por meio das palavras criadas se comunicou e fez seus registros históricos. Para Batista (2011), palavra é a

Forma mínima que pode ocorrer isoladamente numa sequência linguística, desde que possa ocupar diferentes posições e diferentes funções sintáticas, e que apresente uma coesão interna e significação (lexical ou gramatical) aceitável na língua (BATISTA, 2011, p. 45).

As palavras são consideradas formas mínimas porque podem ser formadas com uma ou várias letras, podem apresentar-se sozinhas ou junto a outras, aparecerem isoladas ou agrupadas; sua aplicabilidade depende da necessidade do usuário da língua. Bloomfield (1933, p. 160) *apud* Câmara Jr. (2004, p. 69), propôs uma definição de palavra levando em consideração forma e funcionamento morfossintático.

Para a Linguística, a forma pode ser classificada em livre e dependente. Denominou como livres aquelas que possuem uma ocorrência livre mínima, isto é, podem constituir, sozinhas, um enunciado com significação, sem depender de outra para complementá-las ou dar-lhes sentido, são pertencentes ao campo lexical, podemos citar substantivo, adjetivo, verbo e advérbio. Como forma dependente classificou as palavras que apresentam estruturas independentes, mas não ocorrem sozinhas em um enunciado, precisam se relacionar com outras unidades para

cumprirem uma função. Estão classificadas como: artigos, preposições, conjunções e verbos auxiliares e materializam-se como relações gramaticais.

Quanto ao funcionamento morfossintático, Batista (2011, p. 70) apresenta o Quadro 2, que mostra a possibilidade de funcionamento das classes de palavras também nos critérios morfológicos e sintáticos, não levado em consideração anteriormente quando o ensino da Língua Portuguesa era direcionado apenas para o aspecto semântico das classes de palavras.

No Quadro 2, Batista (2011, p. 70) apresenta definições das classes de palavras do léxico com possibilidades para o português:

Quadro 2: Critérios de classificação vocabular

CLASSE DE PALAVRA	CRITÉRIO SEMÂNTICO	CRITÉRIO MORFOLÓGICO	CRITÉRIO SINTÁTICO
SUBSTANTIVO	Designa seres, entidades, eventos (há substantivos deverbais que indicam ações)	Apresenta flexão de gênero e número	Ocupa núcleo de sujeito e de complementos; é acompanhado de determinantes
ADJETIVO	Caracteriza ou qualifica substantivo	Concorda em gênero e número com o substantivo ao qual se encontra relacionado	Pode atuar como modificador de um substantivo; acompanha o substantivo
VERBO	Indica relações de estado, eventos, processos, ações no tempo	Apresenta rico paradigma flexional, com desinência de tempo, modo, número e pessoa (nas formas conjugadas)	Apresenta funções de predicação; não pode ser antecedido por determinantes
ADVÉRBIO	Indica circunstâncias de local, tempo, modo e outros	Palavra invariável	Modifica verbos, adjetivos, advérbios e sentenças

Fonte: Batista (2011, p. 70)

A análise do Quadro 2, nos permite, por exemplo, observar que o substantivo não só designa seres, entidades e eventos, mas também apresenta flexões de gênero, número e ocupa núcleo de sujeito, de complementos e, ainda, é acompanhado de determinantes; o que comprova que a análise de apenas um dos critérios é insuficiente para a classificação das classes de palavras.

Para Correia e Almeida (2012), a palavra ou unidade lexical é:

Um significante (sequência de sons, de grafemas – na língua escrita; sinal – na língua de sinais), ao qual associamos, de forma estável, um

padrão flexional, uma categoria morfossintática e um significado ou conjunto de significados relacionados (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.12).

As autoras nos fazem entender que a palavra é formada por letra e som, denominados de grafemas fonemas, acrescentadas dos sinais que, quando juntos, constroem a unidade lexical com a qual nos comunicamos. É flexível porque é composta por unidades infralexicaais, que são as raízes e os afixos (prefixos e sufixos). Dependendo do prefixo ou sufixo que for acrescentado a uma determinada raiz, a palavra muda o significante e o significado, por exemplo na palavra *feliz*, que tem o significado de quem está sentindo-se bem, alegre, acrescenta-se o prefixo in=infeliz, e muda completamente o significante, a grafia e o significado. A palavra passa a significar exatamente o contrário, não feliz.

Correia e Almeida (2012) classificam as palavras como atestadas e possíveis. Segundo elas:

As palavras atestadas são algumas vezes utilizadas por todo os falantes que considerassem estar usando o português, em registro oral e em registro escrito, desde o aparecimento da língua portuguesa até os nossos dias, em todos os registros linguísticos. [...] As palavras possíveis levam em conta as regras de construção de palavras e os elementos que podem participar nessa construção. [...] qualquer falante do português cria palavras no seu discurso que, provavelmente, nunca tenha sido emitidas nem ouvidas, mas que o interlocutor é capaz de entender, porque recorre à sua competência linguística e ao contexto de uso para descobrir o seu significado (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 14).

As primeiras são as faladas por todos os indivíduos, independentemente do nível social ao qual pertença, seja em casa com a família, no trabalho, de baixo ou alto calão, gíria, formal, informal, literária ou não literária. Assim, são palavras que já existem no vocabulário dos falantes da língua portuguesa. As palavras possíveis, no entanto, são as que podem ser construídas recorrendo-se à competência linguística. Qualquer falante do português pode criar uma palavra que nunca tenha ouvido e ser facilmente entendido pelo interlocutor, porque os componentes linguísticos o permitem fazê-lo.

Ferrarezi Jr. (2008) concorda com Correia e Almeida, no que se refere à construção das palavras, quando afirma que:

Para construir palavras, usamos “pedacinhos de palavras” que podem ser usados em diferentes palavras, desde que sejamos capazes de seguir algumas regras básicas. Esses pedacinhos de palavras podem ser

associados a sentidos identificáveis, dependendo da palavra, e da forma como são usados (FERRAREZI JR., 2008, p. 43)

Pelas reflexões do autor, podemos entender que as palavras não são prontas e acabadas, elas se transformam, e são construídas e reconstruídas através de pedaços que se agrupam, formando sentido e compondo um corpo que supra a necessidade do falante. Esses “pedacinhos de palavras” Biderman (2001, p. 126) denominou morfema e o definiu como: “o menor elemento significativo individualizado em um enunciado, que não se pode dividir em unidades menores sem passar ao nível fonológico”. Por exemplo: o verbo cantar é formado pelo radical cant + ar, que são os morfemas.

A junção dos morfemas formou o lexema, que Biderman (2001, p. 168) define como “unidades léxicas abstratas da língua, a forma como o lexema aparece no discurso”. Com isso, cantar é um exemplo de lexema, porém, quando o verbo cantar é conjugado, a autora o classifica como lexia. Esse termo é definido por Biderman (2001, p. 168) como “a forma como o lexema aparece no discurso”. Se conjugarmos o verbo cantar em número, pessoa, tempo e modo, estaremos realizando o processo de lexia. Com isso, percebemos que, para a lexia ter sentido ou significado, não precisa estar ancorada, ela tem significação própria.

Dando continuidade aos questionamentos sobre a palavra, surge uma dúvida entre os falantes da língua portuguesa que é: palavra e vocábulo significam a mesma coisa? Segundo Dubois et al. (2006),

O termo vocábulo designa a ocorrência de um lexema no discurso, na terminologia da estatística lexical. Como o termo lexema está reservado às unidades (virtuais) que compõem o léxico, o termo palavra a qualquer ocorrência realizada em fala, o vocábulo será a atualização de um lexema particular no discurso. Assim, pequeno, entrada de dicionário, é um lexema. Mas, por outro lado, a frase realizada O pequeno príncipe mora no pequeno planeta comporta sete palavras e duas vezes o vocábulo pequeno (DUBOIS et al., 2006, p. 614).

Pelo exemplo exposto, vimos que palavra e vocábulo não são sinônimos, a primeira é geral, abrangente, pode ser utilizada tanto em um contexto, quanto fora dele. Já o vocábulo leva em consideração um determinado discurso, sua ocorrência depende de um contexto, sua significação vai depender de onde ele esteja empregado. Na citação de Dubois et al. (2006), o vocábulo *pequeno* aparece exercendo duas funções. No primeiro caso, é um substantivo, por dar nome a um

personagem, no segundo, exerce a função de adjetivo, pois qualifica o substantivo planeta.

Constatamos, então, que o vocábulo não adquire significação estando isolado, ele vai ser definindo dependendo do papel que assuma no discurso. O mesmo vocábulo pode assumir um significado num contexto e outro significado completamente diverso em outro contexto. Welker (2005, p. 22) acrescenta, ainda, que, “o conjunto dos lexemas que ocorrem num texto é denominado vocabulário desse texto; os elementos desse conjunto são denominados vocábulos. Vocábulo [...] é a palavra que ocorre na frase”.

Nesta citação, o autor mostra a diferença entre vocabulário e vocábulo. O primeiro remete a todas as palavras de um texto que admitem significado, o segundo são todas as unidades do texto que não possuem significado sozinho, como conjunção, preposição, etc. Os vocábulos são responsáveis pelo entrelaçamento do vocabulário, contribuindo, assim, com a coerência e a coesão do texto.

Na presente discussão, convém assinalarmos algumas considerações sobre “termo”. Para Krieger e Finatto (2004, p. 77), a palavra é considerada termo “quando se distingue conceitualmente de outra unidade lexical de uma mesma terminologia”. As autoras citam o exemplo da terminologia alimentar, em que, muitas vezes, os termos *diet* e *light* se confundem. O primeiro refere-se a alimento sem açúcar, o segundo a alimento sem gordura.

Outra característica apontada por Krieger e Finatto, com relação ao termo, é que ele não varia semanticamente, os termos são entendidos pelos conceitos e não pelos significados. Vejamos:

Outra propriedade tradicionalmente vinculada à dimensão conceitual das unidades terminológicas, é a invariabilidade semântica. Vale dizer, enquanto o significado que uma palavra adquire é, em larga medida, dependente do contexto discursivo em que se insere, as unidades terminológicas não sofrem esses efeitos porquanto se limitam a expressar conteúdo das ciências e das técnicas. Nessa perspectiva, o plano do conteúdo dos termos é compreendido como da ordem dos conceitos, enquanto o das palavras comuns da língua é da ordem dos significados (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 77).

O que percebemos na definição das duas autoras é que o termo é considerado por conceitos, atribuídos pelo lexicógrafo, provenientes das pesquisas científicas elaboradas para formulá-los. Independe do contexto para transmitir informação. Sendo assim, o contexto não interfere no conceito do termo, pelo

contrário, é pelo conceito que ele se faz necessário em determinado contexto. Com isso, não varia semanticamente. Câmara Jr. (2004, p. 232), assim o define termo “em sentido gramatical estrito, vocábulo ou grupo de vocábulos que corresponde a uma unidade de significação ou de função, como elemento constitutivo para a inteligibilidade do que se anuncia”.

Câmara Jr. (2004) reafirma o conceito de termo defendido por Krieger e Finatto (2004), como unidade de significação ou função. Percebemos, aqui, a autonomia dada ao termo, que não necessita de outras palavras para firmar um significado, ele tem significação própria.

Quanto ao verbete, Welker (2005, p. 107) o define como “conjunto de *Entradas+Enunciado Lexicográfico*”. Entendemos o conjunto de entradas como as palavras relacionadas alfabeticamente em um dicionário, enciclopédia ou glossário e o enunciado lexicográfico corresponde às significações e explicações referentes a essa palavra.

Hausmann e Wiegand (1989, p. 341) *apud* Welker (2005) relaciona os tipos de informações mais importantes que se encontram nos verbetes. Segundo eles, são:

Informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão); diacronia (etimologia); marcas de uso; informação explicativa (definição, as vezes descrições enciclopédicas); sintagmática (construção, colocação, exemplos); paradigmática (sinônimo, antônimo etc); semânticas (metáforas); observações (por exemplo, sobre o uso do lema); ilustrações (desenhos, gráficos); elementos de ordenamento (símbolos); remissões e símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições) (HAUSMANN; WIEGAND (1989) *apud* WELKER, 2005, p. 108).

Pela citação de Welker (2005), são os verbetes que apresentam todas as informações da unidade mínima do léxico, tais como grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, etimologia, definição, colocação, sentido ou significação, representação gráfica e símbolos. Por intermédio dos verbetes descobrimos como as palavras são construídas, onde podem ser empregadas, que símbolos as representam etc.

O verbete não tem uma forma fixa para todos os tipos de dicionários ou enciclopédias, dependendo da função ou tipo de cada um, ele aborda situações de análises diferenciadas. Krieger e Finatto (2004) apresentam a função do verbete no dicionário de língua geral e do dicionário terminológico. Vejamos:

Quadro 3: Função do verbete no dicionário de língua geral e no terminológico

VERBETE	
Dicionário de língua geral	Dicionário terminológico
Palavra-entrada: registro de forma canônica	Palavra-entrada: registro na forma utilizada
Informação de categoria gramatical	Equivalente em língua estrangeira
Informação etimológica	
Informação morfológica	Informação de categoria gramatical
Informações semânticas	
Informações sociolinguísticas	Informação conceitual
Informações sintagmáticas e paradigmáticas (exemplos, abonações, sinonímia, antonímia)	Fontes contextuais Fontes bibliográficas Gradação sinonímica
Comentários (linguísticos ou enciclopédicos)	Remissivas Notas explicativas (linguísticas, técnicas enciclopédias)
Locuções/informação terminológica	
Remissivas	

Fonte: Krieger e Finatto (2004, p. 132)

Pelo Quadro 3 percebemos que os verbetes do Dicionário de Língua Geral são de acordo com os cânones, com as normas estabelecidas ou convencionadas pelos estudiosos da língua portuguesa, já os de Dicionário Terminológico, apropriam-se da maneira como a língua é praticada pelos falantes. Os primeiros preocupam-se com o estudo da etimologia, morfologia, semântica, sociolinguística, sintagma e paradigma. Já o segundo, com informações conceituais, fontes contextuais e notas explicativas. No entanto, convergem em alguns aspectos, tais como: informações de categoria gramatical e remissivas.

O que se percebe, no âmbito geral, é que os verbetes são peças-chave para o estudo da lexicografia, pois é por meio deles que os lexicógrafos fazem a catalogação das palavras de uma língua, sejam elas monolíngues ou bilíngues.

1.1.5 Dicionário, Glossário, Vocabulário

Os conceitos de dicionário, glossário e vocabulário costumam apresentar confusões e definições imprecisas. Às vezes, até toma-se um pelo outro. Para Welker (2005, p. 24), “o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas”, os quais são as “unidades-padrão” lexical do sistema”. Percebemos, nessa citação, que no dicionário reúnem-se todas as palavras do universo linguístico de uma língua. É nele que se encontram a seleção, o agrupamento, a classificação, a significação e, em alguns casos, a aplicabilidade das palavras de uma língua.

Quanto ao glossário, foi descrito por Welker (2005) como:

Levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm num texto manifestado [...]. Portanto, se encontram geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelos autores: “as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de ato de fala produzido num dado tempo e lugar (WELKER, 2005, p. 25).

Welker (2005) deixa claro, nessa citação, que o glossário se limita às palavras de um determinado texto, e que, para maior esclarecimento do que está sendo escrito, o autor seleciona algumas palavras que não são de domínio público, ou usadas com menos frequência, atribui a elas o significado e as relaciona no final do texto por ele escrito, para que o leitor adquira uma maior amplitude da mensagem transmitida pelo texto lido.

Já o vocabulário, segundo Welker (2005), compreende todas as palavras de um determinado universo discursivo. Para ele, o vocabulário:

Busca ser representativo de um universo de discurso – que *n* discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; os vocabulários técnico-científicos e especializados buscam situar-se ao nível de uma norma linguística e sociocultural[...]; o vocabulário fundamental, por sua vez, busca reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos-vocabulários de uma comunidade, ou de um segmento social (WELKER, 2005, p. 25).

Percebemos, aqui, que o vocabulário fundamental não se restringe a um texto escrito ou falado, mas a todas as palavras usadas por uma determinada comunidade ou grupo social. No que se refere ao técnico-científico, são as palavras que pertencem a um determinado ramo da ciência, por exemplo, na medicina, no direito e em várias outras áreas do conhecimento, que têm um vocabulário próprio.

Desse modo, percebemos que morfema, lexema, palavra e lexia estão a serviço do léxico. O léxico, portanto, está num âmbito maior, no qual toda essa gama de terminologia está inserida e ganha uma definição mais ampliada por Oliveira e Isquierdo (2001, p. 09), que o definem como: “saber compartilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. Com esta definição, percebemos que o léxico de uma língua compara-se a um espelho, através do qual se conhecem a história, a cultura, os costumes, os valores éticos, religiosos e socioeconômicos de uma

determinada comunidade, pois a língua está intrínseca ao indivíduo e ele se mostra através dela. Seu grau de importância é tamanho, de modo que foram criadas disciplinas que estudam as ciências do léxico.

Após discutir teoricamente as ciências que têm o léxico como objeto, bem como seus métodos de estudo, convém, tomada a especificidade da presente pesquisa, fazer referência à competência lexical e ao ensino da língua portuguesa.

1.2 COMPETÊNCIA LEXICAL

Para que o aluno adquira a capacidade de ler com proficiência, não apenas decodificando palavras, mas sendo capaz de fazer inferência ao texto lido, e adquira a habilidade de escrever com conhecimento da função dos elementos linguísticos do texto, ele precisa adquirir a competência lexical, pois só se consegue trabalhar com uma língua quando se conhece o léxico dessa língua. Antunes (2012, p.14) escreveu que: “para conseguirmos a tão apregoada competência em falar, ler, compreender e escrever, é necessário conhecer, ampliar e explorar o território das palavras”.

Só conseguimos mediar o conhecimento científico, de maneira que o estudante o associe ao enciclopédico, quando conhecemos o léxico da língua. Para isso, é necessário que a escola ofereça mecanismos que orientem o estudante a manipular as palavras, de tal maneira, que ele consiga expressar-se de forma clara, objetiva e coerente. Para que isso aconteça, é necessária a ampliação do repertório lexical do estudante, que acontecerá de forma gradativa, através de leituras e práticas pedagógicas que deem sentido ao conhecimento transmitido pelo professor de língua portuguesa.

Pesquisando os documentos que referenciam o ensino de língua portuguesa no Brasil, percebemos que é dada pouca importância ao estudo do léxico no 2º ciclo do dos anos finais do Ensino Fundamental. De acordo com os PCN (BRASIL, 1988):

O trabalho com o léxico não se reduz a apresentar sinônimos de um conjunto de palavras desconhecidas pelo aluno. Isolando a palavra e associando-a a outra apresentada como idêntica, acaba por tratar a palavra como “portadora de significado absoluto”, e não como índice para a construção do sentido, já que as propriedades semânticas das palavras projetam restrições seletivas (BRASIL, 1988, p.83).

Como orientam os PCN, o estudo do léxico não pode se resumir a apenas associar uma palavra a outra; quando se faz isso, limita-se o papel da semântica, já que, dependendo do contexto, as palavras que compõem o léxico de uma língua assumem significações diversas que contribuem para o falante dar sentido ao enunciado.

Nos objetivos do ensino da língua portuguesa, os PCN (BRASIL, 1988, p. 52) selecionam os seguintes tópicos sobre léxico:

Realizar escolhas de elementos lexicais, sintáticos, figurativos e ilustrativos, ajustando-as às circunstâncias, formalidades e propósitos da intenção; interpretar os recursos figurativos tais como: metáforas, metonímias, eufemismos, hipérboles etc.; verificar as regularidades das diferentes variedades do Português, reconhecendo os valores sociais nelas implicadas e, conseqüentemente, o preconceito contra as formas populares em oposição às formas dos grupos socialmente favorecidos (BRASIL, 1988, p. 52).

Nesses objetivos, percebemos que a preocupação dos autores dos PCN, relacionada ao estudo do léxico, foi com a seleção das palavras inseridas no texto, sua aplicabilidade no contexto, interpretação das figuras de linguagem e as variedades linguísticas. Para atingir esses objetivos, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - PCN (BRASIL, 1998) selecionaram os seguintes conteúdos:

Ampliação do repertório lexical pelo ensino-aprendizagem de novas palavras, de modo a permitir: escolha, entre diferentes palavras, daquelas que sejam mais apropriadas ao que se quer dizer ou em relação de sinonímia no contexto em que se inserem ou mais genéricas/mais específicas (hiperônimos e hipônimos); escolha mais adequada em relação à modalidade falada ou escrita ou no nível de formalidade e finalidade social do texto; capacidade de projetar, a partir do elemento lexical (sobretudo verbos), a estrutura complexa, associada a seu sentido, bem como os traços de sentido que atribuem aos elementos (sujeito, complementos) que preenchem essa estrutura (BRASIL, 1998, p. 62).

Os conteúdos selecionados resumem-se em ampliação do repertório lexical, variedade linguística, dando enfoque à língua formal, informal e à empregabilidade de elementos lexicais no contexto, levando em consideração a estrutura, no que se refere à adequação exigida pelo enunciado.

Outro documento verificado para identificar o direcionamento dado ao estudo do léxico no 2º ciclo dos anos finais do Ensino Fundamental foram as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental – OC EFII (ACRE, 2010), que seleciona

dois objetivos relacionados ao léxico, para o ensino de língua portuguesa. O primeiro objetivo está nas OC EFII (ACRE, 2010, p. 78): “Utilizar a linguagem oral de forma adequada, em diferentes situações comunicativas, respeitando os diferentes modos de falar”. Aqui, enfoca apenas a linguagem oral e a variedade linguística. Para esse objetivo, foram relacionados nas OC EFII (ACRE, 2010, p. 79) dois conteúdos, que são:

Adequação do grau de preparo da fala, às especificidades do evento comunicativo e a associação de informações relativas a aspectos lexicais, fonológicos, morfossintáticos e semânticos que contribuam para a adequação de usos mais formais da fala (ACRE, 2010, p. 79).

Nos conteúdos também o foco é a fala, e as orientações curriculares sugerem que o ensino seja direcionado de uma forma tal que o estudante possa se comunicar conforme a exigência da situação. Se precisar adequar algum aspecto relacionado às unidades lexical, fonológica, morfossintática e semântica, na situação de uso da língua, que o indivíduo adquira competência para isso. O segundo objetivo das OC EFII (ACRE, 2010, p. 87) é “utilizar, com propriedade, os conhecimentos sobre padrões da escrita sistematizados em situações de análise linguística”.

Nesse objetivo, há uma preocupação com a escrita, no sentido de seguir o que é proposto pelo sistema da língua portuguesa, prendendo-se à análise linguística. Para desenvolver os conhecimentos do segundo objetivo, foram recomendados dois conteúdos. O primeiro seria a “associação de informações sobre a formação de palavras – semelhança formal e afinidade” (ACRE, 2010, p. 87). O segundo o “empenho no domínio de vários usos da escrita, dos mais cotidianos aos mais formais” (ACRE, 2010, p. 89). Esses últimos conteúdos não acrescentam profundidade ou amplitude ao estudo do léxico, pois tratam do processo de formação das palavras, sinonímia e variedades linguísticas, enfocando a coloquial e a culta.

Também foram analisados os descritores de língua portuguesa, que servem de parâmetro para o nível de conhecimento dos alunos que concluem o último ano do Ensino Fundamental, é aplicado através de uma prova chamada “Prova Brasil”. Quando o aluno encerra o 2º ciclo dos anos finais do Ensino Fundamental, ele precisa estar apto a desenvolver as seguintes habilidades:

D03 – inferir o sentido de uma palavra ou expressão; D18 – reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão; D19 – reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos; D13 – identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto (ACRE, 2010, p. 89).

A matriz de referência de língua portuguesa do nono (9º) ano contém vinte e um (21) descritores, desses, apenas três (03) abordam o estudo do léxico, e o fazem de uma forma simplória. Os dois primeiros tratam apenas da semântica, referindo-se ao efeito de sentido, que precisa ser lavado em consideração na seleção das palavras, para produzir o enunciado. O terceiro trata das marcas linguísticas, que tanto podem ser relacionadas ao léxico, quanto à gramática, depende das marcas estudadas.

O que constatamos, nessa análise dos documentos oficiais, foi que o léxico tem pouco espaço no estudo da língua portuguesa do Brasil e, levando em consideração que a maioria dos professores não ensina nem o que os documentos recomendam, percebemos o quanto as escolas precisam de um aprofundamento maior no que diz respeito ao ensino-aprendizagem do léxico. Antunes (2012) esclarece que:

O processo de ampliação do léxico da língua é visto como uma questão morfológica que, parece, começa e se esgota no interior da gramática apenas, como se não tivesse também a função de intervir na arquitetura do texto, na armação de sua estrutura (ANTUNES, 2012, p. 21)

A questão morfológica citada por Antunes, no fragmento acima, reduz-se ao processo de formação das palavras e à divisão delas em classes, atribuindo-se a cada classe uma função na tessitura do texto, o que não contempla o estudo do léxico.

Antunes elenca alguns fatores que justificam a redução do estudo do léxico nas escolas e afirma que “as atividades com que o vocabulário é explorado se limitam ao seu significado básico” Antunes (2012, p. 22), isto é, reduz o nível de expansão do significado, não leva em conta a “plurissignificação” ou “ressignificação”, pois, dependendo do contexto, o vocabulário adquire uma variedade de significado. Antunes (2012, p. 22) reporta-se às “metáforas e outras criações a serviço da criação de efeito de sentido [...] que em geral são exploradas em seção à parte, como um dos pontos do programa (figuras de linguagem)”. Na

maioria das vezes, as unidades lexicais responsáveis pela criação de sentido são ensinadas apenas nas aulas de literatura, e em frases soltas, não são considerados enunciados mais amplos ou diferentes gêneros textuais.

A autora continua chamando a atenção para a falta de disponibilidade do professor em esclarecer o significado de algumas palavras que o aluno desconhece, segundo ela, “mesmo quando o aluno é convocado a entender certa passagem, nem sempre se procura, para esse entendimento, o apoio dos sentidos expressos por uma palavra ou expressão” (ANTUNES, 2012, p. 23). Muitas vezes, o entendimento do texto é comprometido porque o leitor não sabe o significado de uma palavra ou enunciado. Antunes (2012, p. 23) enfatiza isso quando se reporta à “exploração dos significados das palavras, que predomina a consideração entre sinônimos e antônimos, em detrimento de outras relações semânticas”.

Na maioria dos livros didáticos, os exercícios de fixação são elaborados através de frases com palavras destacadas com a orientação para que o aluno a substitua por sinônimos ou antônimos, sem explorar o sentido daquela palavra no contexto, sua contribuição para elaboração da mensagem pretendida pelo autor. Por fim, Antunes (2012, p. 24) cita a “estreiteza de concepção e de objetivos, a ênfase recai sobre os erros a evitar e, por outro lado, sobre o cuidado permanente em corrigir”. O professor não está preocupado em ampliar as competências lexicais, através da elevação cognitiva do aluno, mas em averiguar se ele escreve “certo” ou “errado”.

Então, se o ensino do léxico, do modo como está proposto nos documentos oficiais e livros didáticos, não contempla sua amplitude, como ele deve ser trabalhado nas aulas de língua portuguesa? Segundo Antunes (2012):

O domínio do léxico é vasto e complexo e inclui uma série de questões, que por sua vez, têm raízes ou repercussões na morfossintaxe, na semântica, nas operações de textualização e de resposta às exigências pragmáticas (ANTUNES, 2012, p. 34).

Conforme a autora, o domínio do léxico é vasto porque tem uma amplitude maior do que é colocado nos programas de estudo sobre a língua. Complexo porque envolve, ao mesmo tempo, morfologia, que é o estudo da forma das palavras, como elas foram criadas, que elementos foram utilizados no seu processo de formação; e sintática, já que, depois de formada, as unidades lexicais precisam ocupar um

espaço adequado no contexto, e é nesse momento que se recorre à semântica. Se a palavra for colocada fora do contexto, há implicações no sentido do que se quer transmitir.

1.2.1 O léxico e as relações de sentido

Antunes (2012) relaciona algumas questões que merecem destaque no ensino do léxico e a primeira delas refere-se às “diferentes relações de sentido que as palavras mantêm entre si”. Não se produz texto com palavras isoladas, elas fazem parte de um tecido e, nesse tecido, adquirem significados próprios. Dependendo do meio social no qual os falantes da língua estejam inseridos, as palavras ganham novos conceitos e significados. Às vezes, em uma mesma região, mudando apenas de cidade, as unidades lexicais ganham sentidos diversos, pois cada comunidade tem sua cultura, seus costumes e essas unidades lexicais, criadas por pessoas vindas de diferentes lugares, com costumes e línguas próprias, vão aos poucos se misturando com a portuguesa e deixando suas marcas.

Para detalhar essas diferentes relações de sentido, Antunes (2012, p. 35) cita a sinonímia, “uma relação de equivalência (ou de quase equivalência) de sentido entre duas ou mais palavras”, como no caso das palavras enfatizar e reforçar. Não seria semelhança porque é consenso que não existem sinônimos perfeitos e, em decorrência da ação do sujeito, existe a instabilidade semântica, as palavras vão sofrendo transformações no decorrer do tempo e mudando de sentido ou significado, como por exemplo em “O suado dinheiro dos brasileiros. Suado ganha conotação diferente em Pedro está suado”.

Em sequência às relações de sentido, Antunes (2012, p. 36) apresenta a antonímia, que “constitui uma relação de oposição entre os sentidos das palavras”. Geralmente, quando se define algo, parte-se do que não é, para depois definir o que é; então, essa relação de opostos é que caracteriza o antônimo. Ex.: homem e mulher. Os antônimos também passam por instabilidade linguística, pois seus valores semânticos podem mudar conforme o contexto de interação. Ex.: Maria é *bonita*, mas pode ser *linda*, isso significa que ela não é tão bonita. O terceiro fator de seleção de sentido é a hiperonímia que, segundo Antunes (2012):

Constitui uma relação entre palavras, decorrente da visão que, em cada momento histórico, se tem acerca da pertença das coisas a determinada classe de seres. Os hiperônimos são, assim, uma espécie de “nome geral”, tem como base, então, o princípio de que uma classe de seres pode incluir outra. Assim a unidade lexical “animal” constitui uma palavra hiperonímica, enquanto pode abarcar em sua significação os nomes de todos os membros que pertencem à classe dos animais, evidentemente o hiperônimo “animal” assume esse valor quando colocado em relação a seus respectivos hipônimos (gago, cavalo, cão) (ANTUNES, 2012, p. 37).

Hiperônimo é a palavra que pertence ao mesmo campo semântico de outra, com o sentido mais abrangente. Por exemplo, flor está associada a todos os tipos de flores: rosa, violeta e, assim por diante, denominadas hipônimos, e está inserida no hiperônimo. É importante observar que, em cada momento histórico, essa relação pode ser alterada. Antunes (2012) menciona mais dois fatores de seleção, são eles: partonímia (ou meronímia) e associação semântica entre duas ou mais palavras. A primeira, conforme a autora:

Constitui uma vinculação entre duas ou mais palavras que guardam entre si uma relação de “parte”-“todo”, como em corpo: braço, mão. [...] apoiam-se na forma como as coisas se constituem em sua totalidade e nas dependências existentes, entre o todo e suas partes e das partes entre si (ANTUNES, 2012, p. 39).

Essa relação de dependência entre o todo e suas partes, e das partes entre si, no plano do discurso, mobilizam nosso conhecimento de mundo, por envolver o saber acerca dos diferentes conjuntos e subconjuntos de entidades concretas e abstratas que nos rodeiam. Ex.: família: pai, mãe, filho, etc. Já a segunda, “deriva da proximidade de sentido que é possível reconhecer entre duas palavras, proximidade que, por sua vez, deriva do conjunto de relações que guardam entre si” (referência).

Essa associação semântica provém da aproximação de sentido que é possível estabelecer entre as palavras. Na construção do texto, elas formam elos que possibilitam o aspecto linguístico-cognitivo da unicidade semântica, é quando falamos que uma palavra puxa outra; se pensarmos em “aniversário”, automaticamente nos vem à mente “bolo”.

Outra questão destacada por Antunes (2012, p. 41), para o estudo do léxico, seria “a pressuposição e a inferência, ligadas a semântica lexical e a pragmática, que envolvem as possibilidades de se deixar implícito algo do que se tem a dizer”. Que o aluno consiga identificar o momento de deixar que o interlocutor participe do texto, sem prejuízo na comunicação e também perceber que, dependendo do

contexto, as palavras têm plurissignificações, dizem muito mais do que o que está exposto de forma concreta. Na possibilidade do aluno não inferir significado às palavras pelo contexto, que o professor o oriente a recorrer ao dicionário.

Enfatiza, também, Antunes (2012, p. 42) “os efeitos de sentido decorrentes do uso particular de dada palavra ou expressão”. Isso significa aceitar que as palavras exprimem mais que o significado; elas servem também para demonstrar um desejo, um objetivo almejado com a escolha de uma palavra em especial. Para explorar esses efeitos de sentido, foi sugerida por Antunes (2012, p. 43) a utilização de “diferentes figuras de linguagem, sobretudo as metáforas e as metonímias”, mais frequentes no repertório do dia a dia dos brasileiros, muitas vezes são utilizadas em provérbios ou frases feitas. Outro recurso que contribui para os efeitos de sentido são os “significados afetivos das palavras”, que podem assumir, além do sentido denotativo, outros que sejam criados entre pessoas, levando em consideração o grau de afinidade que exista entre ambas.

Antunes (2012, p. 44) ainda destaca os “diferentes tipos de eufemismos, ligados, sobretudo, a expressões de valores sociais ou de estereótipos mais controversos”. Esse recurso atenua o impacto de uma comunicação desagradável, através da substituição de uma palavra, muitas vezes, com significado pejorativo ou grosseiro, por outra que transmita a mesma informação de uma forma mais branda. Antunes se reporta, também, às “palavras suscetíveis de provocar uma ambiguidade”, que são utilizadas com propósito de causar determinado efeito como o lúdico, cômico e persuasivo ou esconder sentidos e intenções, quando isso parecer conveniente.

Antunes (2012, p. 45) aponta as “estratégias referenciais, que nos permitem optar por indicações mais gerais e abstratas ou por indicações mais específicas e concretas”, como também “expressões cristalizadas”, que dão ao falante a opção de ser direto nas informações ou de utilizar palavras vagas, de sentido abrangente, para não se comprometer com o que está sendo transmitido. As expressões cristalizadas, mais próximas do cotidiano, constituídas de, no mínimo, duas palavras e, no máximo, por uma frase completa, são as chamadas frases feitas, que fazem parte do cotidiano dos brasileiros.

1.2.2 O léxico e o texto

Antunes (2009) mostra que as unidades lexicais também contribuem na coerência e coesão do texto.

Interessa-me aqui considerar as unidades do léxico [...] como unidade de texto, peças com que se constrói a materialidade significativa posta em sua superfície. São, portanto, unidades lexicais contextualizadas, constitutivas de uma unidade de significado, para fins de um propósito comunicativo qualquer. Nessa perspectiva, não me interessa apenas a carga de sentido que as unidades do léxico têm. Interessa-me, e, sobretudo, a função que essas unidades desempenham na organização – coesa e coerente – do texto (ANTUNES, 2009, p. 144).

Essa materialidade significativa que a autora se reporta é o processo de construção do texto, o concreto, palpável, a “arquitetura”; é a seleção das palavras e sua colocação no espaço adequado, de forma que contribua tanto para a conexão entre as ideias, quanto para o efeito de sentido desejado. Esse processo ocorre através de dois procedimentos: a reiteração e a colocação. A primeira é definida por Antunes (2009) como:

[...] Uma unidade lexical pode ser repetida – literal ou parcialmente -, conforme se mantenham ou se alterem suas marcas morfológicas, como em “democracia”, “democracia”, “democracia”, “democrata”; substituída por uma outra que, de alguma maneira, lhe é equivalente, como em “articulação”, “encadeamento” (ANTUNES, 2009, p. 145).

A reiteração de uma palavra vai muito além do empobrecimento do texto, pelo contrário, pode enriquecê-lo. Dependendo da maneira como se faz, ela pode, através de repetições e substituições de palavras com significados próximos, enfatizar o “núcleo semântico” do texto ou “convergir para um ponto comum”, reiterando as informações e chamando o leitor para temática central, além de contribuir para a conexão de sentido entre as partes que compõem o enunciado. Em relação à segunda, Antunes (2009) considera que:

O procedimento chamado de “colocação” obedece à condição de que, no texto, as palavras não estão sozinhas; ou seja, vêm “colocadas” umas junto a outras. Mais: tendem a procurar as “mesmas companhias”, criando certa regularidade na composição da sequência, o que, eventualmente pode resultar na criação de uma locução fixa. Ex.: a palavra *jato* costuma vir acompanhada de *avião* e *água*, formando as expressões: *avião a jato* e *jato d’água* (ANTUNES, 2009, p. 145).

Na construção do texto, as palavras se associam, se combinam e isso ocorre devido à regularidade com que elas aparecem juntas, criando, assim, uma relação de dependência entre ambas, e isso ocorre devido à “rede de associação semântica”, que existe entre elas, isto é, o sentido de uma completa o da outra.

Ilari (2003) acrescenta ainda os anglicismos, palavras que se originam da língua inglesa, que são incorporadas à portuguesa e, aos poucos, se adaptam tanto na grafia, quanto na pronúncia, passando a serem utilizadas com a mesma normalidade e frequência das originadas pelos falantes nativos do português. Ilari (2003, p. 20) mostra o seguinte exemplo da linguagem futebolística: “A disposição dos “players” (jogadores) no “ground” (campo) para “kickoff” (pontapé inicial) era publicado no jornal em forma de pirâmide, em cujo vértice se colocava o “goalkeeper” (goleiro)”. Como o futebol originou-se na Inglaterra, quando chegou ao Brasil, as palavras-chave relacionadas a ele eram em inglês e, aos poucos, foram sendo traduzidas e adaptadas à língua brasileira.

O autor destaca a importância do estudo dos arcaísmos, que apesar de serem palavras antigas que, em sua grande maioria, caiu em desuso, ainda causa efeito na língua portuguesa, principalmente na literatura. Na proporção que o aluno toma conhecimento dessas palavras, seu entendimento do texto no qual elas estão presentes fica mais fácil. Ilari (2003) afirma que:

A língua sofreu um processo de “regularização” que fez desaparecer formas parcialmente diferenciadas. [...] o feminino de senhor era senhor (isso mesmo: os travadores medievais qualificavam sua amada de “fremosa mia senhor”) e os adjetivos terminados em –ês formavam o feminino em –ês (isso mesmo: uma princesa leonês) – essas formas modificaram-se mais tarde para receber a terminação –a, que hoje é terminação generalizada dos femininos: formosa senhora, princesa leonesa (ILARI, 2003, p. 32).

Então, por intermédio do estudo dos arcaísmos, o estudante toma conhecimento do português de ontem e de hoje, fazendo associações entre palavras já não mais utilizadas, mas que estão presentes em textos escritos anteriormente, e para que a leitura desses textos possa ser feita de maneira inteligível, o leitor precisa dominar o código da época.

Outra particularidade do léxico que Ilari (2003) chama a atenção diz respeito à incompatibilidade entre partes de uma sentença. Segundo ele:

Certas palavras não “combinam” em condições normais, os linguistas formulam hipótese de que as palavras se selecionam reciprocamente. Há entre elas restrição de seleção entre o substantivo e o adjetivo, entre o substantivo e o verbo como também entre o verbo e o advérbio. Ex: *Dormir profundamente vs [???] dormir exatamente* (ILARI, 2003, p. 47).

Conforme a citação acima, não é porque o adjetivo complementa o substantivo que se pode associá-los aleatoriamente. As palavras precisam de conexão de sentido para que uma complemente a outra. No exemplo citado pelo autor, o advérbio exatamente não complementa o verbo dormir.

Outro fator a ser trabalhado é com relação às definições, pois as palavras têm significados, e eles precisam ser analisados. Ilari (2003, p. 55) relaciona os verbos “ser”, “significar”, “consistir” e “constituir”, como os principais utilizados nas definições. Mostra, ainda, três razões para se fazer esse estudo. A primeira delas é “aumentar o vocabulário”, quando o leitor depara-se com uma palavra desconhecida, ele precisa saber seu significado para entender a mensagem transmitida pelo texto.

A segunda é “eliminar ambiguidade”, quando uma palavra aparece em um texto dando margem a mais de uma interpretação é aconselhado que se defina aquela palavra para se ter uma noção mais clara do significado naquele contexto.

Já a terceira, é “tornar exatos os limites de aplicação de palavras conhecidas, mas vagas”. Ele citou os seguintes exemplos, para que o entendimento se tornasse mais claro. Ex.: “Neste texto entendemos por montanha toda elevação do terreno com mais de 500 metros acima do nível do mar” (ILARI, 2003, p. 55). Então, em outro texto, montanha pode até ter outra definição, mas, aqui, o significado é esse.

Outro aspecto que merece atenção no estudo do léxico do Português do Brasil é o estrangeirismo, uma vez que o processo de colonização brasileira foi feito por vários países, e apesar de a língua imposta ter sido o Português de Portugal, ela sofreu influência de várias outras. Ilari (2003) afirma que:

Nenhuma língua escapa de sofrer influências externas; no patrimônio lexical mais antigo da língua portuguesa já se encontram palavras criadas em outras línguas, em particular o provençal, o espanhol e o árabe. Outras línguas que exerceram influência no português do Brasil são o francês, o italiano, e o alemão, além, é claro, das línguas africanas e das línguas brasileiras. A que exerce hoje mais influência é o inglês (ILARI, 2003, p. 73).

As palavras de outras línguas vão, aos poucos, sendo incorporadas à nossa, isso ocorre através da adaptação, tanto da grafia, quanto da pronúncia e acaba ampliando o vocabulário e enriquecendo o léxico.

Também precisa ser incluído nas aulas de língua portuguesa o estudo da etimologia das palavras, tendo em vista que elas não foram construídas do nada, mas com base em algo pré-existente. Ilari (2003, p. 81) classifica o estudo da etimologia em científica e popular. A científica é responsável pelo estudo da origem das palavras, pela evolução da forma e do sentido de quando foram criadas para hoje. O autor oferece exemplos na forma, “decidir se originou do latim *decidere*, que significava cortar. A mudança de sentido explica-se pelo fato de que, em certo momento, a tomada de decisão foi representada como um corte: quem toma decisão abre mão de alguma coisa”.

A popular é quando o falante cria uma palavra, levando em consideração o senso comum, geralmente associando-a a outra já existente. O autor exemplifica a criação da palavra “goscético em vez de cosmético, pode estar tentando interpretar esta palavra como produto à base de gosma” (referência). A definição etimológica explica a origem da palavra; a partir do momento em que o estudante descobre de onde a palavra veio, como foi formada, torna-se mais fácil sua aplicabilidade em determinado contexto.

Merece destaque, também, o estudo da formação de novas palavras, chamadas neologismos que, dependendo da cultura, da evolução tecnológica e da necessidade de uma determinada comunidade, são criadas e, posteriormente, inseridas em dicionários. Ilari (2003) destaca que:

De acordo com [...] o professor Antônio José Sandman (em *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo, 1989*), os processos de formação de palavras mais usados no português atual são, por ordem de importância, a sufixação, a prefixação e a composição que, juntos respondem por cerca de 90% da formação de novas palavras a partir do material já presente na língua (ILARI, 2003, p. 95).

As palavras são formadas por pedaços portadores de significados e a esses pedaços foi dado o nome de morfema lexical e gramatical e na junção de morfemas diversos criam-se palavras.

1.2.3 Léxico e Gramática

Como se viu anteriormente, o ensino da gramática e o ensino do léxico se confundem, pois um depende do outro, se completam em um entrelaçamento, de tal forma que, enquanto o léxico estuda as palavras da língua, a gramática estabelece a conexão entre essas palavras, formando, assim, um texto, tecido com significado, coerência e coesão. Segundo Biderman (2001):

A aquisição de uma língua por um sujeito comporta, de fato, a incorporação de dois acervos: 1º) uma gramática ou um sistema de regras; 2º) um léxico. Relativamente à gramática, num dado momento de sua história, o indivíduo domina a gramática da sua língua, isto é, adquire *competência* linguística gramatical. Isso ocorrerá no limiar de sua vida adulta, se o sujeito tiver um desenvolvimento psicofísico normal e se tiver desfrutado de privilégios sociais como educação continuada e escolarização regular. Inversamente, com respeito ao léxico, nenhum indivíduo jamais será competente em plenitude, já que o léxico de qualquer língua constitui um universo sem limites, permanentemente passível de expansão, quer através de suas próprias potencialidades, quer através de recursos alheios que lhe venham de fora. Em suma, a gramática é um sistema fechado e o léxico um sistema aberto (BIDERMAN, 2001, p. 18)

Nesta citação, Biderman esclarece que, para o indivíduo dominar uma língua, ele precisa assimilar a gramática e o léxico dessa língua, pois ambos caminham juntos. No entanto, esse domínio completo restringe-se à gramática, que é um sistema fechado, o que está posto não pode ser mudado e cabe ao indivíduo aprofundar-se através de “educação continuada” ou “escolarização regular” em suas normas e características e adquirir um conhecimento completo sobre ela. Já com o léxico não acontece da mesma forma, por ser ele um sistema aberto e, com isso, sem fronteiras, a cada dia surgem palavras novas, advindas de diferentes processos de formação, por isso Biderman (2001, p. 18) o classificou como “sistema aberto”. Antunes (2007) reafirma o pensamento de Biderman (2001), quando afirma que:

Falamos com palavras, com o léxico da língua, organizado nos textos, em combinações, em cadeias, em sequências, conforme as regras previstas pela gramática e pela coesão e coerência textuais. Na verdade é o conjunto – léxico e gramática -, materializado em textos, que permite a atividade significativa de nossas atuações verbais (ANTUNES, 2007, p. 43).

Gramática e léxico, em conjunto, constituem o texto. A palavra é a matéria-prima da comunicação, através dela materializamos nossas angústias, dores, alegrias, tristezas; registramos a história e nos comunicamos. No entanto, essas

palavras precisam ser selecionadas, organizadas, combinadas e conectadas umas às outras, de certa forma que constitua um tecido, tecido esse com harmonia, clareza e interação entre palavras, frases, orações, períodos e parágrafos. Um enunciado complementando o outro e, para isso, lançamos mão da gramática.

Antunes (2012, p. 33) apontou como: “Unidades lexicais: os substantivos, os adjetivos, os verbos. Como unidades gramaticais: os artigos, os pronomes, as preposições, as conjunções, os advérbios”. No entanto, essa classificação não significa algo fechado e estanque. Segundo Antunes (2012, p. 33), “existem advérbios, locuções adverbiais, preposicionais ou conjuntivas, formados a partir de unidades do léxico, tais como ultimamente, de ordinário, contrariamente a, não obstante, entre outros”. Um não cumpre seu papel isoladamente, precisa do outro e, dependendo do falante, as palavras transformam-se, umas tomam formas e significados de outras, misturam-se, tornando-se uma unidade significativa, que Antunes (2014, p. 96) define como “léxico-gramática, [...] pela interdependência do léxico em relação ao componente da gramática”. Quando ministrados de forma adequada, um serve de suporte ao outro.

Antunes (2014, p. 98-99) complementa indicando dois tópicos que ampliam o ensino da léxico-gramática. O primeiro é o “conhecimento de mundo”, aquele que adquirimos ao longo dos anos, também conhecido como enciclopédico. Conhecimentos esses adquiridos no contexto social no qual estamos inseridos, através da experiência de vida, de valores familiares, religiosos e culturais. Só entendemos o significado de uma palavra, termo ou enunciado, se possuímos um conhecimento pré-estabelecido sobre o assunto. Apenas o conhecimento linguístico não é suficiente para interpretar o enunciado, é necessário o interlocutor acionar outros saberes, inclusive o conhecimento de mundo do enunciador.

O segundo tópico a ser levado em consideração é o “fenômeno das mudanças linguísticas”, principalmente, relacionadas ao léxico. Merecem destaques “a produtividade das metáforas e das metonímias na ampliação do léxico”, sendo a primeira uma relação de semelhança entre dois termos de universos diferentes e, a segunda, o uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal. Então, são palavras que ganham significados diferenciados, dependendo do contexto e da intenção do usuário da língua. Outro destaque dado por Antunes (2014, p. 98-99) é a “transformação de certas unidades do léxico em itens da gramática e vice-versa,

bem como a transição de uma palavra de uma classe para outra”. Essa transformação depende do contexto ao qual a unidade do léxico esteja inserido.

A estrutura da língua portuguesa permite uma movimentação de seus elementos, palavras de modo que, aquilo que em um contexto é relacionado à gramática, em outro, pode ser relacionado ao léxico, o que é léxico pode ser gramática, o que é substantivo, em determinado momento pode ser verbo e, assim por diante. Por exemplo em como substantivo: Comi com colher; ou colher como verbo: Colher flores. O contexto definiu a classe gramatical a qual a palavra colher pertence.

O terceiro destaque dado pela autora diz respeito “às expressões fixas e frases feitas ou provérbios”, que são uma junção de palavras com o objetivo de reforçar uma ideia ou defender argumentos, chegando ao ponto de se cristalizar como uma verdade ou um conselho. Ex.: expressão fixa – “mão aberta”, direcionada a alguém que gasta dinheiro fácil; e frase feita – “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, que enfatiza o poder da insistência, quando se insiste com algo, consegue-se o objetivo desejado.

Bagno (2014, p. 69) contribui para o pensamento de Antunes quando afirma que, a “mudança linguística é um processo social e cognitivo”, por isso seu estudo precisa ser focado também em fatores “socioculturais”, que se processa através do contato entre os falantes da língua, pela troca de vocabulários, advindo da cultura, dos valores e das crenças de cada indivíduo, pois a formação de uma comunidade se processa pela junção de pessoas de culturas diferente, saberes diversificados, grau de conhecimentos diversos, diferentes línguas e dialetos, que é o caso do português brasileiro, e dessa junção, saíram diferentes falares dentro do idioma padrão do Brasil.

E isso não é fato encerrado, a migração entre regiões e países acontece diariamente, e através dela a língua é ampliada e modificada. O outro fator citado por Bagno (2014) é o sociocognitivo, que advém do funcionamento do cérebro no processamento da língua, e atinge não só quem fala, mas, também, o interlocutor, e isso ocorre, porque, segundo ele:

Todos os seres humanos compõem uma única espécie e dispõem dos mesmíssimos recursos intelectuais, da mesmíssima potencialidade cognitiva, do mesmíssimo cérebro e da mesma configuração fisiológica, é mais do que esperável que, no processamento da língua, surjam fenômenos de mudança comuns a todos os idiomas do mundo (BAGNO, 2014, p. 71).

O que é perceptível é que as mudanças não ocorrem sozinhas, nem sob o efeito da ação de uma única pessoa, mas são um processo coletivo, biológica, de certa forma, pois, segundo Bagno, as mudanças que acontecem em um indivíduo também ocorrem em outros.

1.2.4 Léxico e Variações Linguísticas

A língua Portuguesa do Brasil nasceu da miscigenação de várias outras línguas, por isso possui características intrínsecas somente a ela. Dentre essas características está a sua variação, que é o fato de a mesma língua ser usada de várias maneiras, dependendo do espaço e das pessoas que a manejem.

Travaglia (2009) aponta uma das possíveis classificações das variações linguísticas, dividindo-as em dois tipos, que são, os registros e os dialetos.

1.2.4.1 Variações de registro

Segundo Travaglia (2009, p. 42), as variações de registro “ocorrem em função do uso que se faz da língua, dependem do receptor, da mensagem ou da situação”. Ela ocorre no processo de manipulação da língua com o foco no receptor, em quem recebe a mensagem e em que circunstância ela é recebida. Ele a classifica em três tipos diferentes: “grau de formalismo, modo e sintonia. Entre esses três tipos de registros há correlação e superposição, o que, entretanto, não impossibilita sua análise e caracterização isolada” (TRAVAGLIA, 2009, p. 51).

O grau de formalismo diz respeito à escala de formalidade com que a língua se apresenta, levando em consideração o sistema, a aplicabilidade dos aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos, aproximando-se da norma culta, o que pode ser percebido em textos escritos, principalmente, em obras literárias e científicas.

Quanto ao modo, está relacionado com a variedade falada ou oral da língua, que se apresenta de maneira menos formal, por meio de uma linguagem coloquial, e que, em algumas situações, foge à língua culta, mas, em contrapartida, utiliza-se de outros recursos que são inacessíveis à língua escrita. Segundo Travaglia (2009):

A língua falada pode usar uma série de recursos do nível fonológico que no escrito não podem ser usados (entonação, ênfase de termos, ou

sílabas, duração dos sons, velocidade em que se dizem as sequências linguísticas, etc.) (TRAVAGLIA, 2009, p. 51).

Os recursos fonológicos possibilitam à fala uma maior riqueza de expressões, podendo elevar ou diminuir o tom, ser áspero ou delicado, mostrar-se sensível ou insensível, veloz ou lento, espontâneo ou formal, etc. Isso não significa que a língua falada seja informal e a escrita formal, podemos encontrar textos informais na língua escrita assim como textos formais na falada. Dependendo do nível de conhecimento científico do usuário da língua, há formalidade e informalidade nas duas variações.

No que se refere à sintonia, Travaglia a define como uma adequação da língua ao contexto de uso, o falante necessita adequar-se à situação de fala exigida pelo momento.

[...] é ajustamento na estruturação de seus textos que o falante faz, com base em informações específicas que tem sobre o ouvinte. Há pelo menos quatro dimensões distintas de sintonia: o status, a tecnicidade, a cortesia e a norma (TRAVAGLIA, 2009, p. 56).

A língua varia dependendo do nível de intimidade e do grau de formalidade entre o falante e o interlocutor ou interlocutores. Basta observarmos, por exemplo, como uma mãe fala com o filho e com o esposo, mesmo os dois sendo membros da família, há uma diferença, pois a sintonia que ela tem com um não é a mesma que tem com o outro; se um jovem for fazer uma entrevista de emprego não vai usar a mesma variedade linguística que usa normalmente no clube, em dia de lazer com amigos. Então, cabe ao falante ter o domínio do maior número de variedades possíveis, para adequá-las às situações de uso.

O autor classifica a sintonia levando em consideração quatro dimensões. A primeira é o status, que é a língua utilizada com um interlocutor que exerça uma certa autoridade sobre o falante, como forma de respeito, a variação será a mais formal possível. A segunda, tecnicidade, quando o usuário da língua está em ambiente de trabalho que exija uma variedade de termos técnicos, relacionados à sua profissão. A terceira, cortesia, que é a forma de se comunicar, se cortês ou brusco, se com blasfêmia e obscenidade ou eufemismo. E a quarta, a norma, é a que o falante julgue apropriada para usar com aquele ouvinte naquele momento.

1.2.4.2 Variações dialetais

A variação dialetal é aquela centrada no emissor, são as várias unidades lexicais criadas para facilitar a comunicação. Para Travaglia (2009):

Os dialetos são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. [...] os estudos sobre variação linguística registram pelo menos seis dimensões de variação dialetal: a territorial, a social, a de idade, a de sexo, a de geração e a de função (TRAVAGLIA, 2009, p. 42).

As seis dimensões da variedade linguística dialetal defendidas por Travaglia (2009) são definidas da seguinte forma: a territorial diz respeito às várias formas de se falar a língua portuguesa em diferentes regiões do Brasil ou mesmo em outros países que a utilizam como língua oficial. Isso ocorre, principalmente, devido à influência dos colonizadores de cada território, dos imigrantes e dos índios, que, mesmo sendo aculturados, deixaram suas marcas, principalmente por intermédio da língua e da cultura.

Os dialetos que levam em consideração a idade são aqueles que variam de acordo com a faixa etária dos falantes. Por exemplo, crianças, jovens, adultos e velhos têm o vocabulário próprio de sua idade, se reunirmos as quatro gerações, constataremos que cada uma diz a mesma coisa de maneira diferente, utilizando-se da variedade que lhe é pertinente.

Com relação ao sexo, percebemos que o homem utiliza uma variedade linguística diferente da mulher e a recíproca é verdadeira. Alguns fatores contribuem para isso, tais como assuntos pelos quais homens se interessam, a maioria deles se atém mais ao mundo dos negócios e ao futebol, já a mulher interessa-se pelos temas família, beleza e algumas pelo mundo dos negócios. Dificilmente se ouve falar em negócios ou futebol em uma reunião feminina. Geralmente, os homens usam mais palavras de baixo calão que as mulheres, mesmo porque elas foram educadas para serem dóceis e os homens brutos, para provarem que são machos.

No que se refere aos dialetos de gerações ou variação histórica, diz respeito às palavras ou expressões que caíram em desuso no decorrer do tempo. Se alguém da geração atual for ler um texto escrito há cem anos, necessitará de um dicionário, a sensação é a de que está diante de uma outra língua e, por isso, precisa de um

auxílio para entender o que está escrito. Isso ocorre com mais frequência na língua escrita do que na falada, porque enquanto o indivíduo mantém contato com a língua que lhe é contemporânea, ele vai se adequando a ela.

A variação por função é quando se utiliza uma palavra para atingir um determinado objetivo. Como exemplo podemos citar o uso do pronome pessoal na segunda pessoa do plural, “nós”, por alguém que fala em nome de uma determinada comunidade ou para defender uma classe social. Percebemos essa prática com frequência nos discursos de políticos, que segundo eles, falam para o povo.

E, para finalizar, temos os dialetos na dimensão social. Tal dimensão diz respeito ao uso da língua de acordo com a classe social a que pertence o falante. Os dialetos na dimensão social podem ser divididos em duas classes, os jargões e as gírias. A primeira, os jargões, compreende a variedade usada por profissionais, que têm um vocabulário próprio, com termos específicos de sua área de conhecimento. Por exemplo, o médico utiliza-se da terminologia que define a medicina, o profissional de direito ao relacionado às leis e normas que regem o direito, os professores às palavras que são próprias de sua área de formação, etc. A gíria, por ser o norte deste trabalho, merece uma atenção especial, que será apresentada como neologismo semântico popular no terceiro capítulo.

Até aqui, fizemos uma abordagem sobre as ciências do léxico, para isso definimos léxico, lexicologia lexicografia, terminologia, palavra, vocábulo, termo, dicionário, glossário e vocabulário. Dando continuidade ao trabalho, tratamos das competências lexicais, que são pouco analisadas nas aulas de língua portuguesa. Assim, fizemos uma explanação sobre: léxico e as relações de sentido, léxico e o texto, léxico e gramática e, por último, sobre léxico e as variações linguísticas. Elencamos como estes elementos linguísticos são trabalhados na maioria das escolas, e constatamos que essa prática não desenvolve as habilidades necessárias para que o aluno torne-se competente no que diz respeito ao conhecimento da língua. Também, consultamos os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares, que são os documentos oficiais que norteiam o ensino da língua e percebemos que eles também não contemplam o ensino da língua por intermédio do léxico.

Dando continuidade à nossa linha de pesquisa, faremos um estudo mais aprofundado sobre o processo de ampliação e renovação da língua pátria, que se dá

por meio da criação de novas palavras e faremos isso analisando a Neologia e nos aprofundando nos neologismos, que são os próximos assuntos abordados.

2. NEOLOGIA E NEOLOGISMO

2.1 NEOLOGIA

A língua portuguesa está viva e em constante transformação, diariamente os falantes sentem necessidade de se comunicarem e nem sempre as palavras existentes são suficientes para que essa comunicação se efetue com as propriedades pretendidas por seus usuários; por esse motivo, eles se apropriam dos recursos oferecidos pela própria língua e criam palavras novas, que venham ao encontro de suas necessidades.

Correia e Almeida (2012, p. 17) dissertam sobre a origem das palavras neologia e neologismo, segundo elas: “As palavras neologia e neologismo têm por base a composição como recurso às raízes de origem grega *neo*, com o significado de “novo” e *logos*, com o significado de “noção”. As palavras neologia e neologismo foram formadas através da composição entre duas raízes de palavras gregas que, ao juntarem-se, transmitem o sentido de noção nova. Assim, Correia e Almeida (2012) afirmam que:

Neologia é tradicionalmente entendida como uma denominação que corresponde a dois conceitos distintos: A neologia traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela incorporação de unidades novas, os neologismos. A neologia é entendida, ainda, como estudo (observação, registro, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 17).

Os dois conceitos de neologia defendidos por Correia e Almeida (2012) têm um ponto em comum, que é a renovação do léxico; o que diverge é a forma como essa renovação acontece. A primeira é a espontânea, advinda da necessidade dos falantes, sem um estudo prévio, simplesmente determinada comunidade cria, começa a se propagar entre seus membros e, quando se percebe, faz parte do falar daquela comunidade, dependendo da aceitação dos seus habitantes, torna-se oficial ou é extinta. A segunda é o estudo das palavras, como elas surgiram, em qual processo de formação se encaixa, o que contribuiu para o seu surgimento, por quem é falada, entre outros.

2.2 NEOLOGISMO

Então, qual a diferença entre neologia e neologismo? Alves (1994, p. 5) responde à pergunta da seguinte forma: “Ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”. Essa definição leva-nos a entender que neologismo é o fruto da neologia, um advém como produto do outro, a neologia cria e o neologismo é o resultado dessa criação.

Para Biderman (2001, p. 203), “neologismo é uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Distinguem-se dois tipos de neologismos: 1) o neologismo conceptual e 2) o neologismo formal”. O neologismo conceptual é a capacidade que têm as palavras de adquirirem significações diferentes em diferentes contextos. Ex.: a palavra manga pode ser identificada como parte de uma indumentária ou como uma fruta. O neologismo formal é formado por palavras novas, inseridas na língua, nas quais o significante foi produzido levando em consideração a gramática internalizada que todos os falantes de uma língua possuem, mesmo que de maneira inconsciente e os originados dos empréstimos.

Batista (2011) complementa o raciocínio de Biderman ao considerar que:

Os neologismos classificam-se como processos produtivos de formação de palavras, reveladores, muitas vezes, de transformações de caráter sociocultural, caracterizadores da relação íntima que existe entre o léxico e os fatores externos da língua (BATISTA, 2011, p. 63).

Na linha de pesquisa de Batista, os neologismos fazem parte do processo de formação das palavras, fruto de um diálogo que envolve a sociedade, a cultura e o léxico de cada língua. Segundo ele, os fatores externos à língua, os sociais e culturais, contribuem para a ampliação do código linguístico através do léxico.

2.2.1 Tipos de Neologismos

Os Neologismos não são criados de uma única maneira, nem obedecendo à mesma lógica, Alves (1994) classifica as criações de neologismos da língua portuguesa em cinco tipos, os quais serão detalhados a nas seções seguintes.

2.2.1.1 Neologismos Fonológicos

Os neologismos fonológicos são aqueles criados a partir de uma combinação fonológica nova, sem necessariamente derivar-se de outras preexistentes. Alves (1994) define neologismo fonológico da seguinte forma:

A neologia essencialmente fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente. [...] Na verdade, não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma (ALVES, 1994, p. 11).

A autora explica que basta que a combinação dos morfemas produza um lexema que transmita exatamente a mensagem que o escritor ou falante quer transmitir. No refrão da música de Maria Gadú, por exemplo: “shimbalaiê, quando vejo o sol beijando o mar, shimbalaiê, toda vez que ele vai repousar”. A palavra “shimbalaiê” é formada pela combinação de vários fonemas aleatórios. Outro exemplo de neologismo fonológico são as onomatopaicas. Segundo Alves (1994):

A criação onomatopaica está calcada em significantes inéditos. Entretanto, sabemos que a formação não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia, numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos (ALVES, 1994, p. 12).

O processo de formação das onomatopeias não é considerado arbitrário por completo, porque as palavras são criadas a partir de algo que já existe, que são barulhos provenientes do ambiente em que o falante vive. Ex.: buum! – com significado de explosão, cocorococó (sons emitidos por galinhas), auau (sons emitidos por cães).

2.2.1.2 Neologismos Sintáticos

Diferente do neologismo fonológico, os neologismos sintáticos são formados pela junção de elementos existentes na língua portuguesa, definidos com bastante propriedade por Alves (1994) quando ela afirma que:

São denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical, mas

concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical (ALVES, 1994, p. 14).

O neologismo sintático é a combinação de vários elementos da língua portuguesa para formar enunciados que, em algumas situações, ultrapassam o nível de uma unidade lexical, expandindo-se à categoria frasal com valor de palavra. Em algumas situações, a inserção ou exclusão de prefixos, sufixos, formação de palavras através da justaposição ou aglutinação criam neologismos, que envolvem algumas palavras, mantendo o significado de apenas uma. Ex.: João Paulo II reinventa a igreja “papalizando” com êxito. Foi acrescentado um sufixo à palavra papa, dando-lhe outra conotação, inclusive transformando a classe de palavras de substantivo para verbo. Outro exemplo é o de acronímia, que se traduz na junção da primeira letra de várias palavras para a formação de uma terceira, chamada sigla. Ex.: UFAC, proveniente da junção de algumas letras de Universidade Federal do Acre.

2.2.1.3 Outros processos

Alves (1994) elencou mais quatro tipos de neologismos que considerou menos produtivos que os demais já citados, mas não sem importância. São eles: truncação, cruzamento vocabular, reduplicação e derivação regressiva.

A truncação, segundo Alves (1994, p. 68), é formada através de um “tipo de abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a final é eliminada”. Com o passar do tempo, algumas palavras tendem a sofrer redução, e passam a serem usadas normalmente, como se nunca antes tivessem sido de outra forma e, na maioria das vezes, as últimas letras ou sílabas são eliminadas. Ex.: portuga, de português, japa, de japonês.

Quanto ao cruzamento vocabular, Alves (1994, p. 69) o define “como um tipo de redução, duas bases - ou apenas uma delas - são privadas de parte de seus elementos para construir um novo item léxico. Uma perde sua parte final, e outra sua parte inicial”. É o processo de formação de palavras através da aglutinação, em que parte de uma palavra se funde com outra palavra ou parte dela, formando,

assim, uma terceira, produto do processo de cruzamento das primeiras. Ex.: “cantriz” é um neologismo formado pela aglutinação das palavras “cantora” e “atriz”.

Alves (1994, p. 709) elenca o terceiro processo chamando-o de reduplicação, “recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico”. Esse mecanismo é proveniente de repetições de unidades lexicais, com o objetivo de construir outra. Ex.: Na frase: Não falou nada de concreto, ficou com “blablabla”. O neologismo é formado pela base: “bla”, repetida três vezes.

Alves (1994) finaliza os processos neológicos com a derivação regressiva, definindo-a como:

Fenômeno da derivação regressiva quando a criação de uma nova unidade léxica deve-se à supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal. Em português, grande parte dos casos de derivação regressiva é constituída pelos substantivos deverbais (ALVES, 1994, p. 71).

Normalmente, os verbos são criados a partir dos substantivos, na derivação regressiva ocorre o inverso, os substantivos são criados a partir de verbos, são os chamados substantivos deverbais. Nesse processo, o verbo perde o sufixo e são acrescentadas à raiz as vogais: -a, -e e -o. Ex.: agito, de agitar, amasso, de amassar.

2.2.1.4 Neologismos por empréstimo

Os neologismos por empréstimo ocorrem em diferentes áreas, principalmente na tecnologia, é formado por palavras de línguas estrangeiras, que, através da necessidade dos falantes, vão se incorporando ao léxico da língua portuguesa, contribuindo para a expansão desta. Segundo Alves (1994):

Numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma. O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa a da língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz parte (ALVES, 1994, p. 72).

Quando unidades lexicais de uma língua entram em contato com o léxico de outra, os invasores são caracterizados como estrangeirismos, que estão

emprestados para cumprirem uma necessidade daquele momento, numa profissão, etc. Com o passar do tempo, elas vão, aos poucos, adaptando-se ao país no qual foram inseridas. Exemplo comum é a inserção de palavras da língua inglesa na língua portuguesa, pois, com a evolução tecnológica, a maioria dos manuais de aparelhos eletrônicos vêm escritos em inglês, o que, de certa forma, impõe ao falante da língua portuguesa procurar interpretá-los, ou aprender a nova língua e, com isso, esses empréstimos vão sendo inseridos no léxico do português do Brasil.

2.2.1.5 Neologismos por conversão

Os neologismos por conversão provêm da instabilidade das classes de palavras, que podem ser convertidas com um simples movimento feito no texto. Segundo Alves (1994):

A conversão designa um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem que haja manifestação de mudanças formais. [...] num grupo sintagmático composto por substantivo e adjetivo, a conversão pode possibilitar a elipse do substantivo, pois o adjetivo, em papel substantival, assume toda carga semântica do conjunto (ALVES, 1994, p.60).

Pela citação anterior chegamos a um questionamento: Por que conversão? Porque a carga semântica que as palavras assumem em um enunciado depende de simples inserção, supressão ou troca de uma unidade lexical. Para se transformar um adjetivo em substantivo, não há necessidade de modificação da palavra, é só inserir um artigo antes do adjetivo. Ex.: Os bons serão premiados. Se analisado isoladamente, bons é adjetivo, no contexto converte-se em substantivo. O andar de Pedro é sensual. Isolado, andar é verbo, no contexto, transforma-se em substantivo. Então, essa conversão semântica denomina-se neologismo por conversão.

2.2.1.6 Neologismos semânticos

Os neologismos semânticos foram elencados por último porque merecem destaque nesta pesquisa, por serem eles o nosso objeto de estudo, principalmente os populares, vindos da linguagem do povo. Povo que, na maioria das vezes, apropria-se deles para fazer denúncias sociais e reivindicar os direitos dos cidadãos.

Eles ocorrem quando há mudança na unidade mínima da significação, atribuindo às palavras, ou sentenças, um significado novo, além dos que elas já possuem, ou ampliando esse significado. Biderman (2001, p. 204) afirma que: “No domínio dos neologismos conceptuais, verifica-se, às vezes, ampliação de um campo semântico através de novas conotações que vão sendo dadas a um significante”. Dependendo do conhecimento de mundo e da cultura, o interlocutor atribui acepções diversas a um mesmo enunciado. Alves (1994) complementa o pensamento de Biderman (2001), destacando que:

O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais (ALVES, 1994, p.62)

Alves (1994) justifica o surgimento do neologismo semântico, atribuindo-o à mudança no conjunto dos semas, tomando sema como cada unidade mínima de significação, que combina com outras e forma o morfema, exteriorizado através metáfora. Conforme Câmara Jr. (2004, 166), metáfora “consiste na transferência de um termo para um âmbito de significação que não o seu”. Metonímia e sinédoque, por sua vez, “consiste na ampliação do âmbito da significação de uma palavra ou expressão, partindo de uma relação objetiva entre a significação própria e a figurada” (CÂMARA JR, 2004, p. 167).

Por meio dessas figuras de linguagens, o conjunto de semas de uma lexia torna-se mais amplo, causando, assim, a polissemia, que corresponde aos vários sentidos de uma palavra, inclusive o figurado. Ex.: “Estou com uma fome de leão”. Nesse dito popular, há metáfora através da comparação entre seres de universos diferentes, que são a fome e o leão, para intensificar o nível da fome, e é no efeito dessa comparação que surge o neologismo semântico.

O texto construído com palavras polissêmicas torna-se uma obra aberta, e o leitor apropria-se de inúmeras interpretações, dependendo do conhecimento enciclopédico que ele possua. Segundo Ferrarezi Jr. (2008):

A polissemia é um dos mais importantes recursos para a economia nos sistemas linguísticos, pois permite que um mesmo sinal seja multifuncional, isto é, funcione bem em vários textos, com os mais diferentes sentidos (FERRAREZI JR., 2008, p. 166).

Uma mesma palavra pode adquirir vários significados, dependendo do contexto em que ela esteja inserida ou do arranjo feito com outras palavras. Em algumas situações, o acréscimo ou falta de um termo que a complementa muda completamente seu sentido original, por isso, o autor afirma que a polissemia é um recurso importante para a economia nos sistemas linguísticos, pois uma só palavra pode substituir várias outras, dependendo de sua empregabilidade.

Os neologismos semânticos, muitas vezes, transmitem sentidos implícitos. Em algumas situações, as palavras nem aparecem no texto, mas o contexto faz com que elas sejam percebidas. Ferrarezi Jr. (2008) argumenta que:

Muitas vezes, ao construir um texto, criamos sequências de sinais que, em certos contextos e em certos cenários, permitem uma interpretação que vai bem além do que está explicitamente dito pelos sinais. Esses sentidos que vão além do que é dito, são os sentidos implícitos (FERRAREZI JR., 2008, p.173).

Os sentidos implícitos dão às palavras uma amplitude maior do que as aparentemente explícitas pelo signo linguístico, é o que chamamos de entrelinhas, estão entre as linhas, mesmo que não aparentemente.

Ferrarezi Jr. (2008) apresenta quatro formas de dizer as coisas implicitamente, a primeira é por meio de declarativas simples, em que o falante se reporta a uma situação sem ter a intenção de que ela seja interpretada de outra forma. Ele dá o seguinte exemplo:

Em uma festa de aniversário, encontram-se duas mulheres. O esposo de uma delas não está na festa, pois está, pretensamente, trabalhando em um escritório de contabilidade no bairro da Alegria. A outra, que está com o esposo, vira-se para a que está sem o esposo e diz: “Que pena que seu marido não pôde vir... Quando vínhamos para cá, cruzamos com ele indo de carro com outra pessoa rumo ao bairro da Tristeza” (FERRAREZI JR., 2008, p. 175).

Observemos, nesse exemplo, que a mulher que estava contando o fato, simplesmente, contou algo que tinha visto, no entanto, a situação na qual a informação foi repassada pode ter sido interpretada pela interlocutora como insinuação de que o marido poderia não dizer a verdade.

A segunda forma compreenderia as implicaturas conversacionais, que são informações que envolvem um cenário e uma cultura em especial. Ferrarezi Jr. (2008) exemplifica da seguinte forma:

Um casal de namorados está em um piano-bar, ouvindo uma música romântica e conversando, quando um amigo dos dois chega e pede para sentar com eles. Pensando que o sujeito vai se tocar logo e ir embora, eles permitem e começam uma conversa que fica cada vez mais irritante. Num dado momento, já irritada, a moça se vira para o namorado e diz: “Esse é o melhor piano-bar para casais apaixonados que eu conheço” (FERRAREZI JR., 2008, p. 175).

No exemplo, a moça, em nenhum momento, disse ao amigo que ele estava sendo inconveniente, no entanto, ao dizer que aquele cenário seria propício a um casal apaixonado, deixou implícito que o ideal seria ficar sozinha com o namorado, recorrendo também à cultura, pois é cultural o fato de casais de namorados saírem para um bar com som ao vivo.

A terceira forma de dizer algo implicitamente, citada por Ferrarezi Jr. (2008), é por meio de propaganda. Quando ouvimos a propaganda de algo que gostamos, nossa imaginação já cria vários *links*, associando o produto a várias outras situações e ao bem estar que o objeto oferecido pode proporcionar. Muitas vezes, o texto não apresenta nem metade dos benefícios do produto, o interlocutor o faz implicitamente. Ferrarezi Jr. (2008, p. 176) cita o seguinte exemplo: “Na hora de assinar uma TV, contrate o time dos sonhos”. Se a pessoa que gosta muito de futebol ouvir essa propaganda já vai se imaginar assistindo a um clássico e torcendo por seu time. O texto não dá detalhes sobre o que vai acontecer com o time, implicitamente, o leitor o faz.

A ironia, que sugere algo diverso do que a palavra ou frase literalmente transmite, é a quarta e última forma de gerar implícitos, relacionada por Ferrarezi Jr. (2008, p. 176), que a exemplificou com a seguinte frase: “Mas é claro que tem dinheiro no meu bolso: tem tanto quanto político honesto no Brasil”. No exemplo, ele ironiza a honestidade dos políticos brasileiros, não expressa isso literalmente, mas, por meio de uma ironia, deixa claro que, no Brasil, não tem político honesto, assim como ele também não tem dinheiro no bolso.

Outro aspecto relacionado aos neologismos semânticos são as expressões idiomáticas e as frases feitas. Segundo Ferrarezi Jr. (2008):

Nessas expressões há significativo registro do desenvolvimento cultural da comunidade que as usa. Elas, aliás, acabam constituindo o que de mais difícil existe para ser traduzido para uma outra língua ou compreendido por um membro de outra comunidade, justamente pelo fato de que, além de um sentido costumeiro que lhes é associado, elas possuem

uma história de construção que provoca nos falantes nativos sensações, nuances de sentido muito mais complexas do que aquelas que podem ser traduzidas pelas palavras em uso costumeiro (FERRAREZI JR., 2008, p. 193).

As expressões idiomáticas e as frases feitas traduzem a cultura da comunidade na qual elas são criadas e permeiam. Torna-se difícil sua tradução porque as palavras não são empregadas com o sentido literal, adquirem outras conotações advindas de quem as empregou naquele contexto, e estão carregadas de polissemias, traduzindo os valores e crenças de um povo, outros podem até estudar sobre, mas nunca as conhecerão profundamente como os nativos. Na expressão idiomática: “O menino está frito”, não significa que ele foi frito no óleo para ser ingerido, significa que ele fez algo pelo qual responderá e provavelmente sofrerá algumas consequências. A palavra “frito” não está empregada em seu sentido literal, ganhou novo significado, como problema, por exemplo, ou qualquer outro, dependendo de quem leia e interprete a frase.

Nesta concepção de uso da língua, vejamos o texto seguinte:

Usar uma língua é se posicionar discursivamente, criando diferentes espaços de atuação social, intermediadas pelos valores ideológicos, produzindo, conseqüentemente, diferentes efeitos de sentido, que acabam por tornar a linguagem verbal tão variada e fascinante, uma vez que o sentido produzido em determinado momento, veiculado por um arranjo formal resultante das escolhas feitas no sistema linguístico, não será necessariamente o mesmo obtido em outra configuração de uma interação verbal, sendo que falantes diferentes, contextos diferentes, intenções comunicativas diferentes, papéis sociais diferentes, podem levar a diferentes formas de contato linguístico, gerando, assim, os mais variados efeitos de sentido, colocando portanto, a língua numa dimensão discursiva (BATISTA, 2011, p. 27).

Batista (2011) enfatiza os diferentes espaços de atuação social da língua, em que cada sujeito ocupa um espaço na sociedade e é desse espaço que transmite seu discurso e adequa-o aos vários contextos e situações, inclusive com as mudanças de sentido ou significado que o contexto exigir. Como é por intermédio do signo linguístico que o indivíduo se posiciona frente à sociedade, cabe a ele ter o domínio do máximo de possibilidades de adequação da língua para se posicionar ideologicamente frente aos embates sociais.

2.2.1.6.1 Neologismo Semântico Popular: a gíria

A língua manifesta os costumes e a cultura do seu povo, funciona como uma espécie de espelho, que traduz a imagem de um objeto tal qual ele é. Para Preti (1984, p. 2), “quanto mais vulgar for a pessoa, tanto mais sua linguagem leva o selo da comunidade em que vive; quanto mais forte e original a sua personalidade, tanto mais peculiar e próprio será o colorido de sua linguagem”. Esse nivelamento não ocorre apenas no aspecto sociocultural, mas também geográfico.

Na busca de uma interação social em grupos isolados e na busca de uma linguagem especial é que surge a gíria. Segundo Preti (1984):

A partir do momento em que essa linguagem especial serve ao grupo como elemento de auto-afirmação, de verdadeira realização pessoal, de marca original, ela se transforma em *signo de grupo*. [...] em certos casos em todas as épocas, da linguagem dos estudantes das grandes universidades, dos militares, dos marginais do crime, dos vendedores ambulantes etc (PRETI, 1984, p. 02-03).

Essa linguagem de autoafirmação define o grupo que dela se apropria, seu nível social, profissão, grau de instrução, etc. Com o passar dos anos, a gíria deixa de ser considerada apenas como um signo grupal, pois como explica Preti (1984):

Ao vulgarizar-se, porém para a grande comunidade, assumindo a forma de uma *gíria comum*, de uso geral e não diferenciado, esse vocabulário perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando, desde então, de ser um signo grupal. Nesse momento, torna-se difícil precisar o que é vocábulo gírio ou vocábulo popular (PRETI, 1984, p.03).

Para Preti (1998), a gíria surgiu como elemento de comunicação de determinados grupos e foi se misturando ao vocabulário popular, até chegar ao ponto de não sabermos o limite do que é gíria ou apenas um vocábulo que faz parte da massa popular. Martins (2000) pactua com o pensamento de Preti (1984), pois segundo ela:

O vocábulo inicialmente restrito a um grupo pode generalizar-se, passando então a fazer parte do dialeto social popular. A necessidade de força expressiva faz que a linguagem gíria se renove constantemente, já que as expressões de uso intenso são sujeitas a rápido desgaste (MARTINS, 2000, p. 89).

O que é perceptível é que, como a gíria é uma forma de comunicação instável, tende a se renovar com o passar dos anos, principalmente as de grupo. Quando uma gíria cai no uso popular, os falantes do grupo criam outras e as que anteriormente eram consideradas gírias, tornam-se apenas dialeto social popular, utilizadas, principalmente, por falantes que fazem parte da camada popular dos centros urbanos.

Outro aspecto abordado por Martins (2000) é a gíria na literatura. A autora cita como exemplo João Antônio, que escreve a linguagem do povo. Vejamos:

Grande conhecedor da linguagem do povo (e da culta, também, certamente), retrata ele, com realismo e vivacidade, a vida das camadas mais baixas da sociedade, dos malandros, dos jogadores de sinuca, dos frequentadores de botequins, dos moradores da boca-do-lixo, dos marginais, enfim. O seu léxico é em grande parte constituído de palavras de forte tonalidade pejorativa. [...] muitos dos termos não são ainda dicionarizados, sendo seu sentido sugerido pelo contexto (MARTINS, 2000, p. 89)

Além de citar a gíria nas obras de João Antônio, a autora também se reporta à literatura infantil, e relaciona Monteiro Lobato, Lygia Bojunga Nunes entre outros, que manejam expressões populares e gírias por intermédio da fala de seus personagens.

Travaglia (2009) alia-se ao pensamento de Preti (1984) e Martins (2000) reafirmando que a gíria surgiu como uma forma de linguagem privada, por membros de determinados grupos que criam uma variedade própria para se comunicarem e, por vezes, sofrem preconceitos ao fazê-lo, conforme mostrado na nesta citação.

Há uma reação natural das gerações em considerarem deturpações, degeneração, degradação as alterações introduzidas no uso da língua pelas novas gerações. Principalmente as gírias que os jovens criam na busca de independência e de afirmação e identificação pessoal e/ou grupal, quando um modo de falar se destina ao uso entre os membros de determinados grupos (TRAVAGLIA, 2009, p. 46).

O ser humano clama por mudanças, mas, quando elas acontecem, nem sempre são aceitas. Com a língua não é diferente, para que uma palavra seja aceita pela sociedade como parte da língua, é necessário que haja um estudo sobre ela e, até que este estudo seja concluído, seu uso nem sempre é bem-vindo, principalmente se for por um grupo social de jovens ou pessoas que vivem à

margem da sociedade, como é o caso de alguns usuários de gírias. No entanto, é por meio dessas variações e de outras que língua se reinventa.

Entretanto, a língua, enquanto objeto social, está a serviço de uma comunidade, e vai sendo modificada em prol dela, sendo a criatividade humana a principal responsável pela expansão do léxico. Conforme Sousa:

Pode-se afirmar que a estrutura da língua sofre a ação de seus usuários de acordo com as práticas (e os contextos) socioculturais em que eles estão inseridos, a saber: espaço geográfico em que vivem, camada social (socioeconômica) em que se enquadram, agrupamentos humanos do qual fazem parte, faixa etária entre outros – características reveladas, especialmente, no léxico que utilizam (SOUSA, 2008, p. 21)

Sousa concorda com Travaglia (2008) quanto ao fato de que é a comunidade que processa as mudanças linguísticas e, para isso, vários fatores são levados em consideração, entre eles: o espaço geográfico através das influências externas sofridas pelos habitantes daquele espaço; a camada socioeconômica, uma vez que, em algumas situações, o acesso ou não a uma situação economicamente privilegiada limita ou amplia a possibilidade de contato do falante com o conhecimento científico; e a faixa etária, dependendo da idade, o indivíduo adquire maneiras particulares de se comunicar, determinando, assim, as inovações lexicais e as várias maneiras de falar a mesma língua.

É na possibilidade de inovação linguística por pessoas de diferentes situações que surge o neologismo popular ou gíria. Biderman (2001, p.206) classifica a gíria como “uma criação popular que nasce na busca de maior expressividade; às vezes; é motivada por outra causa, a saber: dificultar a decodificação da mensagem”. Com a evolução da sociedade, as necessidades de inovação de elementos que facilitem a comunicação também aumentam e, na língua, surge a gíria, criada com a intenção de decodificar a mensagem. Essa decodificação é reiterada por Preti (1984):

A análise da gíria não oferece as mesmas perspectivas em todas as línguas. Em algumas, ela aparece como um vocabulário criptológico, ligado à vida e a cultura de grupos sociais restritos. Em outras, a gíria se apresenta como um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante – a gíria comum (PRETI, 1984, p. 19).

No primeiro caso citado por Preti (1984), os grupos sociais restritos são aqueles que vivem numa comunidade fechada e, para se comunicarem de uma

forma particular, só entre os membros daquele grupo, utilizam gírias; na proporção que essas gírias passam para o domínio de uma gama maior de indivíduos, elas são substituídas por outras. Existem outros grupos sociais que também utilizam gírias, a exemplo dos surfistas que internalizaram algumas unidades lexicais próprias, que, mesmo passando para o domínio público, se cristalizaram.

O segundo caso, e mais abrangente, é o da gíria comum, aquela em que as palavras ganham uma significação diferente, dependendo do arranjo que se faz delas em certo contexto. Na maioria das vezes, as gírias são criadas para satirizar ou criticar determinada situação de forma sarcástica. Para concluir esse pensamento, Sousa (2008) cita Carvalho (2006, p. 201) afirmando que:

As palavras dos diversos falares especiais, penetrando na língua padrão, popularizam seu emprego, em sentidos metafóricos. As transformações linguísticas, que nos vêm do povo, do uso, assim como as transformações sociais, escapam o nosso governo e vontade, pertencem ao domínio do inconsciente. Nas criações populares, o valor semântico normal é desprezado e a palavra é usada em associações que valorizam seu emprego no contexto (SOUSA, 2008, p. 28).

O aspecto da gíria abordado por Sousa (2008) é o metafórico, em que os falantes utilizam-se da gíria como metáfora, para se comunicarem entre seus pares e não serem interpretados por todos, é quando a palavra muda de significado dependendo da mensagem e do interlocutor. Os valores semânticos, neste caso, estão a serviço da comunicação pretendida pelos usuários da língua, as palavras perdem seu valor semântico original e adquirem outros que supram a necessidade dos falantes no contexto.

Outra situação em que percebemos o emprego da gíria é nas redes sociais, principalmente pelos jovens, que, em sua grande maioria, se comunicam por meio de gírias próprias dos internautas, abreviam palavras, tanto da língua portuguesa, quanto do Inglês, tiram os acentos, colocam outros, acrescentam letras, tiram. Citaremos algumas, tais como: trolar (fazer brincadeira com alguém), poser (fingimento para adquirir status, noob (iniciante), brb (volto logo), vc (você), tc (teclar), etc. Se alguém que não faz parte do universo desses jovens tentar ler um texto com essas palavras não entenderá muito o que está escrito.

O que se percebe, hoje, é que algumas gírias ultrapassaram a concepção de grupo, sendo popularizadas, principalmente, por pessoas que têm pouco conhecimento da variedade culta da língua. Citarei aqui o fragmento da redação

dissertativa sobre gírias produzida por uma aluna da sétima série do Ensino Fundamental, do Colégio Cidade – Colégio de Aplicação do Centro Universitário do Rio de Janeiro, que participou do Projeto Redação, promovido pela Fundação Biblioteca Nacional e Jornal Folha Dirigida. Ela começa o texto da seguinte forma:

Logo que recebi essa missão de escrever sobre a gíria, fiquei *bolada*. Não queria que esse trabalho ficasse *brau*, só informando didaticamente como se fosse um papagaio – um trabalho *bizarro*. Mas também não queria parecer uma *sequelada*, escrever um monte de *bucéfola* e no final não dizer nada com coisa alguma. Quando faço alguma coisa, eu gosto de *arrepisar*. Pesquiso para o *visual* não ficar nem do *tempo do Bumbanem escrotético*. Fico na *consumição* até achar o caminho para o trabalho ficar *chapado*, no *jeito* (SILVEIRA, 2005, p. 17).

Ao ler o texto de Silveira, sentimos estranheza, pelo fato de desconhecermos o significado de algumas palavras, no entanto, elas fazem parte do vocabulário popular da linguagem informal e quem as utiliza sabe exatamente do que está falando e com qual propósito. No caso da escritora em questão, ela fala de gíria por intermédio da gíria, segundo ela, se descrevesse apenas a teoria, seu trabalho ficaria *brau*, que significa uma grande quantidade de algo inacabado, ainda compara a teoria com uma mera reprodução, comparando-a a um papagaio, que é uma ave que apenas repete o que ouve.

A gíria se propaga, principalmente, pelos meios de comunicação, o exemplo disso é quando a personagem de uma novela fala uma gíria, logo passa de boca em boca e se propaga na língua como sendo algo novo. Vale destacar que, na maioria das vezes, para que possamos conversar com todas as classes sociais precisamos também ter domínio sobre as gírias do momento.

No contexto da linguagem popular está inserida, também, a obscena, que vai de encontro à norma culta. Conforme Preti (1984):

Opõe-se à linguagem corrente, servindo à descarga afetiva, à injúria, quer como índice do coloquialismo, quer como expressão carinhosa, perdida sua conotação injuriosa, em determinadas situações, onde se pretende forçar uma intimidade maior com o ouvinte. [...] processo desmitificador do chamado “palavrão” (PRETI, 1984, p. 27).

A linguagem chamada obscena tem duas conotações, a primeira é aquela em que o falante está furioso e uma maneira de expor sua fúria é utilizando um palavrão, que são palavras inadequadas em ambientes públicos, principalmente em

grupos sociais que se comuniquem por meio da língua culta. Entretanto, algumas palavras obscenas são proferidas como forma de carinho, por pessoas próximas, com quem o falante mantém intimidade.

Para Preti (1984), é muito difícil definir os limites da palavra obscena, da gíria, da linguagem vulgar, vocábulos grosseiros, etc. Isso porque, em algumas situações, elas se confundem, não se sabe onde termina uma e começa outra. Observemos o que ele escreveu:

Palavra obscena, gíria, linguagem vulgar, vocabulário grosseiro e outras denominações servem para distinguir certas variações socioculturais do léxico de uma língua, diretamente ligadas aos seus elementos afetivos e expressivos. Seus limites são difíceis de definir. [...] Esse tipo de problema está ligado a aspectos históricos e sociais de uma época e de um povo, confunde-se com seus valores morais, variando, como os costumes e a moda (PRETI, 1984, p. 39).

A dificuldade posta por Preti (1984) em limitar ou classificar os diferentes tipos de variedades linguísticas advém do fato de que, com o passar dos anos, os valores mudam e, dependendo da evolução da comunidade, o que em determinado tempo poderia ser considerado um vocabulário grosseiro ou obsceno, em outro, pode ser carinhoso. Na linguagem moderna, usam-se termos que, na antiguidade, era um escândalo e, portanto, proibidos de serem pronunciados por pessoas de bem.

A expansão do léxico de uma língua independe da vontade particular de seus usuários, ela ocorre de forma inconsciente acompanhando as transformações históricas e sociais de um povo e sua intenção no ato da comunicação.

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

3.1 METODOLOGIA

Nossa pesquisa está pautada no estudo do léxico, principalmente dos neologismos semânticos populares (gírias), presentes nas letras das músicas: *Chega, Pela paz a gente berra, Rap do mensalão e Até quando*, do compositor e intérprete Gabriel O Pensador, que utilizou-se do rap como gênero musical.

3.1.1 Por que o gênero música popular brasileira como instrumento?

Optamos por utilizar como *corpus* para desenvolver esta proposta o gênero letra de música porque, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), a proposta de trabalho com o texto em sala de aula é baseada no gênero, principalmente com o que mais se aproxime da realidade do estudante, que faça parte do seu dia a dia. Vejamos:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, as diversidades de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas (BRASIL, 1998, p.23).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de Língua Portuguesa precisa partir de um gênero textual, por oferecer diversas possibilidades para o professor desenvolver sua aula, pois são organizados de diferentes formas e abordam diferentes temáticas, o que dá suporte ao professor para desenvolver um trabalho em todos os âmbitos do ensino da língua, na leitura, na interpretação e na produção textual.

De acordo com Oliveira (2014), é a “ação da linguagem a partir da qual as pessoas interagem, oralmente ou por escrito, na vida social. O gênero não está circunscrito à dimensão linguística, ele contempla também a dimensão cognitiva”. Por intermédio do gênero que circula em uma determinada comunidade, conhecemos a cultura, a história, a língua e os costumes do povo que habita esse

espaço. Marcuschi et al. (2005, p. 26) afirma que “[...] a circulação de gêneros textuais na sociedade mostra como a própria sociedade se organiza. Serve inclusive para perceber como se organizam valores e como se opera com eles”. É por intermédio dos gêneros textuais que o sujeito do discurso transmite sua ideologia e se posiciona como ser que interfere no meio ao qual pertence.

Escolhemos o gênero letra de música popular como instrumento para desenvolver nossa proposta de intervenção, por acreditarmos que, quando o gênero trabalhado é familiar ao aluno, ele incorpora com mais propriedade o que é ensinado. Também, porque a música acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade, o que pode ser comprovado nos registros da história. É de domínio público, está ao acesso de todos, facilitando a interação social entre os alunos e entre alunos e professores. Para Faria (2001):

A música passa uma mensagem e revela a forma de vida mais nobre, na qual, a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as trazendo lucidez à consciência (FARIA, 2001, p. 4)

Comungamos com o pensamento de Faria com relação à música na sala de aula. Para escrever a letra de uma música, o compositor trabalha com o léxico e, nada mais providencial do que associar conhecimento e prazer, que, além de proporcionar um ambiente lúdico e acolhedor, mexe com a emoção dos estudantes, levando-os a vivenciarem o texto e apropriarem-se dele com familiaridade. Segundo Simões (2006), com a exploração de letras de música nas aulas de língua portuguesa, reconhecemos:

a) Possibilidade de lidar com um universo textual conhecido, propiciando assim a condução didático-pedagógica na linha de aprendizagem significativa; b) garantia de abordagem interdisciplinar imediatamente deflagrada entre literatura e música e c) oportunidade para a discussão das diferenças culturais a partir dos usos linguísticos documentados nas letras de música (SIMÕES, 2006, p. 109).

O estudo da língua mediante letra de música também possibilita o acesso às variedades linguísticas, pois ela tem vários estilos, gêneros e variedades. Dependendo do público que a ouve, pode ser composta na língua padrão ou coloquial, em ritmos lentos ou acelerados, com temáticas variadas, que vão da

romântica à crítica social. Não tem compromisso com a verdade ou a mentira, é composta para entreter o público ao qual é dirigida.

3.1.2 Por que o Rap como gênero musical?

O gênero musical rap foi escolhido para a elaboração desta proposta de ensino do léxico porque faz parte da realidade dos alunos do 2º ciclo dos anos finais do Ensino Fundamental da escola pública, que estão na faixa etária entre treze e quatorze anos. Para Souza (2011):

A forma como a linguagem se manifesta na cultura hip-hop vem problematizar a acomodação dos olhares em relação às contradições sociais, além de mostrar outras formas de pensar o lugar dos saberes, de conhecimentos e de valores como solidariedade e coletividade. É flagrante como o *rap* se apresenta, dentro da cultura *hip-hop* como um dos elementos mais expressivos para a percepção da movimentação da palavra responsiva de Bakhtin (SOUZA, 2011, p. 54).

As letras de música do rap fazem parte do universo cultural dos alunos de escola pública, pois, em sua grande maioria, abordam a temática das contradições sociais, principalmente política e econômica. Relatam o cotidiano de pessoas menos favorecidas socialmente, assemelhando-se à realidade da grande maioria de nossa clientela. Acreditamos que, por intermédio das letras das músicas aqui analisadas, os educandos se vejam como seres ativos na sociedade, com capacidade de adquirir valores esquecidos e contribuir positivamente para mudar o contexto social no qual estão inseridos.

Segundo Souza (2011), o rap surgiu da ramificação do movimento hip/hop na Jamaica, como estratégia de sobrevivência para jovens negros e pobres que migraram do campo para a cidade. Vejamos:

Entre 1920 e 1930 a capital jamaicana passou a receber um grande contingente de jovens negros e pobres que migraram do campo para a cidade e, diante da conjuntura desfavorável, esses rapazes, os *rude boys*, sem colocação profissional e com baixa escolaridade, fizeram do cotidiano vivido nas ruas tanto um espaço de sociabilidade como de possibilidades de ascensão por meio da música. [...] uma das suas marcas era dizer a vida, discorrer sobre questões aflitivas, por meio das músicas improvisadas em sermões, orientações, palavras que fossem capazes de fazer acreditar em possibilidades de enfrentamento e superação de problemas (SOUZA, 2011, p. 59).

Souza (2011) faz uma retrospectiva histórica do rap, que se constitui em um período em que a Jamaica passa por uma crise no governo, momento em que jovens saem da zona rural e vêm para as cidades em busca de emprego. Chegando à cidade, deparam-se com uma realidade adversa à que buscavam e vão para as ruas protestar e reivindicar seus direitos como cidadãos e encontram, na música, uma abertura para isso. Souza (2011) continua relatando a história do rap e afirma que,

A crescente precarização das condições de vida de parte da população imiscuída no entretenimento musical reverte-se de politização, transformando-se em movimento político, de maneira que “o *reggae* dá gênese ao *rap*” (Lindolfo filho, 2004, p.135). As referências a matrizes de origem africana continuamente se hibridizam, sustentando as produções culturais negras do mundo. Para Herschman (2000), quando, na Jamaica, Kool-Herc e Grand Master Flash utilizaram técnicas da música eletrônica, como os *sound systems*, as misturas de sons e os repentes eletrônicos “estavam sustentando o surgimento do *rap*” (p.19) que, posteriormente, nos anos 1970 mudaria o rumo da cultura negra nos EUA. (SOUZA, 2011, p. 60)

Para Souza (2011), o povo jamaicano menos favorecido encontrou no rap uma maneira de manifestar suas angústias e se posicionar politicamente frente aos problemas sociais, políticos e financeiros vividos por eles em seu país. A partir daí, o rap se ramificou pelo mundo, principalmente entre a cultura negra, estabelecendo-se como gênero musical em 1970 nos Estados Unidos e perdurando até hoje, com praticamente as mesmas características de quando iniciou, quais sejam: a valorização da palavra em detrimento da musicalidade, como também um espaço para os menos favorecidos socialmente se posicionarem politicamente e fazerem suas reivindicações e denúncias sociais.

No Brasil o rap adquiriu performance diversificada nas diversas partes do país, em cada uma delas agregou-se a um gênero musical predominante da região e propagou-se, adquirindo cada vez mais adeptos. Segundo Contier (2007),

Em São Luís, a Miscelândia é com elementos do folclore, em uma combinação do *rap* com o tambor-de-crioula e com tambor-de-minas. O Clã Nordestino, grupo de São Luís, fez uma batida na música *Toada do Clã* que começa com cantoria de bumba-meu-boi, passa para a batida do *rap* e volta para o bumba-meu-boi: uma mistura verdadeiramente original. Eles também misturam *rap* com maracatu (CONTIER 2007, p. 28-29).

A citação de Contier (2007) refere-se a um evento folclórico que ocorre em São Luís do Maranhão, onde há uma fusão de vários gêneros musicais, entre os quais está inserido o rap, que é intercalado entre o maracatu, tambor-de-crioula e tambor-de-minas, evento esse denominado pela autora como Marcelândia do Clã-nordestino. Isso porque é organizado por um grupo de pessoas do Nordeste, que se reúne com o objetivo de resgatar a cultura local e utiliza-se da música para fazer esse resgate e o rap é um dos gêneros musicais abordados.

Norte –O Norte do Brasil também está articulado e unido. Há mais de um ano formou-se a rede Movimento Hip-Hop na Floresta ou MHF, filiada ao MHHOB (Movimento Hip-Hop Organizado). O MHF funde a ideologia hip-hop com conceitos ecológicos para fortalecer a cultura amazônica [...]. O movimento valoriza a cultura amazônica, as tribos indígenas, os quilombolas e as populações ribeirinhas. Por isso em Manaus misturam rap com bumba-meu-boi. Em Macapá, misturam com o marabaixo, som persuasivo das comunidades quilombolas (CONTIER, 2007, p. 28-29).

Já na região Norte, o rap ganha novos aliados, mistura-se ao bumba-meu-boi, principalmente no Amazonas, festival de Parintins, que tem como momento principal a apresentação do bumba-meu-boi, pelo Boi Caprichoso, de cor azul e o Boi Garantido, de cor vermelha. Entre essas apresentações está inserido o rap, como parte da cultura amazonense.

O Marabaixo é uma atividade folclórica que acontece no Amapá, momento em que há uma mistura religiosa entre os membros da igreja católica com os adeptos dos rituais de origem africana, é uma espécie de homenagem ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade. Nessas comemorações, há o profano e o religioso. O profano é representado pelo batuque e as danças de roda, entre os quais, encaixa-se o rap.

Centro-Oeste – “O rap aqui é do pé rachado”. Foi assim que o MC Letal, da banda goiana Testemunha Ocular, definiu o *rap* de lá, ou seja, o *rap* de raiz, da terra. Eles misturam o gênero com a gongada, catira, folia de reis, moda de viola. [...] Já o pessoal de Brasília parece priorizar mais as letras do que a batida. “Os *rappers* se preocupam demais em retratar o cotidiano violento e se esqueceram da musicalidade (CONTIER, 2007, p.29).

Em Goiânia, o *rap* é considerado do pé rachado porque é focado nas raízes culturais da região, mistura-se aos gêneros musicais do local, como a gongada, é uma forma de ridicularizar o gongo, cantor que canta mal, e a catira, em que o ritmo

musical é marcado pela batida dos pés e das mãos dos dançarinos, geralmente é acompanhado por dois violeiros e dez dançarinos. Já em Brasília, os rappers focam em denúncias sociais, priorizando mais as letras das músicas do que a dança e a musicalidade.

Sudeste –No Rio de Janeiro e em São Paulo perde-se a conta de quantos grupos de organizações existem. Descobrimos até articulações no Vale do Paraíba, em São Paulo, onde o *hip-hop* está presente em todas as periferias. [...] A parte musical tem muita influência da capital de São Paulo, tanto na batida quanto nas letras. [...] O *rap* hoje em dia, é o elemento com mais visibilidade em Belo Horizonte. A antropóloga Júnia Torres conseguiu listar mais de trezentos grupos de *rap* em sua dissertação de mestrado para a Federal de Minas Gerais. Negros da Unidade Consciente, que mistura no seu *rap* samba e cantiga de roda, além de levar para o palco apresentações de capoeira (CONTIER, 2007, p. 29-30).

No Sudeste, o rap está presente principalmente na periferia das cidades, entre as pessoas menos favorecidas nos âmbitos político, social e financeiro. Ali predominam tanto a batida quanto as letras das músicas, onde se misturam ao rap o samba, a cantiga de rodas e a capoeira.

Sul – Tem muita gente fazendo *rap* em Porto Alegre – Noterói, Odisséia, Dependentes, Manos do Rap, Polêmica... são mais de sessenta grupos. O que prevalece nas letras é a situação da periferia em geral. Poucas letras falam da raça negra especificamente, já que em Porto Alegre a maioria da população é branca (CONTIER, 2007, p.30).

A diferença entre o rap da região Sul com relação às demais regiões é que nela pouco se fala da raça negra, já que a predominância da população é de pessoas brancas. A principal crítica social feita pelos grupos musicais desse gênero é em relação à vida das pessoas da periferia, que necessitam de maior atenção por parte dos dirigentes da cidade no que se refere à saúde, à educação e à segurança.

Nas letras de música desse gênero, identificamos neologismo popular e, em algumas delas, o léxico adquire sentido figurado. Utilizando-se desse recurso, os compositores fazem denúncias e críticas à sociedade como um todo. Para esta pesquisa, escolhemos 05 letras de músicas do Gabriel O Pensador, que se apropria dos recursos disponibilizados pelo sistema linguístico para passar sua mensagem ao mundo.

3.1.3 Por que Gabriel O Pensador?

Como o rap da região Sul, Gabriel O Pensador também não foca exclusivamente na vida precária dos negros, mas, principalmente, nas questões sociais e políticas do povo brasileiro. Esse foi o principal motivo de optarmos por este compositor, definido por Luiz Fernando Veríssimo (CONTINO, 2001) como: “Pessoa pensante e artista falante”, Gabriel pensa e diz, ao contrário dos que pensam que pensam e produzem ruído. Já era uma raridade musical, agora é uma raridade literária”. Veríssimo descreveu com propriedade o artista que, por meio das letras de suas músicas, expressa seus pensamentos, utilizando-se de gírias e neologismos semânticos para brincar com a realidade do povo de seu país.

Gabriel O Pensador, como poucos artistas, consegue ler e interpretar o mundo no qual está inserido e como leitor proficiente infere sua crítica sobre a realidade de um povo que, há muito, contenta-se com o mínimo. Por intermédio da palavra, ele expõe sua visão de mundo e assume a voz do povo brasileiro, que se cala diante das injustiças sociais, econômicas e políticas. Segundo o cantor e compositor Lulu Santos, em Contino (2001):

Gabriel escreve o que ninguém mais no planeta/sistema/galáxia/grupo local/resto do universo, conhece melhor do que ele; ele mesmo o mínimo que um ser humano pode fazer durante a sua passagem por este vale d: a) lágrimas, b) gozos (escolha sua opção), é deixar claras suas pegadas. Isto o gabo faz. Como já tive a oportunidade de dizer antes, o cara tem nome de arcanjo, vc pode sentir sua presença por um leve farfalhar de asas. (CONTINO, 2001).

Compactuamos com o pensamento de Lulu Santos no que diz respeito à empatia de Gabriel O Pensador com relação às lágrimas e dores do mundo. Ele sente e toma pra si as dores do outro ser que, como ele, não concorda e nem compactua com os desmandos da classe dominante, principalmente nas últimas décadas, em que percebemos, pelas letras de suas músicas, a angústia em perceber a corrupção que assola o país e calar-se frente a isso.

Gabriel o Pensador iniciou a carreira de cantor de rap em 1992, com a polêmica música *Tô feliz (matei o presidente)*. Desde então, lançou quatro álbuns, firmando-se no cenário musical brasileiro, português e dos países africanos de língua portuguesa pela criatividade, irreverência e qualidade de seu trabalho (CONTINO, 2001).

Segundo a citação acima, retirada do livro *Gabriel o Pensador – diário noturno* (2001), Gabriel iniciou sua carreira em 1992 como cantor com a música *Tô Feliz (matei o presidente)*, no entanto, sempre gostou de escrever, como relatou nesse mesmo livro: “sempre gostei de escrever, desde os tempos da escola. Adorava fazer redação, principalmente quando a professora já dizia o tema” (CONTINO, 2001, p. 10). É considerado irreverente, pois não se importa em seguir as normas impostas pela sociedade, muito menos, preocupa-se em enfrentar quem quer que seja quando interpreta as letras de suas músicas, na grande maioria, de crítica social, como essa *Tô Feliz (matei o presidente)*, que se reporta ao impeachment de 1992, do ex-presidente do Brasil, Fernando Collor de Melo.

Com as letras da música do Gabriel O Pensador, podemos ensinar ao aluno o estudo do léxico, por meio dos neologismos semânticos ou mais precisamente da gíria, pois ele apropria-se da semântica para dar novas conotações às palavras ou termos que já fazem parte da língua portuguesa. Deixa por conta do leitor as interpretações desses neologismos, interpretações que ocorrerão conforme o conhecimento enciclopédico do interlocutor e por meio de uma leitura crítica da realidade, como escreveu Silva (1998):

É preciso, antes de mais nada, centrar nosso olhar e a nossa atenção sobre a realidade social brasileira, buscando o desvelamento dos seus modos de vivência, existência e sobrevivência. Isso porque a leitura, nas suas diferentes formas e configurações, cumpre propósitos e finalidades de comunicação entre os homens que interagem em sociedades específicas (SILVA, 1998, p. 21).

As letras das músicas do Gabriel O Pensador que serão analisadas neste trabalho cumprem com a função social da leitura crítica definida por Silva (1998), pois direcionam o olhar para a realidade brasileira, sem subterfúgios, e é dessa leitura de mundo, numa visão crítica da realidade, que nossos adolescentes necessitam para se reconhecerem enquanto cidadãos, que interferem em seu meio social e lutam pelos seus direitos.

Outro fator que merece destaque nas letras das músicas que serão o corpus deste trabalho é o contexto sócio histórico do Brasil nelas apresentado, pois seu intérprete faz um verdadeiro resgate da história, da política e da sociedade brasileira, inclusive com críticas ao sistema de governo atual. Braggio (1992) afirma:

O homem é real e concretamente concebido, não entendido isoladamente, mas inseparavelmente relacionado com seu contexto ativo, crítico, transformador; agente nesse contexto, portanto, passível de experimentar mudanças e contradições internas, capaz de mudar a si mesmo e à sociedade que o circunda através da linguagem e de sua práxis (BRAGGIO, 1992, p. 84).

Segundo Braggio (1992), o homem é real e concreto, produto da sociedade na qual está inserido e cabe a ele interferir no seu contexto social, fazendo críticas e questionando as práticas sociais que não contribuem para a evolução de seus pares. Isso porque só ele é capaz de mudar a si mesmo e a sociedade, por intermédio da linguagem, bem como a partir de uma práxis voltada para as relações sociais e para as reflexões políticas, econômicas e morais. Isso é feito com propriedade nas letras das músicas aqui estudadas, do Gabriel O Pensador. Braggio (1992, p. 85) continua afirmando que:

[...] o homem, humanizado pela linguagem, toma consciência de si mesmo e de sua realidade, reflete sobre ela, transforma-se e a transforma como sujeito e agente sócio-histórico. Característica específica do homem que o distingue dos outros animais, a consciência sócio-historicamente construída no coletivo, na cooperação, na ação é que lhe permite, pois, estar no mundo e com o mundo. Uma consciência tecida pela linguagem, pelo significado socialmente construído, base sobre o qual se erige o processo de comunicação entre os homens (BRAGGIO, 1992, p. 85).

Segundo Braggio (1992), por meio da linguagem o homem se humaniza e essa humanização o diferencia dos animais irracionais, pois ela lhe atribui a consciência do que ele já viveu no decorrer da história, como vive na atual sociedade e o que pode construir para as gerações futuras. Acreditamos que as letras de músicas que escolhemos para este trabalho nos dão suporte para levarmos essa reflexão aos nossos alunos, que, devido à falta de perspectiva de vida, vivem alienados e aceitam como verdade tudo o que é imposto pela classe dominante.

Optamos pelas letras de músicas aqui elencadas por acreditarmos que o professor tem muito mais compromisso com a sociedade do que acredita ter, pois, na sala de aula, ele tem a oportunidade de transmitir, não só o conhecimento científico, mas, também, conscientizar o aluno do papel social que ele exerce em sua comunidade. Concordamos com Almeida e Valente (2011, p. 14-15) ao citarem Freire (1996, p. 29), quando destacam que:

Compreendemos o conceito de currículo como uma construção social (Goodson, 2001) que se desenvolve em ato no âmbito da interação dialógica entre escola, vida, conhecimento e cultura e produz percursos diversificados. O currículo integra os conteúdos da cultura selecionados previamente segundo determinadas intenções para uso em situações de ensino e aprendizagem, com as concepções, valores, crenças, experiências, recursos, tecnologias, estratégias mobilizadas na situação pedagógica.[...] Para o professor tomar consciência do seu papel no desenvolvimento do currículo, é preciso que ele reflita continuamente sobre as questões: “o que, como, para que, para quem, a favor de quem” se organiza o ensino com vistas à “reconstrução do saber ensinado” (FREIRE, 1996, p. 29) (ALMEIDA E VALENTE, 2011, p.14-15).

Valente e Almeida (2011), como nós, também acreditam que o currículo precisa estar pautado em objetivos concretos, procurando definir o que é ensinado, para quem e com que finalidade. Cabe à escola oportunizar a construção social do educando, em um ambiente que lhe proporcione uma reflexão sobre a vida, sobre valores e crenças. Tudo isso com consciência do que é, onde está, o que o cerca e aonde quer chegar.

Acreditamos que um caminho para se desenvolver uma educação de qualidade está em a escola oferecer um ambiente de diálogo entre professor e aluno por meio de uma interação social, em que a linguagem do professor alcance o aluno. Para isso, nada melhor do que o educador apropriar-se de um gênero musical e de um intérprete que se utilize dessa linguagem para ministrar suas aulas. Dessa forma, ele tem a possibilidade de trabalhar a análise linguística e fazer com que o aluno reflita sobre o mundo do qual faz parte e, por meio dessa reflexão, agir criticamente para posicionar-se diante do que está posto, beneficiando-se de um instrumento poderoso que é a linguagem.

Para concretizar este trabalho, apresentamos uma proposta de sequência didática para alunos do nono ano do Ensino Fundamental II de escola pública.

3.2 PROPOSTA DE ATIVIDADES

Série: 9º ano - Ensino Fundamental

Quantidade de aulas: 10h/a

3.2.1 Objetivos

Na elaboração da proposta de atividades, consideramos os seguintes objetivos:

- a) Apresentar uma proposta de intervenção para o ensino de língua portuguesa por meio do estudo do léxico;
- b) Explorar, nas aulas de língua portuguesa, um gênero textual que faça parte da realidade do aluno: rap;
- c) Reconhecer diferentes situações comunicativas, respeitando suas características, modos de construção textual e variação linguística;
- d) Desenvolver habilidades de leitura crítica, observando os neologismos semânticos populares ou gírias presentes, bem como suas funções no gênero rap;
- e) Construir um glossário com os neologismos identificados nas letras das músicas analisadas.

3.2.2 Conteúdos/Aprendizagens esperadas

- a) Gênero Textual: letra de música;
- b) Gênero musical: rap;
- c) Variação linguística;
- d) Linguagem figurada – metáfora, metonímia e polissemia;
- e) Neologismo semântico: neologismo popular – gíria;
- f) Contexto sócio-histórico;
- g) Seleção lexical com intencionalidade (explícita e implícita).

3.2.3 Situação de ensino e aprendizagem

1º Momento – Investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre o que será estudado, fazendo os seguintes questionamentos:

- a) Vocês gostam de música? Que gênero musical preferem? Conhecem o rap?
- b) O que é Hip-hop?
- c) Que relação há entre o hip-hop e o rap?
- d) Alguém poderia explicar o que é gíria?
- e) No Rap há gíria?
- f) Quem já ouviu falar do intérprete e compositor: Gabriel O Pensador?

- g) Alguém sabe o gênero musical que Gabriel O Pensador interpreta?
Conhecem alguma música dele?

2º momento- Exibir o clip do Gabriel O Pensador cantando a música: *Chega!*

- a) Após a exibição do vídeo, retomar as perguntas feitas anteriormente e proporcionar um debate na sala, ouvindo as respostas dos alunos e tirando as possíveis dúvidas.
- b) Exibir slides, pausadamente, com as definições de hip-hop, rap, gírias e a biografia do Gabriel O Pensador. No momento da leitura dos slides, o professor vai dialogando com os alunos, se entenderam, o que precisa ser ampliado e, assim, cria um ambiente de troca do conhecimento.

3º momento – Interpretações da letra da música e associação ao contexto sócio histórico

- a) Distribuir a letra da música para os alunos e pedir a eles que a leiam individualmente;
- b) Após a leitura, perguntar se desconhecem algumas das palavras do texto, quando sim, procurar, com eles, o significado no dicionário;
- c) Indagar sobre qual temática aborda a música, dentro da temática, qual assunto é focado com mais precisão, se o assunto focado faz parte do contexto-histórico do Brasil. Enfim, proporcionar outro debate sobre as possíveis interpretações que os alunos subtraíram da letra da música.

Chega
Gabriel O Pensador
Chega! Que mundo é esse, eu me pergunto
Chega! Quero sorrir, mudar de assunto
Falar de coisa boa, mas na minha alma ecoa
Agora um grito eu acredito que você vai gritar junto

A gente é saco de pancada há muito tempo e aceita
Porrada da esquerda, porrada da direita
É tudo flagrante, novas e velhas notícias
Mentiras verdadeiras, verdades fictícias
Polícia prende o bandido, bandido volta pra pista
Bandido mata o polícia, polícia mata o surfista
O sangue foi do Ricardo, podia ser do Medina
Podia ser do seu filho jogando bola na esquina

Morreu mais uma menina, que falta de sorte
 Não traficava cocaína e recebeu pena de morte
 Mais uma bala perdida, paciência
 Pra ela ninguém fez nenhum pedido de clemência

[Refrão]

Chega! Que mundo é esse, eu me pergunto
 Chega! Quero sorrir, mudar de assunto
 Falar de coisa boa mas na minha alma ecoa
 Agora um grito eu acredito que você vai gritar junto
 Chega! Vida de gado, resignado
 Chega! vida de escravo de condenado
 A corda no pescoço do patrão e do empregado
 Quem trabalha honestamente tá sempre sendo roubado

Chega! Água que falta, mágoa que sobra
 Chega! Bando de rato, ninho de cobra
 Chega! Obras de milhões de reais
 E milhões de pacientes sem lugar nos hospitais
 Chega! Falta comida, sobra pimenta
 Chega! Repressão que não me representa
 Chega! Porrada pra quem ama esse país
 E bilhões desviados debaixo do meu nariz
 Chega! Contas, taxas, impostos, cobranças
 Chega! Tudo aumenta menos a esperança
 Multas e pedágios para o cidadão normal
 E perdão pra empresas que cometem crime ambiental
 Chega! Um para o crack, dois para a cachaça
 Chega! Pânico, morte, dor e desgraça
 Chega! Lei do mais forte, lei da mordaca
 Desce até o chão na alienação da massa

Eu vou, levanta o copo e vamos beber! (3x)
 Um brinde aos idiotas incluindo eu e você

Democracia, que democracia é essa?
 O meu direito acaba onde começa o seu, mas onde o meu começa?
 Os ratos fazem a ratoeira e a gente cai
 Cada centavo dos bilhões é da carteira aqui que sai
 E a gente paga juros paga entrada e prestação
 Paga a conta pela falta de saúde e educação
 Paga caro pela água, pelo gás, pela luz
 Pela paz, pelo crime, por Alá, por Jesus
 Paga imposto, taxa, aumento do transporte
 Crise na Europa e na América do norte
 Os assassinos na Febem, o trabalho infantil na China
 E as empresas e os partidos envolvidos em propinas

Presidente, deputados, senadores, prefeitos
 Governadores, secretários, vereadores, juízes
 Procuradores, promotores, delegados, inspetores
 Diretores, um recado pras senhoras e os senhores
 Eu pago por tudo isso, imposto sobre o serviço
 Taxa sobre o produto, eu pago no meu tributo
 Pago pra andar na rua, pago pra entrar em casa
 Pago pra não entrar no Spc e no Serasa
 Pago estacionamento, taxa de licenciamento
 Taxa de funcionamento liberação e alvará
 Passagem, bagagem, pesagem, postagem
 Imposto sobre importação e exportação, Iptu, Ipva

O Ir, o Fgts, o Inss, o Iof, o Ipi, o Pis, o Cofins e o Pasep
 A construção do estádio, o operário e o cimento
 Eu pago o caveirão, a gasolina e o armamento
 A comida do presídio, o colchão incendiado
 Eu pago o subsídio absurdo dos deputados
 A esmola dos professores, a escola sucateada
 O pão de cada merenda, eu pago o chão da estrada
 A compra de cada poste eu pago a urna eletrônica
 E cada árvore morta na nossa selva amazônica
 Eu pago a conta do Sus, cada medicamento
 A maca que leva os mortos na falta de atendimento
 Paguei ontem, pago hoje e amanhã vou pagar
 Me respeita! Eu sou o dono desse lugar!

4º Momento– Análise semântica – seleção e contextualização da gíria

- a) Pedir aos alunos para grifarem, no texto, todas as palavras ou termos que eles considerem como gíria;
- b) Depois de identificarem as gírias nas letras da música, o professor pede para que essas gírias sejam socializadas com o significado do texto, ouve a interpretação de cada aluno e verifica se os significados socializados são consenso da turma;
- c) Explicar que isso ocorre porque a língua está viva e sofre transformações por meios dos neologismos semânticos, enquanto umas palavras caem em desuso outras surgem. Além disso, em algumas situações, as palavras não mudam a forma da escrita, mas ganham outro significado, e isso não é feito sem embasamento, a estrutura da língua tem elementos que contribuem para essa mudança.

5º Momento – Exibir slides, com recursos oferecidos pela língua, que possibilitem a formação dos neologismos semânticos:

- a) Perguntar o que os alunos sabem sobre: léxico, neologismo, Semântica, neologismo semântico, linguagem figurada, polissemia, metáfora, metonímia, Informação explícita e implícita, variação linguística, vocabulário de baixo calão, glossário e verbete.
- b) Ouvir o que os alunos sabem sobre o conteúdo relacionado na letra *a*, escrever no quadro branco as respostas deles, fazer um debate para verificar

o nível de conhecimento de cada um sobre o assunto e, em seguida, exibir slides com os conceitos.

6º Momento – Contextualizar os conceitos exibidos nos slides com a letra da música.

Juntamente, alunos e professor, devem associar cada conteúdo apresentado nos slides às situações práticas da letra da música.

7º Momento – Montar glossário

Verificar todos os neologismos semânticos da música e montar, junto com os alunos, um glossário com o significado literal e neológico do contexto – neologismo semântico.

8º Momento – Produções dos alunos

Levar para a sala de aula as letras das músicas: Rap do Mensalão, Paz e Até quando? Montar 03 (três) equipes e distribuir as letras das músicas, de maneira que cada equipe trabalhe a letra de uma música, ficando assim distribuído:

Equipe 01 - Rap do Mensalão

A política no país é pura decepção, um escândalo abafa o outro e ninguém vai pra prisão e a onda do momento é o maldito mensalão.
Estou vivendo estressado, quase louco alucinado, pego duro no batente e todo mês eu sou roubado.
A poluição detona minha cabeça, e antes que eu me esqueça, viva a vida e não pereça.
O mundo hoje em dia tá todo na contra mão, só se fala em guerra, fome e nesta tal.
Corrupção, êpa onde está o ladrão? Deve está em sua ferrari, passeando de avião ou tomando seu wísque repousando na mansão e quem sempre leva pau é o coitado pobretão.
A vida é muito boa eu luto pra não morrer, sou honesto e pego duro no pesado, faço tudo pra viver.
O deputado corrupto só pensa em meter a mão, chega pro honesto diz, eu já li o seu projeto e cheguei a conclusão, o seu plano é muito bom, vai ajudar a nação, mas para ele virar lei, tem que ter o mensalão, estou deitado aguardando me dê uma posição, ele vai ser aprovado se tiver o mensalão.

Se o povo tá sofrendo, eu não sou remédio não, deixa de conversa mole eu quero o meu na minha mão.

Eu só quero o mensalão, eu só quero o mensalão, deixa de conversa mole e molha logo a minha mão, minha mala está cheia dentro do meu avião, estou saindo de férias vou passear no Japão, deixa de conversa mole e joga a grana em minha mão.

Político só quer te ver quando vai ter eleição, fica só te abraçando e te chamando de irmão, mas quando chega ao poder vira as costas pro povão. O país tá balançando tá no fio da navalha, o povão é gente boa, corre briga e batalha, o político é demagogo, traidor é um canalha, vive esmagando o pobre que só luta e trabalha.

Criança esperança, futuro desta nação, siga em frente, aprenda o que é bom e tenha muita confiança, não fique se perguntando o que é esse mensalão, isso é coisa de bandido, homem mau sem coração que anda com a mala cheia dessa tal corrupção.

Alguns levaram trinta, outros bem mais de um milhão, estão preparando a pizza e sorrindo do povão.

Eu só quero o mensalão, eu só quero o mensalão, deixa de conversa mole e molha logo a minha mão, minha mala está cheia dentro do meu avião, estou saindo de férias vou passear no Japão, deixa de conversa mole e joga a grana em minha mão.

Equipe 2 - Pela paz a gente berra

Aqui se planta, aqui se colhe, mas pra flor nascer é preciso que se molhe
 É preciso que se regue pra nascer a flor da paz
 É preciso que se entregue com amor e muito mais.
 É preciso muita coisa, e que muita coisa mude
 Muita força de vontade e atitude
 Pra poder colher a paz tem que correr atrás. E tem que ser ligeiro!
 Pra poder colher a fruta é preciso ir à luta. E tem que ser guerreiro!

Refrão:

Pela paz a gente canta, a gente berra.
 Pela paz eu faço mais. Eu faço guerra.

Eu vou a luta, eu vou armado de coragem e consciência
 Amor e esperança
 A injustiça é a pior das violências
 Eu quero paz, eu quero mudança.

Dignidade pra todo cidadão
 Mais respeito, menos discriminação
 Desigualdade, não. Impunidade, não
 Não me acostumo com essa acomodação.

Eu me incomodo e não consigo ser assim, por que eu preciso da paz
 Mas a paz também precisa de mim.
 A paz precisa de nós. Da nossa luta, da nossa voz.

Paz, aonde tu estás? Aonde você vive? Aonde você jaz?
 Onde você mora? Onde te encontramos?
 Onde você chora? Onde nós estamos?
 Onde te enterramos? Que lar você habita?

Onde nós erramos? Volta, ressuscita.

Será que a paz morreu, será que a paz tá morta?
 Será que não ouvimos quando a paz bateu na porta?
 A paz que não tem vaga, na porta da escola
 A paz vendendo bala, a paz pedindo esmola
 A paz cheirando cola, virando adolescência
 Atrás de uma pistola virando violência.

Será que a paz existe, será que a paz é triste?
 Será que a paz se cansa da miséria e desiste?
 A paz que não tem vez, a paz que não trabalha
 A paz fazendo bico, ganhando uma migalha
 No fio da navalha, dormindo no jornal
 Atrás de ma metralha virando marginal

Será que a paz ataca, será que a paz tá fraca?
 Será que a paz quer mais do que viver numa barraca?
 A paz que não tem terra, a paz que não tem nada
 A paz que só se ferra, a paz desesperada
 A paz que é massacrada lutando por justiça
 Atrás de uma enxada, virando terrorista

Será que a paz assusta, será que a paz é justa?
 Será que a paz tem preço? Quanto é que o preço custa?
 A paz que não tem raça nem boa aparência
 A paz não vem de graça, a paz é consequência
 A paz que a gente faz, sem peso e sem medida
 Atrás dessa fumaça, paz virando vida.
 A paz que não tem prazo, a paz que pede urgência
 Não vai ser por acaso. A paz é consequência
 Não é coincidência nem coisa parecida
 A paz a gente faz, feito um prato de comida.

Eu vou a luta, eu vou armado de coragem e consciência
 Amor e esperança
 A injustiça é a pior das violências
 Eu quero paz, eu quero mudança.

A violência não é só dos traficantes
 A covardia não é só dos policiais
 A violência também é dos governantes
 Dos homens importantes
 Não sei quem mata mais

Como é que a gente faz
 Pra medir a violência na emergência dos hospitais?
 A dor e o sofrimento
 Os filhos que não nascem, os pais que morrem sem
 atendimento?

Qual é a gravidade
 Do roubo milionário praticado por alguma autoridade
 Que tem imunidade, que compra a liberdade?
 Enquanto o cidadão honesto vive atrás das grades
 Com medo de um assalto à mão armada
 Pagando imposto alto e não recebendo nada

Qual é o grau do perigo
 Da falta de escola e de emprego, de prisão e de

abrigo?
 Qual é o pior inimigo
 Os pais da corrupção ou os filhos do mendigo?
 Quem é o grande culpado
 O ladrão, que tem cem anos de perdão, ou você, que
 vota errado?

Equipe 03 - Até Quando?

Compositor: Gabriel O Pensador/Tiago Mocotó/Itaal Shur

Não adianta olhar pro céu, com muita fé e pouca luta
 Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve, você pode,
 você deve, pode crer
 Não adianta olhar pro chão, virar a cara pra não ver
 Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus sofreu não quer
 dizer que você tenha que sofrer
 Até quando você vai ficar usando rédea?
 Rindo da própria tragédia?
 Até quando você vai ficar usando rédea? (Pobre, rico, ou classe média).
 Até quando você vai levar cascudo mudo
 Muda, muda essa postura
 Até quando você vai ficando mudo?
 Muda que o medo é um modo de fazer censura.

Até quando você vai levando?
 (Porrada! Porrada!)
 Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai levando?
 (Porrada! Porrada!)
 Até quando vai ser saco de pancada?

Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente, seu filho sem escola, seu
 velho tá sem dente
 Cê tenta ser contente e não vê que é revoltante, você tá sem emprego e a
 sua filha tá gestante
 Você se faz de surdo, não vê que é absurdo, você que é inocente foi preso
 em flagrante!
 É tudo flagrante! É tudo flagrante!

A polícia matou o estudante, falou que era bandido, chamou de traficante.
 A justiça prendeu o pé-rapado, soltou o deputado... e absolveu os Pms de
 vigário!

A polícia só existe pra manter você na lei, lei do silêncio, lei do mais fraco:
 ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco.
 A programação existe pra manter você na frente, na frente da Tv, que é pra
 te entreter, que é pra você não ver que o programado é você.
 Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar.
 O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar.
 E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar
 Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá.
 Consigo um emprego, começa o emprego, me mato de tanto ralar.
 Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra raciocinar.
 Não peço arrego, mas onde que eu chego se eu fico no mesmo lugar?
 Brinquedo que o filho me pede, não tenho dinheiro pra dar.
 Escola, esmola!

Favela, cadeia!
Sem terra, enterra!
Sem renda, se renda!
Não! Não!!

Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente.
A gente muda o mundo na mudança da mente.
E quando a mente muda a gente anda pra frente.
E quando a gente manda ninguém manda na gente.
Na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura.
Na mudança de postura a gente fica mais seguro, na mudança do presente a gente molda o futuro!
Até quando você vai levando porrada, até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai ficar de saco de pancada?
Até quando você vai levando.

- a) Disponibilizar 60 minutos para que as equipes leiam, debatam e identifiquem a temática, a crítica social, o contexto sócio histórico e contemporâneo por elas abordado;
- b) Proporcionar um debate para que cada equipe socialize o que identificou nas letras que cada uma analisou, levando em consideração os questionamentos do item b;
- c) Dispensar 45 minutos para que os alunos identifiquem nas letras das músicas analisadas: neologismos semânticos, variedades linguísticas, inclusive as gírias e palavras de baixo calão, etc.
- d) Pedir aos alunos que criem um glossário com os neologismos semânticos, identificando o sentido literal e o neológico;
- e) Mediar a socialização do trabalho de cada equipe com a sala para que uma possa contribuir com o trabalho da outra.

9º Momento – Culminância

- a) Organizar uma exposição do glossário dos neologismos semânticos construídos a partir das letras das músicas analisadas pelos alunos e apresentá-lo à comunidade escolar.

3.3 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE ATIVIDADES

3.3.1 Gênero musical Rap, Compositor e intérprete Gabriel O Pensador e Gíria

A proposta foi aplicada no nono ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública urbana. Iniciamos a aula dando boas-vindas aos alunos e fazendo uma breve apresentação.

Dando continuidade, seguimos os procedimentos elencados na proposta, com indagações sobre o conhecimento prévio da turma a respeito do que seria estudado. Começamos perguntando se eles gostavam de música. A resposta foi que todos gostam. Quando perguntamos que gênero musical eles preferiam, houve divergências, uns preferem música gospel, alguns são ecléticos, outros citaram sertanejo, mas a maioria disse que preferia funk e hip-hop.

Perguntamos o que era hip-hop e se eles conheciam rap. Eles disseram que o rap era uma versão musical mais lenta e o hip-hop mais agitada. Nesse momento, percebemos que eles não tinham conhecimento da diferença entre esses dois estilos, então, exibimos o slide O Hip-Hop e o Rap, que explica a diferença entre o movimento cultural e a música que faz parte desse movimento. Pedimos a um aluno para ler o slide e explicar o que tinha entendido do que leu. Nesse momento, percebemos a surpresa dele e dos colegas ao descobrirem que a concepção que tinham sobre o hip-hop e o rap não condizia com a realidade.

O *hip-hop* é um movimento cultural juvenil que surgiu na década de 1960, nas periferias de Nova York e Chicago (EUA), e foi uma iniciativa de jovens afro-americanos que pensaram em uma forma de expressão alternativa à situação de violência que viviam, fruto do descaso do poder público. Assim, passaram a falar da sua realidade por meio da dança (*break dance*), da pintura (*grafite*) e da música (*rap*).

O *rap* é a trilha sonora do *hip-hop*: por meio das letras feitas pelos MCs (mestres de cerimônia), antes acompanhadas apenas pelas músicas mixadas por Djs (*Dis Jockeys*), eles falam do descaso, da violência e da miséria que vivem todos os dias. O espaço de manifestação do hip-hop, inicialmente, era as ruas. (FIGUEIREDO, BALTHASAR, GOULART, 2012, p. 77).

Após compreenderem que o gênero musical é o rap, relataram a discriminação entre algumas pessoas, principalmente, entre as famílias tradicionais, com relação ao referido gênero, qualificando-o como música de bandidos, de marginal, etc. Em seguida, perguntamos se eles sabiam o que é gíria. Uma aluna disse que gíria é a linguagem dos jovens, outra respondeu que é a redução das palavras, tais como: msm, vc, cmg. Um menino deu exemplo do Sabiá da novela, que falava: o fulano tá frito, passa a visão, morô e tô ligado. Nesse momento, percebemos que não eram leigos no assunto e, para ampliar o conhecimento deles

sobre gíria, exibimos dois slides sobre o tema. O primeiro, com a definição de Biderman (2001), o segundo, de Preti (1984):

A gíria é uma criação popular que nasce na busca de maior expressividade; às vezes; é motivada por outra causa, a saber: dificultar a decodificação da mensagem. (BIDERMAN 2001, p.206).

A análise da gíria não oferece as mesmas perspectivas em todas as línguas. Em algumas, ela aparece como um vocabulário criptológico, ligado à vida e a cultura de grupos sociais restritos. Em outras, a gíria se apresenta como um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante – a gíria comum (PRETI 1984, p. 19).

Projetamos os slides e solicitamos a uma aluna que lesse em voz alta, explicasse à turma o que tinha entendido sobre as informações lidas e, aos demais, que contribuíssem na explicação, caso o colega tenha deixado de perceber alguma informação importante. A primeira coisa que perguntaram foi o significado de criptológico. Então, pedimos que pegassem o dicionário e verificassem. Foi o que fizeram e, na proporção que iam tecendo comentários, eu os auxiliava tirando as dúvidas.

Prosseguindo, perguntamos se no rap há gíria e se eles conheciam o Gabriel O Pensador. Foram unânimes em afirmar que há gíria no rap, mas nem todos conheciam o intérprete e compositor citado, alguns ouviram falar, mas não se interessavam pelas músicas dele, preferiam Os Racionais. Após esse debate, apresentamos-lhes o slide com a biografia do Gabriel O Pensador, o que causou curiosidade em conhecer as músicas, pelo fato de observarem que nelas ele aborda o contexto sócio-histórico do Brasil.

Gabriel, O Pensador é cantor e compositor, um dos mais populares e irreverentes *rappers* brasileiros. De origem inusitada para o gênero – é branco e de classe média alta -, distante da realidade do negro de periferia e, por isso, ainda hoje discriminado pelos puristas do *rap*, Gabriel produz letras que reúnem crítica social e moral (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2012, p. 77).

3.3.2 Leitura e análise da música *Chega*, de Gabriel O Pensador

Depois de conhecerem um pouco sobre Gabriel O Pensador, exibimos o vídeo da música “Chega”. Eles observaram atentamente, logo, perguntamos se eles

já conheciam essa música ou outra do mesmo intérprete. Para nossa surpresa, não conheciam nenhuma, mas ficaram interessados em conhecê-las.

Para facilitar o entendimento e a interpretação da canção, distribuímos entre eles a letra da música e colocamos novamente o vídeo, assim, eles liam e ouviam. Até esse momento, não provocamos nenhuma discussão sobre a interpretação, pedimos que, individualmente, lessem a música e destacassem todas as palavras desconhecidas e procurassem o significado no dicionário. O que fizeram com muita precisão.

Em seguida, perguntamos sobre qual temática Gabriel aborda na música *Chega* e, dentro da temática, quais assuntos são focados com mais ênfase e se os assuntos focados fazem parte do contexto histórico do Brasil. Responderam que a música fala do que acontece no Brasil.

Então, solicitamos que fizessem uma relação desses acontecimentos citando fragmentos da música e eles elencaram dez problemas sociais que são:

- 1) Violência: *bandido mata polícia, polícia mata o surfista. O sangue foi do Ricardo, podia ser do Medina. Podia ser do seu filho, jogando bola na esquina;*
- 2) corrupção: *Chega! Bando de rato, ninho de cobra [...] e bilhões desviados debaixo do meu nariz;*
- 3) descaso com a saúde pública: *Chega! Obras de milhões de reais e milhões de pacientes sem lugar nos hospitais;*
- 4) cobrança excessiva de impostos: *Chega! Contas, taxas, impostos, cobranças [...] paga imposto, taxa, aumento do transporte;*
- 5) falta de investimento em educação: *paga conta pela falta de saúde, educação;*
- 6) alienação: *A gente é saco de pancada há muito tempo e aceita. Porrada da esquerda, porrada da direita. Chega! Vida de gado, resignado. Chega, vida de escravo de condenado;*
- 7) crise econômica: *crise na Europa e na América do Norte;*
- 8) trabalho infantil: *os assassinos na Febem, o trabalho infantil na China;*
- 9) falta de segurança pública: *morreu mais uma menina, que falta de sorte. Não traficava cocaína e recebeu pena de morte. Mais uma bala perdida, paciência. Pra ela ninguém fez nenhum pedido de clemência;* e finaliza fazendo uma
- 10) crítica à postura dos políticos e autoridades do Brasil: *Quem trabalha honestamente tá sempre sendo roubado. [...] Presidente, deputados, senadores, prefeitos, governadores, secretários, vereadores, juízes, procuradores, promotores,*

delegados, inspetores [...] eu pago por tudo isso, imposto sobre o serviço [...] paguei ontem, pago hoje e amanhã vou pagar. Me respeita! Eu sou o dono desse lugar.

Esse debate foi bem produtivo, todos queriam falar ao mesmo tempo, dar opinião, fazer críticas ao governo e ao próprio sistema. Observamos que eles conseguiram enxergar o implícito, se posicionaram, questionaram, perguntaram sobre alguns impostos citados pelo texto, os quais nunca tinham ouvido falar antes e, dentro do possível, respondemos todas as perguntas.

Em seguida, pedimos que eles identificassem os neologismos semânticos - gírias do texto. A primeira palavra identificada foi o título da música *Chega*, que possui um significado diferente do dicionário e, na proporção que iam relendo a música, descobriram várias outras palavras, elencadas no glossário. Explicamos-lhes que isso ocorre porque a língua portuguesa está viva e sofre transformações por meio dos neologismos, dependendo do emprego da palavra, ela assume um determinado sentido, de acordo com o contexto. Enquanto umas palavras caem em desuso, outras surgem e, em alguns casos, elas não precisam mudar a forma como é escrita, o lugar onde está empregada proporciona-lhe um novo significado e isso não é feito sem um embasamento, a estrutura da língua portuguesa tem elementos que contribuem para que isso aconteça.

3.3.3 Referencial teórico

Após fazer essa explanação, perguntamos a respeito do que sabiam sobre Léxico e, para nossa surpresa, todos ficaram em silêncio. Depois de um tempo, eles relataram que nem conheciam esta palavra. Segundo eles, nem conheciam a palavra. Exibimos, então, o conceito de Biderman (2001), Correia e Almeida (2012) e Welker (2005).

Léxico - um sistema aberto com permanentes possibilidades de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo individual do falante da língua, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade linguística (BIDERMAN, 2001, p. 12).

O léxico de uma língua é o conjunto de todas as palavras que dela fazem parte (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.11).

Na prática, o léxico é frequentemente considerado como conjunto de palavras com função não 'gramatical', isto é, dos nomes, verbos, adjetivos e da maioria dos advérbios; estão excluídos os morfemas presos [por exemplo, sufixos como *mente* e prefixos como *re*] e as chamadas palavras 'gramaticais', sendo que a fronteira é muito vaga (WELKER, 2005, p. 15).

O trabalho com os slides obedeceu a seguinte dinâmica: pedimos para que um aluno lesse e, posteriormente, dissesse o que entendeu da leitura, se ele não contemplasse todas as informações, o outro aluno complementaria e, assim, sucessivamente, até envolver toda a turma e verificar até que ponto eles conseguiam entender o enunciado sem a nossa mediação. Após a conclusão da leitura, sentimos a necessidade de explicar o que significa *um sistema aberto* e a diferença entre as classes de palavras que são consideradas lexicais e as gramaticais, fazendo com que compreendessem que é por intermédio do léxico que a língua evolui. Neste momento, algumas dúvidas a respeito do léxico foram tiradas

Em seguida, indagamos o que entendiam sobre neologismos. Alguns tinham uma leve noção, sabiam apenas que eram palavras novas e citaram a gíria como exemplo, principalmente as abreviações das mensagens nas redes sociais. Quando se esgotaram todas as opções de definições deles, exibimos os slides com o conceito de neologismo segundo Figueiredo, Baltazar, Goulart (2012), Biderman (2001) e Batista (2011).

Neologismo: quando se cria uma palavra ou expressão nova, ou ainda quando se atribui novo sentido a uma palavra, dizemos se tratar de um neologismo (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2012, p. 188).

Neologismo é uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Distinguem-se dois tipos de neologismos: 1) o neologismo conceptual e 2) o neologismo formal (BIDERMAN, 2001, p. 203).

Os neologismos classificam-se como processos produtivos de formação de palavras, reveladores, muitas vezes, de transformações de caráter sociocultural, caracterizadores da relação íntima que existe entre o léxico e os fatores externos da língua (BATISTA, 2011, p. 63).

A exemplo da metodologia utilizada com o léxico, pedimos que lessem os slides e fizessem comentários sobre o que entenderam, verificassem se o conhecimento sobre o assunto era o mesmo de antes, em quê as informações dos slides contribuíram para aprofundar o conhecimento sobre o tema em debate. Eles entenderam, que o neologismo acontece também com a mudança de significado de uma palavra já existente na língua, não apenas com grafia ou significante novo. Debates, também, sobre as palavras que mudam conforme o contexto sócio-histórico e elencamos algumas palavras como *petisqueira*, que mudou para armário, *pó compacto*, para blush, etc.

Dando continuidade à aula, perguntamos o que sabiam sobre Semântica e neologismo semântico, eles disseram que Semântica é o significado das palavras,

dissemos: está vago, vamos pensar mais um pouco e eles foram associando semântica a neologismo, até que uma aluna falou o seguinte: se eu disser que eu estou frita, não significa que passei por uma frigideira com óleo, mas que alguma coisa que estava planejando deu errado, frita, neste caso é um neologismo semântico. Concordamos com ela e exibimos os slides com o conceito de semântica, conforme Ferrarezi Jr. (2008) e Neologismo Semântico, segundo Biderman (2001) e Alves (1994).

[Semântica é] A ciência que estuda o significado [...] e as manifestações linguísticas do significado (FERRAREZI JR., 2008, p. 21).

Estudo que visa demonstrar de que diferentes formas os sistemas linguísticos conseguem, com seus instrumentos próprios, fazer uso de sentidos para ativar significados num processo de representação do mundo e seus eventos no qual esses sistemas linguísticos são intermediários. (FERRAREZI JR., 2008, p. 22).

[Neologismo semântico] No domínio dos neologismos conceptuais, verifica-se, às vezes, ampliação de um campo semântico através de novas conotações que vão sendo dadas a um significante (BIDERMAN, 2001, p. 204).

O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque..., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais (ALVES, 1994, p. 62).

Mais uma vez, pedimos que os alunos lessem os slides e dissessem se conseguiram, por meio deles, ampliar o leque de informações que já possuíam. Leram, debatemos, mas, para que entendessem melhor, precisamos fazer um resumo da estrutura da língua portuguesa, começando por Fonologia, como associação entre o som e a letra para formar as palavras; a Morfologia, como classificação das palavras conforme a função de cada uma; a Sintaxe, como organização das palavras para se obter o texto e da semântica, que são as várias significações que uma mesma palavra pode adquirir, dependendo do contexto em que ela apareça.

Continuando com a aula, dissemos aos alunos que, em algumas situações, a língua se apresenta a nós como linguagem figurada, utilizando-se da polissemia, e perguntamos o que eles sabiam sobre isso. Um aluno respondeu que a linguagem figurada ocorre quando o que está escrito não é verdade, outro disse que ela acontece quando o texto possui figuras. Com relação à polissemia, não sabiam nada. Dissemos a eles que a questão é um pouquinho mais complexa e exibimos os

slides com os dois conceitos, conforme Terra e Nicola (2008) e Figueiredo, Baltasar e Goulart (2012).

[Linguagem figurada] A linguagem está empregada no sentido figurado ou conotativo, em que a palavra apresenta-se com o seu significado alterado, permitindo diferentes interpretações, sempre dependendo do contexto em aparece (TERRA; NICOLA, 2004, p. 346)

[Os novos sentidos e a Polissemia] A palavras polissêmica é aquela que apresenta significados diferentes conforme o contexto. Muitos desses significados nascem do uso figurado da linguagem (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2012, p. 188).

Após a leitura dos slides, surgiram alguns questionamentos. O primeiro foi com relação ao sentido conotativo e o segundo foi referente ao uso figurado da linguagem. Dissemos que um complementa o outro, a linguagem é utilizada no sentido figurado quando as palavras são conotativas, isto é, dizem muito mais do que parece dizer, é quando as palavras possuem várias interpretações e isso ocorre, também, por meio das figuras de linguagem e perguntamos o que eles sabiam sobre elas. Eles citaram a metáfora, dizendo que é quando uma coisa quer dizer outra, e então, exibimos dois slides, um falando sobre metáfora e o outro sobre Metonímia/sinédoque, definidos por Terra e Nicola (2004).

[Metáfora] Consiste em utilizar uma palavra, ou expressão, em lugar de outra, por haver entre elas uma relação de semelhança, de similaridade. Toda metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece. Observe o exemplo: “Meu pensamento é um rio subterrâneo” (Fernando Pessoa) (TERRA; NICOLA, 2004, p. 349).

[Metonímia/Sinédoque] Consiste em empregar um termo no lugar do outro com o qual s mantém uma relação de contiguidade (autor pela obra, parte pelo todo, lugar pelo produto, etc.). Seguindo uma tendência moderna, não estabeleceremos distinção entre metonímia e sinédoque, já que ambas se sustentam na mesma relação de pertinência, de vizinhança. Exemplo: “O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas”. (Carlos Drummond de Andrade) (TERRA; NICOLA, 2004, p. 350).

Os alunos fizeram a leitura dos dois slides e entenderam, principalmente, porque têm exemplos após as definições, mas reforçamos a explicação ampliando os exemplos, como de autor pela obra, pois quando dizemos que lemos Machado de Assis, o que fizemos foi ler a obra de Machado. A partir daí, eles deram outros exemplos e retomamos a metáfora. Dissemos para eles que esta figura acontecia com a comparação sem o elemento comparativo “como” e entre seres de universos diferentes, quando comparamos o homem a um leão, o homem faz parte dos animais racionais e o leão dos irracionais.

Outro questionamento que fizemos à turma foi o que eles entendiam sobre informações explícitas e implícitas. Um aluno respondeu que explícito é o que se vê e implícito é o que está escondido, dissemos que ele estava certo e continuamos instigando: E em um texto, como eu consigo identificar as informações que não estão explícitas? Nesse momento, exibimos o slide com conceito de informação explícita e implícita, conforme Ferrarezi Jr. (2008).

[Informação explícita e implícita] Muitas vezes, ao construir um texto, criamos sequências de sinais que, em certos contextos e em certos cenários, permitem uma interpretação que vai bem além do que está explicitamente dito pelos sinais. Esses sentidos que vão além do que é dito são os sentidos implícitos. [...] Exemplo: Quando eu digo “O carro da sua mãe quebrou”, além de minha afirmação sobre a quebra do carro, eu estou “dizendo” mais algumas coisas que são necessárias para a compreensão da frase ou que dela decorrem. Algumas delas parecem bem claras: 1. “Você tem mãe”; 2. “Sua mãe possui um carro”; “Carros são do tipo de coisas que quebram” (FERRAREZI JR., 2008, p. 173-174).

Nesta citação, fizemos a leitura para a turma, parando e dando ênfase aos exemplos citados. E quando finalizamos, perguntamos se tinham entendido, se era isso mesmo que eles sabiam sobre as informações explícitas e implícitas. Para nossa surpresa, uma aluna disse: “O próprio texto faz com que a gente entenda. O que não aparece, que são as informações implícitas, é só procurar entender todo o enunciado que o texto traz”. Concordamos com ela e esclarecemos mais algumas dúvidas.

Outro assunto debatido foi quanto às variações linguísticas, visto que a letras das músicas do Gabriel O Pensador são recheadas dessas variações e, e como vínhamos fazendo desde o início, perguntamos o que entendiam sobre variações linguísticas. A maioria citou as gírias, outros falaram que é a língua formal e a informal. Quando perguntamos qual a diferença da linguagem formal para a informal, eles disseram que na formal as palavras são utilizadas corretamente e na informal de forma errada. Explicamos que não existe certo e errado, o que existe é o adequado e o não adequado, que o que precisamos é adequar a nossa língua à situação de uso. Para que eles entendessem melhor do que estávamos falando, exibimos dois slides, com a definição segundo Travaglia (2009).

Os dialetos são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. [...] os estudos sobre variação linguística registram pelo menos seis dimensões de variação dialetal: a territorial, a

social, a de idade, a de sexo, a de geração e a de função (TRAVAGLIA, 2009, p. 42).

Novamente, pedimos a uma aluna que lesse o slide e dissesse o que entendeu e ela leu. Entendeu as variações em função da época, da região, mas não soube explicar quando varia de um grupo social para outro. Colocamos a dúvida dela para a turma e os alunos foram relacionando os grupos que acreditam ter sua maneira específica de falar, entre eles, citaram os surfistas, os advogados, os médicos e as pessoas que não tiveram acesso à educação e, em algumas situações, escrevem ou falam fora das normas impostas pela língua culta.

Após o debate sobre as variações linguísticas, informamos à turma que iríamos fazer um glossário com os neologismos semânticos populares - gírias da música Chega, do Gabriel O Pensador, e perguntamos se sabiam o que é um glossário. Alguns alunos sabiam, disseram que era a explicação de algumas palavras de um texto e que, geralmente, vem ao lado ou abaixo dele. Outros não tinham nem noção do que estávamos falando. Pedimos que abrissem o livro didático que utilizam nas aulas de língua portuguesa e observassem um glossário que estava ao lado de um texto. Após observarem o glossário no livro, perceberam do que se tratava e, para esclarecer melhor o assunto, exibimos um slide com a definição de glossário segundo Welker (2005).

Levantamento das palavras-ocorrências e das acepções que têm num texto manifestado [...]. Portanto, se encontram geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelos autores: “as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de ato de fala produzido num dado tempo e lugar (WELKER, 2005, p. 25).

Em seguida, pedimos que a turma lesse o conceito de glossário segundo Welker (2005) e convidamos um voluntário para explicar o que tinha entendido da leitura. Após a explicação, percebemos que ele tinha entendido superficialmente, pois não sabia o significado de algumas palavras como: acepções, lexicógrafo e corpus. Foi então que pedimos a outro aluno que procurasse o significado das palavras no dicionário e, nesse momento, mais dois alunos se dispuseram a falar, cada um procurou uma palavra, complementamos tirando as dúvidas que iam surgindo.

Para finalizar o debate sobre os conteúdos trabalhados, perguntamos se alguém sabia o que era verbete. Ninguém sabia, desconheciam completamente esta palavra e continuamos indagando se todos sabiam procurar o significado das palavras nos dicionários. Todos sabiam, então, solicitamos que abrissem o dicionário e procurassem o significado de verbete. Eles abriram e leram, mas não sabiam o que significavam as letrinhas que vinham antes do conceito, e, então, projetamos o slide com a definição de verbete, segundo Bueno (2000). “VERBETE (ê), s. m. Nota; apontamento; conjunto de vários significados e exemplos referentes a um vocábulo em um dicionário ou enciclopédia. ver.be.te (BUENO, 2000, p. 793)”.

Explicamos que esse (ê) é fechado e é dessa forma que a palavra é pronunciada, que *s* significa substantivo, o *m* significa masculino, e que a repetição da palavra no final do conceito e indicando como ela é separada em sílabas. As demais informações eles entenderam e finalizamos a teoria sobre os conteúdos.

3.3.4 Teoria e Prática

Para que o conteúdo desta proposta tenha significado para os alunos, sugerimos que identificassem o que tinha sido trabalhado na letra da música em estudo. Para isso, entregamos-lhes uma cópia dos slides exibidos em sala de aula e solicitamos que eles identificassem na letra da música *Chega* todos os assuntos estudados.

No primeiro momento, fizemos uma releitura da letra da música e, em seguida, solicitamos que procurassem, pelo menos, dois exemplos de classes de palavras pertencentes ao Léxico e observassem a função delas no texto. A partir da observação das palavras, os alunos iniciaram o trabalho pelos Substantivos. Selecionaram as palavras *mundo*, pois é ele que o autor questiona; *gente*, porque representa as pessoas que sofrem com os desmandos da classe dominante, e *sangue*, que significa a morte de pessoas inocentes. Em seguida, identificaram três adjetivos: *boa*, que está qualificando o substantivo coisa; *novas* e *velhas* que qualificam o substantivo notícia; depois verbos: *chega*, que transmite a ação de parar, não dá continuidade ao que está acontecendo; *quero*, por exprimir a vontade de alguém, e *gritar* como forma de não calar-se frente ao que discorda; e, por último, advérbios: *não*, que exprime negação discordância; *mais*, indica intensidade, no

texto refere-se à mais uma morte, e *aqui*, representa lugar, espaço, no texto refere-se à carteira de onde sai o dinheiro para pagar impostos.

Continuando, selecionaram um termo ou oração em que pudéssemos identificar: semântica, neologismos semânticos, linguagem figurada e metáfora. A frase foi: *A gente é saco de pancada*, que se reporta à falta de respeito da classe dominante para com as pessoas menos favorecidas social, política e financeiramente. As palavras *saco* e *pancada* estão empregadas no sentido conotativo, caracterizando, assim, a linguagem figurada e, conseqüentemente, neologismo semântico e gíria. Na mesma oração, identificamos a presença de metáfora, pois há uma comparação entre *gente* e *saco*, ambas fazem parte de universos diferentes e não há entre elas a presença do elemento comparativo *como*.

Dando seqüência à análise, os alunos selecionaram as frases: *bando de rato*, *ninho de cobra*, e classificaram-nas como polissêmicas, pois na letra da música *Chega*, as palavras *bando*, *rato* e *cobra* adquiriram um significado que supre a necessidade do contexto, divergindo do sentido denotativo. Na música, esse enunciado se refere a alguns dirigentes do Brasil que roubam do povo o direito a uma vida digna, proveniente dos benefícios proporcionados pelos impostos pagos.

Outro conteúdo identificado foi a sinédoque/metonímia por meio de duas orações. A primeira é: *E bilhões desviados debaixo do meu nariz*. A palavra *nariz* está representando a pessoa, o autor apropriou-se de uma parte do corpo para representar o todo. A segunda: *Eu vou, levanta o copo e vamos beber*. Não se bebe o copo e, sim, a bebida dentro dele, assim ele utilizou o recipiente pelo conteúdo, para transmitir a mensagem.

O último aspecto estudado foram as variações linguísticas, identificadas pelos alunos na oração: *Pra ela ninguém fez nenhum pedido de clemência*. Na variação culta, a palavra é *para*. Mas, no contexto aqui empregado, o compositor da música optou por *pra*. Acreditamos que ele fez essa opção para aproximar-se mais da linguagem oral, em que, na maioria das vezes, os falantes fazem uma síncope da palavra, reduzindo-a para facilitar a comunicação.

Nesta música, não percebemos a presença de palavras de baixo calão, comum nas letras do Rap, nem outras variedades como regional ou territorial, social, de idade, de sexo, de geração e de função. Gabriel O Pensador focou nas variedades culta e coloquial.

Concluída a análise linguística da letra da música *Chega*, lemos novamente o texto, selecionamos as palavras consideradas neologismos semânticos populares, e construímos para elas uma definição, que somente foi aplicada após todos os alunos entrarem em consenso de que, no contexto, o neologismo possuía aquele significado. Os neologismos elencados na letra da música em estudo serão apresentados posteriormente, junto com os das músicas *Pela paz a gente berra*, *Rap do mensalão* e *Até quando*.

3.3.5 Interpretação das letras das músicas: *Pela paz a gente berra*, *Rap do mensalão* e *Até quando*

Prosseguindo com as atividades da proposta de intervenção, convidamos à frente da sala três voluntários e pedimos que, alternadamente, cada voluntário fosse chamando um componente da turma para montar sua equipe de trabalho. Com as equipes formadas, distribuimos as letras das músicas: primeira equipe – *Rap do mensalão*; segunda - *Pela paz a gente berra* e a terceira – *Até quando*?

Com o texto em mãos, orientamos-lhes que, primeiro, fizessem uma leitura silenciosa e individual, depois compartilhada e em voz alta e, posteriormente, verificassem se existia alguma palavra desconhecida, se houvesse, procurassem o significado no dicionário, que foi levado para a sala no início da aula. Para nossa surpresa, os alunos conheciam o significado de praticamente todas as palavras do texto.

Concluída a etapa de leitura, solicitamos que cada equipe identificasse, na letra da música que estava trabalhando, as informações explícitas e implícitas e situassem-nas no contexto sócio-histórico brasileiro. Para isso, teriam que apontar a temática da música, os assuntos abordados na temática, se a abordagem feita é negativa ou positiva e qual a mensagem transmitida aos interlocutores.

1ª Equipe

O primeiro grupo apresentou o trabalho feito com a letra da música: *Rap do Mensalão*, definindo o *Mensalão* como temática principal. Perguntamos-lhes o que significava *mensalão* e eles responderam que é mais um escândalo envolvendo alguns políticos do Brasil, mas não sabiam ao certo como ele funcionava. Então

explicamos-lhes que se refere a uma determinada quantia paga mensalmente aos deputados para favorecimento de interesses políticos partidários.

Identificaram como assuntos abordados, envolvendo a temática principal, a impunidade dos políticos que participam dos escândalos, citando o seguinte fragmento: *um escândalo abafa o outro e ninguém vai pra prisão*. Em seguida, a corrupção: *Pego duro no batente e todo mês sou roubado [...] O deputado corrupto só pensa em meter a mão*. Nesse momento, houve um grande debate, pois a maioria dos alunos expressaram sua indignação pela falta de seriedade de alguns dos políticos brasileiros, inclusive como se portam em época de eleições, manipulando os menos favorecidos, fingindo uma amizade que não existe para ganhar o voto e, posteriormente, usufruir dos benefícios que o cargo proporciona.

Para sustentar essa afirmação citaram: *Político só quer te ver quando vai ter eleição, fica só te abraçando e te chamando de irmão, mas quando chega ao poder, vira as costas pro povo*. Após a leitura do fragmento citado, nomearam alguns políticos conhecidos que, em todas as eleições, passam de casa em casa fazendo várias promessas que nunca cumpriram. Em seguida, disseram que a música mostra o contexto social e político do nosso país, onde um se beneficia com a miséria do outro, o que é permitido para a uns não é para outro e comprovaram citando: *Onde está o ladrão? Deve está em sua Ferrari, passeando de avião ou tomando seu wísque repousando na mansão e quem leva pau é o coitado pobretão*.

Quando perguntamos qual a opinião deles, com relação ao que tinham apresentado, disseram que precisávamos analisar melhor quem elegeríamos para serem nossos representantes no governo e mostraram indignação com a falta de punição para os corruptos, que são sempre os mesmos e continuam no poder. Após essa conclusão, finalizamos o debate sobre a música *Rap do mensalão* e continuamos com a segunda equipe.

2ª Equipe

O segundo grupo analisou a música *Pela paz a gente berra*. Identificaram como temática principal uma reflexão sobre a paz, destacando que, para adquiri-la o indivíduo necessita plantá-la, regá-la e, para isso, precisa amor e força de vontade, como mostra o fragmento da música: *Aqui se planta aqui se colhe [...] é preciso que*

se regue pra nascer a flor da paz. É preciso que se entregue com amor e muito mais [...] Pra poder colher a paz tem que correr atrás[...]. Conforme a música, colhemos o que plantamos e, para colhermos paz, precisamos passar por um processo de cultivo, em que se parte da semente, em seguida, germinação e, só então, colheremos o fruto, que é a paz.

Em seguida, apresentaram o que o eu lírico da música está disposto a fazer para obter a paz, vejamos: *Pela paz a gente canta, a gente berra. [...] Eu faço guerra [...] eu vou a luta[...] armado de coragem e consciência, amor e esperança.* Os alunos encontraram aqui uma contradição: como alguém procura paz e capaz de fazer guerra? Pedimos que analisassem as armas utilizadas na guerra, que eram coragem, consciência, amor e esperança. Após refletirem sobre o que falei, concordaram que a guerra em questão não envolve agressão violência.

Continuando a aula, os alunos elencaram alguns fatores que são responsáveis pela falta de paz. São eles: injustiça – *A injustiça é a pior das violências*; discriminação – *Mais respeito, menos discriminação*; desigualdade e impunidade – *Desigualdade, não. Impunidade, não*; acomodação – *Não me acostumo com essa acomodação.* Na sequência da música, o intérprete deixa claro sua insatisfação com a falta de compromisso e seriedade dos governantes do Brasil, que, ao invés de plantarem e regarem a paz, são tomados pela ambição de acúmulo de bens e, em sua grande maioria, realizam práticas ilícitas.

Na proporção que acumulam riquezas, os maus políticos tiram do povo o direito à segurança, saúde e educação de qualidade, demonstrando total desrespeito pelos menos favorecidos, atitudes que aprofundam o abismo social que separa ricos e pobres em nosso país, pois a igualdade de oportunidades fica apenas registrada na Constituição, enquanto na realidade, o povo tem seus direitos violados continuamente. Vejamos este fragmento da música: *A violência não é só dos traficantes. A covardia não é só dos policiais. A violência também é dos governantes. Dos homens importantes. Não sei quem mata mais.* Na verdade, ele classifica os governantes como sendo também responsáveis pela falta de paz.

O debate se estendeu, pois os alunos foram ficando revoltados e todos queriam falar ao mesmo tempo. Precisamos intervir e perguntamos-lhes que atitude nós, que fazemos parte do povão, precisamos tomar para alcançarmos a tão sonhada paz? Eles responderam que é não votar errado, e se votarmos, que não

nos caemos frente aos desmandos dos políticos. Com essa reflexão, encerramos a análise do segundo grupo e fomos ao terceiro grupo.

3ª Equipe

O terceiro grupo trabalhou com a música: *Até quando?* Identificou como temática a alienação do povo brasileiro, que se cala frente aos desmandos da classe dominante. Os alunos citaram alguns fragmentos da música que mostra o comportamento alienado de algumas pessoas. Vejamos: *Não adianta olhar pra céu com muita fé e pouca luta [...] Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer.* Associaram esses fragmentos às pessoas permissivas que acreditam que tudo o que acontece com elas é da vontade de Deus e não lutam para mudar a realidade, mesmo sendo infelizes e sofrendo nela. O intérprete alerta que não é porque Jesus sofreu na cruz que também precisamos sofrer.

Outro grupo de alienados elencado foi o de pessoas que são comandadas por outras sem questionar e nem discordar: *Até quando você vai ficar usando rédea? (pobre, rico, ou classe média) [...] Rindo da própria tragédia? Até quando você vai levar cascudo, mudo?* Quem usa rédea é animal irracional, quando precisa ser guiado pelo dono, sem opção de escolha e sem reclamar. Foi assim que os alunos classificaram algumas pessoas. É interessante observar que Gabriel O Pensador, nesse fragmento, incluiu pobre, rico e classe média, pessoas que, em algumas situações, se diminuem frente a outras, que se sentem no direito de dizer o que fazer e como fazer e, em algumas situações, mesmo não concordando, calam-se e obedecem. É nesse momento que ficam mudos, tornando-se coniventes com os mandantes.

Um outro fator de alienação é a mídia: *A programação existe para manter você na frente, na frente da tv, que é pra te entreter, que é pra você não ver que o programado é você.* Aqui, a crítica é direcionada aos alienados que acreditam em tudo o que os programas de televisão pregam e, enquanto estão na frente da tv, sendo entretidos, as decisões são tomadas. Então, em algumas situações, quando tomamos conhecimento dessas decisões, como uma lei, por exemplo, que beneficia a classe dominante ou exclui um direito do trabalhador, ela já foi aprovada e não se fez nada para impedir a aprovação.

Neste momento, foi falado aos alunos que é muito importante estar bem informado e a leitura é a nossa grande aliada neste sentido, pois só quando temos informações de fontes confiáveis, construímos um repertório de conhecimento, capaz de nos fazer compreender os fatos do cotidiano com criticidade. Também é necessária a consciência do mundo e de nós mesmos, para decidirmos pelas melhores escolhas.

Os alunos elencaram, também, a crítica feita ao descaso do governo com a educação, que gera falta de qualificação profissional e, conseqüentemente, desemprego: *Acordo não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar. O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar. E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar.* Ficou evidente a identificação da turma com a situação mostrada pelo Pensador, alguns alunos citaram exemplos de suas famílias, em que pessoas estão desempregadas porque não são formados, alguns não concluírem nem o Ensino Médio.

Finalizaram esta etapa do trabalho mostrando o apelo feito por Gabriel às pessoas, na tentativa de conscientizá-las de que precisam mudar de atitude, para que possam ser valorizados como cidadãos, com direitos iguais, como prega a Constituição Brasileira. Deixou isso bem claro ao escrever: [...] *quando a gente muda, o mundo muda com a gente. A gente muda o mundo na mudança da mente [...] e quando a gente manda, ninguém manda na gente.* A partir do momento em que o indivíduo toma consciência do seu papel na sociedade, interfere no seu meio e não se curva diante do outro, muito menos aceita ser manipulado como marionete.

Antes de encerrar a aula, perguntamos aos alunos que contribuições esse estudo tinha dado a eles e o que esses conteúdos e essa forma de estudar tinham promovido para o crescimento deles enquanto estudantes do nono ano.

Os alunos disseram que, até então, não se preocupavam com a letra das músicas que ouviam, só com o batuque, por isso alguns, mesmo gostando de rap, não conheciam Gabriel O Pensador e, por meio da interpretação das letras das músicas trabalhadas, passaram a analisar, também, as mensagens repassadas por elas.

Os estudantes posicionaram-se favoráveis ao apelo do Pensador e, acreditamos que irão refletir sobre o assunto e tentar mudar, para que outras pessoas percebam sua mudança e também mude.

3.3.4 Glossário

Quanto à construção do glossário, sua macroestrutura está relacionada ao modo como o glossário será organizado. Optamos por dispor os verbetes em ordem alfabética, levando em consideração o campo semântico do contexto de cada música, identificadas pela legenda. Esta estrutura leva em consideração a caracterização feita por Carvalho (2006, p. 201), que é a seguinte: “A gíria é caracterizada por: 1) Léxico próprio - *baderneiro*. 2) Alteração fonética – *manerar* (maneirar). 3) Modificações intencionais – *sifu*”.

Para este trabalho, utilizaremos a primeira classificação, já que estamos analisando a neologia semântica e o leitor imprime na gíria seu próprio conceito levando em consideração o contexto, no caso as músicas Chega, Rap do Mensalão, Pela paz a gente berra e Até quando, do intérprete e compositor, Gabriel O Pensador.

Quadro 4: Seleção das composições, legenda e intérprete

COMPOSIÇÕES	LEGENDA	INTÉRPRETE
<i>Chega</i>	C01	Gabriel O Pensador
<i>Rap do Mensalão</i>	C02	Gabriel O Pensador
<i>Pela paz a gente berra</i>	C03	Gabriel O Pensador
<i>Até quando?</i>	C04	Gabriel O Pensador

Fonte: Adaptado de Sousa (2008, p. 29)

A microestrutura feita foi baseada em Sousa (2008, p. 30): “Organização dos verbetes: *termo de entrada* + informação gramatical + definição + contexto + [código que indica o(s) texto(s) de onde foi (foram) extraído extraída(s) as ocorrência(s)”. No nosso caso, a entrada aparece em negrito, separadamente. Na linha seguinte, indicamos as informações gramaticais, em itálico, e a definição. Na linha seguinte, informamos o contexto, entre aspas, e a legenda da letra da música, entre colchetes. Tal como no exemplo a seguir:

<p>berrar <i>gír.</i> reclamar, não ficar calado “Pela paz a gente canta, a gente berra” [C03]</p>

Os neologismos semânticos populares (gírias) estão dispostos em ordem alfabética, sendo possível identificar, pela legenda, a qual letra de música pertence.

Glossário
<p>armado <i>gír.</i> Munido, provido, abastecido “Eu vou à luta, eu vou armado de coragem e consciência” [03]</p>
<p>atrás das grades <i>expr. gír.</i> preso “Enquanto o cidadão honesto vive atrás das grades” [C03]</p>
<p>balançar <i>gír.</i> desestabilizar, desestruturar “O país tá balançando tá no fio da navalha” [C02]</p>
<p>bando de rato <i>exp. gír.</i> ladrão, corruptos “Chega! Bando de ratos” [C01]</p>
<p>berrar <i>gír.</i> reclamar, não ficar calado “Pela paz a gente canta, a gente berra” [C03]</p>
<p>casculo <i>gír.</i> Traição, manipulação, agressão “Até quando vai levar casculo mudo” [04]</p>
<p>chegar <i>gír. Parar, estagnar, encerrar</i> “Chega! Que mundo é esse, eu me pergunto [C01] “Chega! Quero sorrir, mudar de assunto” [C01]</p>
<p>colher <i>gír.</i> receber as consequências do que faz “Aqui se planta, aqui se colhe” [03]</p>
<p>contra mão <i>exp. gír.</i> retrocesso, girando ao contrário “O mundo hoje em dia tá todo na contra mão” [C02]</p>
<p>corda no pescoço <i>exp. gír.</i> pressão, coação “A corda no pescoço do patrão e do empregado” [C01]</p>
<p>correr atrás <i>exp. gír.</i> lutar pelo que quer “Pra poder colher a paz tem que correr atrás” [03]</p>
<p>debaixo do nariz <i>exp. gír.</i> perto, junto “E bilhões desviados debaixo do meu nariz” [C01]</p>
<p>desce até o chão <i>exp. gír.</i> dançar “Desce até o chão na alienação da massa” [C01]</p>
<p>dormindo no jornal <i>exp. gír.</i> dormindo na rua, sem casa para morar “No fio da navalha, dormindo no jornal” [03]</p>
<p>Ecoar <i>gír.</i> lembrar, relembrar, não esquecer “Falar de coisa boa mas na minha alma ecoa” [C01]</p>
<p>esmagar <i>gír.</i> tirando o que é de direito, massacrando “O político é demagogo, traidor e um canalha, vive esmagando o pobre que só luta e trabalha” [C02]</p>
<p>esmola <i>gír.</i> salário “A esmola dos professores, a escola sucateada” [C01]</p>
<p>faço guerra <i>exp. gír.</i> não acovardar-se, ir em busca, posicionar contra, não concordar “Pela paz eu faço mais. Eu faço guerra” [03]</p>

<p>fio da navalha <i>exp. gír.</i> instabilidade “O país tá balançando tá no fio da navalha” [C02]</p>
<p>fumaça <i>gír.</i> obscuridade, sem visibilidade “Atrás dessa fumaça, paz virando vida” [03]</p>
<p>guerreiro <i>gír.</i> persistente, não desistir do que quer “E tem que ser guerreiro” [03]</p>
<p>ir à luta <i>exp. gír.</i> não desistir frente a obstáculo “Pra poder colher a paz tem que correr atrás” [03]</p>
<p>leva pau <i>exp. gír.</i> sofre as consequências “E quem sempre leva pau é o coitado do pobretão” [C02]</p>
<p>meter a mão <i>exp. gír.</i> roubar, apropriar-se do que é do outro “O deputado corrupto só pensa em meter a mão” [C02]</p>
<p>molhar a mão <i>exp. gír.</i> dar dinheiro, propina, corrupção “Molha logo a minha mão” [C02]</p>
<p>ninho de cobra <i>exp. gír.</i> Lugar de pessoas manipuladoras, mentirosas, falsas “Bando de rato, ninho de cobra” [C01]</p>
<p>numa cruz <i>exp. gír.</i> em situação difícil, em sofrimento “Se liga aí que te botaram numa cruz” [04]</p>
<p>onda do momento <i>exp. gír.</i> escândalo atual “E a onda do momento é o maldito mensalão” [C02]</p>
<p>país da corrupção <i>exp. gír.</i> maus políticos “Qual é o pior inimigo? Os pais da corrupção ou os filhos do Mendigo?” [03]</p>
<p>pé-rapado <i>gír.</i> pobre, sem condição financeira e nem social “A justiça prendeu o pé-rapado, soltou o deputado... e absolveu os PMs do Vigário” [04]</p>
<p>pizza <i>gír.</i> impunidade “Alguns levaram trinta, outros bem mais de um milhão, estão preparando a pizza e sorrindo do povão” [C02]</p>
<p>plantar <i>gír.</i> fazer, praticar “Aqui se planta, aqui se colhe” [03]</p>
<p>poluição <i>gír.</i> diversas informações ao mesmo tempo “A poluição detona minha cabeça” [C02]</p>
<p>ressuscitar <i>gír.</i> voltar, reaparecer “Onde nós erramos? Volta, ressuscita!” [03]</p>
<p>saco de pancada <i>exp. gír.</i> qualquer um bater “A gente é saco de pancada há muito tempo e aceita” [C01]</p>
<p>sem coração <i>exp. gír.</i> insensível, sem sentimento “Homem mau sem coração que anda com a mala cheia dessa tão corrupção” [C02]</p>
<p>sangue <i>gír.</i> morte</p>

<p>“O sangue foi do Ricardo, podia ser do Medina” [C01]</p>
<p>usar rédea exp. gír. cabresto, alguém guiado por outro, sem direção própria “Até quando você vai ficar usando rédea?” [04]</p>
<p>vai levando exp. gír. vivendo de qualquer jeito, deixando para depois “Até quando você vai levando” [04]</p>
<p>vai pro saco exp. gír. é excluído “A polícia só existe pra manter você na lei, lei do silêncio, lei do mais fraco: ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco” [04]</p>
<p>vida de gado exp. gír. manipulado “Chega! Vida de gado, resignado” [C01]</p>
<p>voltar pra pista exp. gír. volta a praticar crimes, volta para as ruas “Polícia prende o bandido, bandido volta pra pista” [C01]</p>

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma proposta didática para o ensino de língua portuguesa para o nono ano do Ensino Fundamental II de escola pública da zona urbana. Esta proposta pretende colaborar e dar sugestões de como ensinar a língua portuguesa por meio do estudo do léxico, tendo como objeto de pesquisa os neologismos semânticos populares – gírias.

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos o gênero textual letra de música popular brasileira. E, dentre os gêneros musicais, optamos pelo rap, por fazer parte da realidade dos alunos. Dentre os intérpretes brasileiros do rap, decidimos por Gabriel O Pensador, do qual escolhemos como *corpus* quatro músicas: *Chega*, *Rap do Mensalão*, *Pela paz a gente berra* e *Até quando*.

A escolha desse gênero se justifica por fazer parte do cotidiano do aluno, servir como entretenimento, possuir informatividade e possibilidades múltiplas para se explorar a língua, inclusive na plurissignificação dos neologismos semânticos populares das palavras ou termos. Além dos neologismos semânticos populares, identificamos, também, o contexto sócio-histórico do Brasil.

Para atingir este objetivo, dividimos este trabalho em quatro partes: a primeira é a Introdução, na qual apresentamos o problema que motivou esta pesquisa, os objetivos do trabalho, a estrutura e a proposta de intervenção. A segunda trata das Ciências do Léxico que são: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Para desenvolvermos o capítulo, iniciamos definindo léxico, as ciências do léxico, palavra, vocábulo, termo, verbete, dicionário, glossário e vocabulário. Após as definições dos conteúdos, foram trabalhadas as relações de sentido, o léxico e o texto, o léxico e a gramática, o léxico e as variações linguísticas.

No terceiro capítulo, apresentamos a neologia e o neologismo. Iniciamos com as definições de neologia e neologismo, e continuamos com a classificação dos neologismos em: fonológicos, sintáticos, outros processos, por empréstimo, por conversão, semântico e, por último, o semântico popular – gíria.

O quarto capítulo apresenta a proposta de intervenção, começando pela metodologia do trabalho e, em seguida, a justificativa da escolha das letras de músicas como instrumento, do rap como gênero musical, de Gabriel O Pensador como intérprete e por último a proposta de atividade. A proposta de atividades foi executada em cinco encontros de duas horas aulas, perfazendo um total de 10h/a.

No primeiro dia, iniciamos as atividades com uma acolhida de boas-vindas e apresentações, já que não ministramos aulas nesta turma. Em seguida, apresentamos à turma os objetivos da proposta e os conteúdos que seriam trabalhados. Dando prosseguimento, perguntamos quem gostava de música, se conheciam Gabriel O Pensador, se gostavam das músicas dele e o que sabiam sobre gíria. Todos gostavam de músicas, alguns conheciam o autor, outros não, mas a maioria gostava de rap. Quanto à gíria, mostraram um conhecimento superficial, apenas com abreviações que, segundo eles, é a língua dos jovens. Em seguida, exibimos o vídeo da música Chega, de Gabriel O Pensador, os alunos ficaram entusiasmados e cantaram juntos.

Na sequência, houve o momento de perguntas e respostas, além do debate sobre o assunto. Após, exibimos slides com as definições dos questionamentos feitos, seguido de esclarecimentos sobre as dúvidas.

No segundo dia, continuamos com o diagnóstico dos conteúdos que seriam trabalhados e, na proporção que apresentávamos os conteúdos, os alunos diziam o que sabiam ou não sobre o tema. A fase da sondagem sobre as informações prévias foi seguida pela exibição de slides com as respectivas definições para leitura em conjunto. Geralmente, após a leitura, havia outro debate e, nesse momento, explicávamos o que ainda não tinha ficado claro para eles.

No terceiro dia, associamos teoria e prática, distribuimos a letra da música e pedimos que os alunos identificassem os conteúdos trabalhados na letra, alguns conseguiram sozinhos, outros precisaram da nossa ajuda, mas todos cumpriram com a tarefa, uns total e outros parcialmente.

Após concluírem a primeira atividade do dia, pedimos que os alunos selecionassem e escrevessem o significado dos neologismos populares presentes no texto. Neste momento, eles precisaram da nossa ajuda, pois falam com a maior facilidade, mas têm dificuldade de escrever.

No quarto dia, formamos três grupos, quando distribuimos para cada um uma letra de música diferente e pedimos que lessem, identificassem as palavras desconhecidas e procurassem o significado no dicionário. Após a leitura solicitamos que fizessem uma interpretação da letra da música, com questionamentos sobre qual temática se referia, que e como os assuntos eram abordados e quais mensagens a letra de música transmitia.

Quando finalizou a análise, cada equipe fez a explanação de sua interpretação, no momento em que estavam socializando, se alguém não concordasse com a interpretação da equipe ou quisesse ampliá-la, pedia a palavra e fazia a sua inferência. Esse foi um dos melhores momentos da aula, pois percebíamos que eles tinham adentrado o texto e conseguido se enxergar neles, pois os questionamentos feitos por Gabriel O Pensador, sobre o contexto social, econômico e político do Brasil, vai ao encontro das necessidades deles.

No quinto dia, construíram o glossário da música *Chega*. As mesmas equipes que tinham apresentado o trabalho no dia anterior selecionaram os neologismos semânticos das músicas que estavam trabalhando, atribuindo-lhes um significado conforme o contexto apresentado.

A proposta foi aplicada com sucesso e conforme o planejado. Percebemos o interesse dos alunos quando descobriram que as aulas seriam com músicas, inclusive os que gostavam de rap não faltaram nenhuma aula. No primeiro encontro, vieram poucos alunos, mas, nos seguintes, o número foi aumentando, os que vieram foram falando para os outros como as aulas estavam sendo desenvolvidas e foi despertando o interesse de também participarem. Como as aulas foram ministradas no contra turno e alguns alunos moram longe da escola, houve dificuldade de retornar à tarde, mas, mesmo assim, faziam-se presentes.

As principais dificuldades encontradas foram: o fato de as aulas serem no contra turno e nem todos terem condição de estar na escola nos dois turnos; falta de estrutura da escola, que não tem ar condicionado, somente ventiladores barulhentos, poucos aparelhos de multimídia, e o mais preocupante de todos: falta de conhecimento básico sobre a estrutura da língua portuguesa, para a compreensão e discussão mais aprofundada. Algumas vezes, precisamos exceder o horário de aula porque os alunos tinham dificuldade de compreensão dos conteúdos, sendo necessário, portanto, explicações adicionais.

Os pontos positivos foram bem mais relevantes do que os negativos, pois os alunos que assistiram às aulas se envolveram, participaram, tiraram dúvidas, poucas vezes vimos, em sala de aula, alunos de 13 e 14 anos preocupadas com a situação social e política do nosso país. Eles conseguiram adentrar o texto do Gabriel O Pensador e emitir opinião sobre a temática em questão. E quando encontravam uma palavra que não fazia parte do vocabulário ou da realidade deles, perguntavam do

que se tratava. Podemos citar o exemplo do mensalão, pois foi necessário explicar o que foi o mensalão, como funcionava, quem estava envolvido, etc.

Assim, esta proposta trará contribuição para o estudo do Léxico e do contexto sócio-histórico do Brasil para os alunos do nono do Ensino Fundamental II. No entanto, tanto o léxico como o contexto sócio-histórico do país podem ser abordados de várias outras maneiras. Aqui, nos fixamos nos neologismos Semânticos populares/gírias e nas reflexões que Gabriel O Pensador faz com relação à situação social, econômica e política brasileira.

Vale ressaltar que esta é apenas uma proposta em que procuramos apresentar sugestões de como trabalhar a língua portuguesa de forma lúdica, prazerosa e significativa para o aluno. Cabe ao professor adequá-la à realidade de sua turma, se for o caso, apropriando-se de outros *rappers* ou até de outros gêneros textuais e musicais, desde que dialogue com a turma e cumpra com a finalidade da proposta, que é desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares para Ensino Fundamental**, Caderno 01, Língua Portuguesa. Rio Branco, Acre, 2010.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Arnaldo. **Tecnologias e currículo**: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.

ALVES, Ieda Marias. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1994.

ANTUNES, Irlandé. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Muito além da gramática**: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola, 2014.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença**: estudo introdutório. São Paulo: Parábola, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e alfabetização**: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2011.

_____, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CÂMARA JR, Matoso. **Dicionário de Linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. A criação neológica. In: **Revista Trama**, 2(4). Cascavel: Edunioeste, 2006.

CONTIER, Júlia. De Norte a Sul: Um estilo quase musical que serve de veículo a textos em geral libertários e de protestos. In: MAZZEU, Francisco José Carvalho; DEMARCO, Diogo Joel; KALIL, Luna. **Juventude e Trabalho** Brasília DF: Ministério

da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Coleção Cadernos da EJA, 2007.

CONTINO, Gabriel (o Pensador). **Diário Noturno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CORREIA, Margarita, ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em Português**. São Paulo: Parábola, 2012.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem**. Assis Chateaubriand. 2001. 40f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia), Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense. Paraná, 2001.

FERRAREZI JR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola, 2008.

FIGUEIREDO, Laura de, BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural: Leitura, produção e estudos de linguagem**. Ensino Fundamental 9º ano. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2012.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico: explicitação das normas da ABNT e VANCOUVER**. 18 eds. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2016.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do Léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Igdore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto 2012.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karina Siebeneicher (Org.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARTINS, Nilce Santana. **Introdução à estilística**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negrini (Org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2014.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SANTOS, Lulu. In CONTINO, Gabriel (o Pensador). **Diário Noturno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e Leitura – Ensaio**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SILVEIRA, Débora Maria Martins da. **Projeto Redação 2005: Gíri@s** Outra forma de comunicação. Folha Dirigida, Colégio Cidade – Colégio de Aplicação da UniverCidade. Fundação Biblioteca Nacional, 2005.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOUSA, Alexandre Melo de. O Léxico do Hip-Hop/Rap: A questão dos neologismos populares. In: **Caderno Seminal Digital**. vol. 09. Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência da poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Português de olho no mundo do trabalho**. Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Antônio. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortês, 2009.

URANO, Edgar. **A canção do rap**. Língua Portuguesa. A Construção do Texto. Ministério da Educação FNDE PNBE – Periódicos: Editora Seguintes, 2011.

VALENTE, André. Léxico e Discurso: neologia midiática. In: **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. In CONTINO, Gabriel (o Pensador). **Diário Noturno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília, Thesaurus, 2005.